

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**

**EMMANUELLE DIAS VACCARINI**

**QUEM VIVENCIOU O QUE?  
MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE INFÂNCIA EM RIO NOVO**

JUIZ DE FORA  
2009

**EMMANUELLE DIAS VACCARINI**

**QUEM VIVENCIOU O QUE?  
MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE INFÂNCIA EM RIO NOVO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: professora Dra. Eliane M. Borges

JUIZ DE FORA  
2009

Para Auta, Ana Lúcia, Maria Luíza, Mariinha, Telma, Lelena, Maria Pinto e Elylia

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar sou eternamente grata a Deus pela luz que clareia as etapas que venho conquistando, na busca pelo conhecimento.

Aos meus queridos pais Etel e Ângelo, meus pilares, sempre presentes na minha jornada. Mesmo com muitos obstáculos ao longo da vida, o exemplo de vocês faz com que acredite que a conquista pode ser obtida com persistência e amor. Amo muito vocês.

A minha amada avó Auta de Mello, a quem dedico esta pesquisa com muito carinho e saudade. Suas histórias sempre servirão de lição de vida e ajudarão a seguir o caminho que venho traçando ao longo de minha formação. Sinto sua falta.

A querida orientadora Eliane Borges, com quem muito identifiquei, mesmo antes de se tornar minha orientadora oficial. Seus conselhos, nossos estudos independentes, tutorias e orientações só fizeram com que eu tivesse a certeza de que acreditava no meu potencial e no avanço do processo de ensino-aprendizagem com as novas tecnologias.

Aos professores Sonia Miranda e Márcio Lemgruber pela tutoria na disciplina Memória e Saberes Docentes. Consegui ampliar meus horizontes ao lidar com as pessoas, seus sentimentos e suas memórias. Compreendi que lidar com o outro é lapidar diamante bruto, com cuidado para evitar arranhões. Professor Márcio, seu apoio foi essencial para continuar quando já estava desistindo.

Aos amigos verdadeiros que fiz na UaB. Foram muitos apoios para os momentos tensos que ocorreram ao longo desses dois anos, principalmente na fase final, quando o cansaço realmente bateu.

Ao querido professor Afonso Rodrigues, a quem tenho muito respeito e admiração. Seus incentivos e palavras experientes sempre são muito valiosos para mim.

Aos demais mestres e colegas de trabalho, que nesse período deram exemplos de ética, companheirismo, disciplina e amor ao lecionar.

Aos amigos sempre presentes nos momentos mais desafiadores e incertos, impregnados de alegrias, tristezas e crises profissionais e pessoais, meu carinho eterno.

As minhas damas de ouro, que contribuíram diretamente na realização deste projeto, sinto-me honrada em poder ouvir suas narrativas. Sinto-me realizada em saber que confiaram as lembranças de suas vivências.

*Obrigada a todos!*

*A Estrada*

*Você não sabe o quanto eu caminhei  
Pra chegar até aqui  
Percorri milhas e milhas antes de dormir  
Eu não cochilei  
Os mais belos montes escalei  
Nas noites escuras de frio chorei*

*A Vida ensina e o tempo traz o tom  
Pra nascer uma canção*

*Com a fé no dia-a-dia  
Encontro a solução*

*Quando bate a saudade  
Eu vou pro mar  
Fecho os meus olhos  
e sinto Você chegar, você  
chegar...*

*(Toni Garrido / Lazão / Da Gama / Bino)*

Lembrar não é reviver, mas refazer. É reflexão, compreensão do agora a partir do outrora, é sentimento, reaparição do feito e do ido, não sua mera repetição.

(BOSI, 2003, p. XX)

## RESUMO

O foco desta pesquisa foi investigar, através do relato oral das histórias de vidas de algumas professoras aposentadas da cidade de Rio Novo - localizada na Zona da Mata Mineira -, os elementos vivenciados na educação infantil de cada uma. A idéia de realizar a pesquisa em Rio Novo intensificou devido a um pré-conhecimento da história de que a cidade já foi considerada a segunda com o melhor ensino do estado, no início do século XX e a falta de pesquisa que analisa a educação da cidade, a partir do olhar do professor sobre sua trajetória. A proposta foi fazer com que essas professoras rememorassem os elementos que fizeram parte da educação que tiveram na infância, desde brincadeiras, família e alfabetização até o primário, ou seja, acontecimentos que de alguma forma deixaram marca e influenciaram na formação. Na minha busca, não pretendi colocar em xeque o emprego dos termos rural/urbano e popular/erudito, a proposta foi justamente me manter voltada para as histórias, para conhecer elementos que fizeram parte do processo educacional, vivenciados na infância. Meu objetivo aqui, não é julgar a veracidade dos fatos narrados, e sim conhecê-los e registrá-los para fins acadêmicos, sociais e históricos. Essa pesquisa foi o meio que encontrei de colaborar na revisão das práticas pedagógicas a partir do olhar do professor de Rio Novo, sobre sua trajetória. Minha intenção foi colaborar na ampliação dos estudos sobre a educação e do conhecimento de um ensino que não é o ensino no qual fui criada, mas sempre ouvia falar. Na pesquisa por mim realizada, busquei como principais referenciais teóricos Ecléa Bosi, Maurice Halbwachs, Pierre Nora, Walter Benjamin, Maria Teresa Assunção Freitas, Manuel Sarmiento e Manuel Pinto que serviram como embasamento teórico para que pudesse construir meus passos, pois são pesquisadores preocupados com memória, narrativas, história de vida e infância. Para a realização desta pesquisa, tive contato com algumas professoras que estavam dispostas a rememorar suas trajetórias, com intuito de contribuírem no avanço da educação, pois a partir dessas memórias narradas, elas próprias fizeram uma reflexão do processo educacional familiar e escolar, até o primário, que foi o recorte por mim definido. Para registrar essa pesquisa, utilizei como estratégia o recurso fílmico, no qual temos a possibilidade de perceber os gestos e as feições das narradoras de forma muito próxima, como se estivéssemos presentes no momento que aquela história foi contada. Trabalhar reconstruindo a memória dessas professoras foi permiti-las voltar no tempo e refazer momentos que ficaram marcados. Para mim, foi importante compreender os elementos vivenciados na infância, até o primário e conseqüentemente conhecer a educação ensinada/aprendida na cidade e apreciar um passado que poderia ter desaparecido, com os poucos registros em documentos impressos, já desgastados.

**Palavras-chave:** Memória - História Oral - História de vida - Infância – Educação.

## ABSTRACT

The main focus of this research was to investigate through verbal stories of histories of lives of some retired teachers from Rio Novo - In Zona da Mata Mineira -, the elements who lived deeply the infantile education of each one. The idea of this research in Rio Novo intensify due to a pre recognition of the city history already been considered the second best teaching method, of the State, on the beginning of 20<sup>th</sup> century and the missing research where analyses the city education, through a teacher path. The purpose was to make these teachers remembered the elements that were part of their education, in other words, moments that in some way left marks and influenced their graduation. On my research, I don't pretend to name the job on terms of rural/urban and popular/scholar, the purpose was just to maintain the educational procedured, lived on childhood. My objective here, it's not to judge the reality of the told facts, but to know and register them for academic, social and historical reasons. This research was a way I found to collaborate on the reviewing of the pedagogic practice since the teacher's point of view of Rio Novo, through their own path. My intention was to collaborate on the expansion of the studies on education and knowlodge of teaching in which it is not similar to what I was taught, but I've always heard. On this research done by me, I put as theoretical reference Bosi, Maurice Halbwachs, Pierre Nora, Walter Benjamin, Maria Teresa Assunção Freitas, Manuel Sarmiento and Manuel Pinto who helped as theoretical basement so that I could follow and build my own steps, because they are researchers worried with narratives memories, life history and childhood. For the accomplishment of this research, I contacted some teachers who were willingly remembering their own path, with the intention to contribute on the advance of the education, because since those narrative memories, they could make a reflection of the familiar educational and school process, until elementary school, where it was set the end defined by me. In order to register this research, I used some strategies of filmic resources, in which we have the possibily to see the gestures and the features of the narrators in a very close way, as if we were present on the moment that story was told. Working on reconstructing memories of these teachers was allowing them go back time and remake moments that were significant. To me, it was important to understand the elements lived on the childhood until the elementary and consequently know the taught education/learned of the city and appreciate the past which could have disappeared, with so few registers documents printed, already worned-out.

**Key Words:** Memories - Verbal Stories - History of lives - Childhood - Education

## SUMÁRIO

<b>1 “VEJO FLORES EM VOCÊ”</b>	<b>14</b>
<b>2 TEMPO DE REMEMORAR E NARRAR</b>	<b>19</b>
<b>2.1 “Boas e más recordações”</b>	<b>19</b>
<b>2.1.1 A origem da memória encontrada</b>	<b>23</b>
<b>2.1.2 Testemunhas do passado</b>	<b>24</b>
<b>2.2 Jaz em nós o esquecido</b>	<b>27</b>
<b>2.3 Fonte que narra</b>	<b>28</b>
<b>3 “TODO MUNDO TEVE INFÂNCIA”</b>	<b>33</b>
<b>3.1 Um passeio pelas sociedades</b>	<b>33</b>
<b>3.1.1 Pátria mãe gentil?</b>	<b>36</b>
<b>3.2 Como é construída a infância</b>	<b>37</b>
<b>3.3 “Eu quero os meus brinquedos novamente”</b>	<b>39</b>
<b>4 DE ONDE? E DE QUEM?</b>	<b>41</b>
<b>4.1 Construção dos primeiros passos</b>	<b>41</b>
<b>4.2 Bem me quer, mal me quer</b>	<b>42</b>
<b>4.3 “Nome do rio, terá a cidade”</b>	<b>46</b>
<b>4.4 Damas de ouros</b>	<b>53</b>
<b>5 QUEM VIVENCIAU O QUE? ENTRE 1920-1950</b>	<b>69</b>
<b>5.1 Brincadeiras infantis</b>	<b>70</b>
<b>5.1.1 Brincadeiras de rua</b>	<b>71</b>
<b>5.1.2 Bonecas</b>	<b>73</b>

5.1.3 Casinha	76
5.1.4 No terreiro	77
5.2 Educação Familiar	79
5.2.1 Os pais	79
5.2.2 Educadas pelos pais	83
5.3 Religião	85
5.4 Período Escolar	87
5.4.1 Alfabetização	88
5.4.2 Primário	92
MEMÓRIAS E HISTÓRIAS NÃO TERMINAM POR AQUI	101
REFERÊNCIAS	105
ANEXOS	109

## 1 – “VEJO FLORES EM VOCÊ”

De todo o meu passado  
Boas e más recordações  
Quero viver meu presente  
E lembrar tudo depois  
Nessa vida passageira  
Eu sou eu, você é você  
Isso é o que mais me agrada  
Isso é o que me faz dizer  
Que vejo flores em você

(Flores em você - Edgard Scandurra)

A idéia de realizar uma pesquisa que envolveu memória, história oral, história de vida e educação surgiu a partir de um interesse em conhecer as memórias e histórias de vida daqueles que possuem muito a contar, iniciado antes mesmo da Graduação em Artes.

O interesse em estudar memória foi iniciado nos tempos em que estudava no Conservatório de Música Haidée France Americano, no qual tive a oportunidade de desenvolver uma pesquisa sobre a história do folclore, com o falecido Wilson de Lima Bastos<sup>1</sup>. Tal pesquisa aguçou meu interesse em dedicar-me ao conhecimento das histórias que giram em torno dos costumes das sociedades.

Na graduação em Artes estruturei a monografia de conclusão de curso nos estudos sobre a música popular. Essa pesquisa resultou na biografia do sambista juizforano Armando Fernandes Aguiar<sup>2</sup>, mais conhecido como Mamão. A falta de registro sobre a vida e obra do sambista instigou-me a inscrever o até então projeto de conclusão de curso na Lei Murilo Mendes/edição 2005<sup>3</sup>, sendo aprovado para a produção de um DVD que contempla o material pesquisado.

Já com um caminho começando a ser percorrido na vida acadêmica, embora sem ter essa clara percepção, na graduação em Cinema, TV e Mídia Digital tive a oportunidade de produzir dois documentários que tratam de memória e história de vida: “REZAFÉ” (2005) e “Sinal Vermelho” (2004). “REZAFÉ” é um documentário realizado em Mini DV, com duração de 7

<sup>1</sup> Wilson de Lima Bastos era pesquisador folclorista da Zona da Mata e Presidente do centro de estudos Sociológicos de Juiz de Fora.

<sup>2</sup> Armando Fernandes Aguiar, o Mamão é sambista e compositor juizforano, tema da minha pesquisa de monografia em Artes. No ano de 2005 o material pesquisado foi aprovado na Lei Murilo Mendes de Incentivo à Cultura para se tornar um DVD, de caráter cultural, lançado em 26/09/2006.

<sup>3</sup> Lei Murilo Mendes de Incentivo à Cultura é um patrocínio, com verba pública municipal, para incentivar projetos culturais, que têm por princípios o resgate de valores históricos da cidade de Juiz de Fora.

minutos, no qual benzedoras explicam a origem da benção, o motivo pelo qual são procuradas e os tipos de rezas que realizam. O curta “Sinal Vermelho”, produzido em VHS, com duração de 4 minutos, apresenta os motivos e dificuldades de algumas pessoas que usam o sinal de trânsito em Juiz de Fora como espaço de trabalho, para vender balas, limpar pára brisas e/ou fornecer show pirotécnico a motoristas e passageiros.

Durante o curso de especialização foquei a investigação nas formas pelas quais o corpo pode transcender a realidade no sistema penitenciário. Questões como a divisão corporal nos espaços, o resgate das falas dos presos, os suplícios, as estratégias de poder que perpassam o discurso penitenciário, dentre outras especificidades do cotidiano da instituição prisão, foram analisadas através de interpretações do documentário “O prisioneiro da grade de ferro”<sup>4</sup>, que teve embasamento teórico a partir do pensamento de Michel Foucault<sup>5</sup>.

Ao analisar minha trajetória até aqui, consigo claramente perceber que meu interesse acadêmico sempre esteve ligado às questões da memória e da história oral. Por isso foi inevitável prosseguir nessa direção, com o intuito de contribuir com pesquisas que envolvam essas metodologias na/para educação.

No caso específico dessa pesquisa, meu interesse começou a pender pela cidade de Rio Novo a partir de uma necessidade que percebi ao longo da construção familiar de meus parentes. O que quero dizer é que, por muito tempo - e isso acontece até hoje -, muitas pessoas da minha família não conheceram, e ainda não conhecem, como foi nosso processo de construção familiar, ou seja, não sabem o nome de avós, bisavós e por aí adiante. Durante um longo período, a pessoa que poderia contar isso para os filhos, netos, bisnetos e quem mais quisesse ouvir, era minha avó Auta de Mello, que conhecia cada história da nossa família, pedacinho por pedacinho. Porém, eram poucos os que parava para ouvi-la, pois diziam que ela falava muito do passado e nada do presente e/ou do futuro.

Com seu falecimento em 2006, muitas informações se perderam e/ou ficaram com lacunas. Ela era a última anciã da família que poderia passar essas importantes informações. Hoje, só existe a lembrança dela e das coisas que me contou, nada registrado, nenhuma palavra gravada, nenhuma imagem que possa congelar, a não ser por algumas fotografias tiradas às

---

<sup>4</sup> O prisioneiro da grade de ferro é um documentário de 123 min. produzido por Paulo Sacramento, responsável pela realização da oficina de vídeo dentro do Carandiru em 2001, sete meses antes da imlosão do complexo.

<sup>5</sup> Michel Foucault filósofo francês que buscou a pesquisa comportamental sobre o homem.

escondidas, pois ela não gostava que tirassem fotos ou mesmo a filmassem. Sempre tive vontade de registrar as histórias que contava, mas respeitava o direito dela em não querer. Por isso, só tenho as lembranças e, de registro, a minha memória para contar um acontecido, quando alguém liga para minha casa a fim de saber o nome de um bisavô ou de um tataravô, que às vezes permanece esquecido, pois não consigo lembrar-me de tudo que ela me contava.

Lembro-me bem da época em que ficava sentada no chão de madeira da casa da minha avó - isso aconteceu parte da infância e adolescência -, para ela me contar as histórias de família e os “causos”<sup>6</sup> da cidade. Empolgava-me ouvir aquelas narrativas que, para mim, eram melhores que história, antes de dormir. Eu deixava de ir para a praia nas férias escolares só para ir a Rio Novo ouvir o que minha avó ia me contar. É bem verdade que muitas vezes as histórias se repetiam. Ela não se lembrava de ter contado antes. Eram os lapsos causados pelo tempo. Mesmo assim, gostava de ouvi-las, achava que ouvindo várias vezes a mesma história não a esqueceria e poderia passá-la adiante algum dia. Algumas, de fato, ainda me lembro claramente, e, às vezes, me vem alguns *flashes* dos gestos que ela fazia, mas muitas, talvez a grande maioria, ficou esquecida com o tempo.

Com o tempo e o espaço, a memória se torna fragmento de fatos, ou seja, as lembranças não ficam como foram recebidas e/ou os fatos como foram vivenciados, elas se dissolvem em pequenos lances que acabam por preencher o todo.

Devido a essa grande necessidade de passar as histórias adiante - e vejo que muita gente também o tem -, foi que decidi desenvolver minha pesquisa, no âmbito do curso de mestrado, a partir das histórias de vida que as memórias permitem contar, pois elas são os grandes elos entre passado, presente e futuro.

Embora o interesse em realizar a pesquisa na cidade de Rio Novo tenha se iniciado por questões familiares, foi o interesse pela educação que fez com que eu tivesse a certeza de que a pesquisa seria de fato realizada lá. Com um prévio conhecimento da educação de Rio Novo, que já foi considerada a cidade com o segundo melhor ensino no século XX e a falta de pesquisa sobre a educação da cidade, a partir do olhar do professor, já estava com o *lócus* de investigação e sujeitos definidos.

---

<sup>6</sup> Causos são histórias que caem no conto popular.

Inicialmente os sujeitos de investigação seriam professores aposentados, pois aqueles que já não estão mais na ativa possuem, normalmente, uma maior disponibilidade de tempo e interesse em contar histórias, principalmente as histórias vivenciadas. Porém, quando comecei a pesquisa de campo, as indicações de possíveis sujeitos apontavam somente para professoras, sete professoras que contribuíram com a pesquisa, cujo foco de estudo estava em investigar quais foram os elementos vivenciados que mais deixaram marcas e influenciaram o processo de formação. Não tinha o foco específico da questão, ou seja, dentre as histórias de vida narradas de acordo com evocação da memória, eu não tinha definido o recorte para minha posterior análise. Não sabia se analisaria a infância, a adolescência ou a prática docente.

Com as entrevistas marcadas e uma questão inicial a ser investigada, comecei o contato com as narradoras, que logo despertaram meu interesse em conhecer os elementos vivenciados em suas infâncias e analisar suas trajetórias, a partir do olhar delas próprias sobre suas vidas. Pronto, estava definido o recorte que eu faria na pesquisa, pois o que mais interessou foi a apreensão dos elementos vivenciados na infância. Eu queria conhecer suas histórias de vida, apreender o que elas vivenciaram quando crianças e que influenciou no processo de formação de cada uma e mais, eu queria conhecer um pouco da educação de Rio Novo, a partir das narrativas das professoras entrevistadas.

Meu intuito específico com essa pesquisa foi poder contribuir com uma revisão da educação da cidade de Rio Novo, a partir do olhar do professor sobre sua trajetória e, num sentido mais amplo, contribuir para o repensar das práticas educacionais, a partir das vivências e experiências ao longo da formação, pois a educação precisa estar sempre sendo revista.

Com a definição do local, sujeitos, questão, objetivos e relevância social da pesquisa, busquei autores como Ecléa Bosi, Maurice Halbwachs, Pierre Norá, e tantos outros citados ao longo desse trabalho, que deram suporte para minha construção teórica sobre a memória enquanto fenômeno social e a história oral, descritos no próximo capítulo.

No capítulo seguinte àquele que trata a memória e história oral, recorri aos estudos sobre a infância e sua construção social realizados por Manuel Pinto, Manuel Sarmiento, Kuhlmann Jr., dentre outros que me ajudaram a compreender como a infância foi construída ao longo dos séculos, de acordo com a sociedade.

Com as bases da pesquisa tecidas e costuradas pelo pensamento de Walter Benjamin, cujo pensamento perpassou toda a pesquisa, apresentei o *locus* de investigação para que se

pudesse saber de onde minhas narradoras falaram, bem como fiz uma breve apresentação das narradoras, antes de iniciar a análise de suas narrativas, para que o leitor conhecesse quem estaria falando.

Ao apresentar a cidade e as narradoras, entrei no capítulo que trata especificamente da análise das narrativas sobre os elementos vivenciados na infância, ou seja, uma análise das narrativas que abordam as brincadeiras com os colegas, a educação que receberam dos pais, as primeiras letras que vieram antes do período escolar e o primário, fase na qual começaram, de fato, os investimentos na escolarização, no contato com outros colegas que possuíam vivências diferentes, dentre outros que emergiram ao longo da análise do olhar das professoras sobre suas próprias trajetórias.

Realizar essa pesquisa foi permitir que minhas narradoras pudessem enxergar a si mesmas e a educação que tiveram ao longo da infância, a partir do olhar sobre suas trajetórias. Para mim, essa realização foi uma satisfação, por saber que me foram confiadas histórias de vida tão particulares e bem guardadas, com outras memórias de entes queridos que já se foram, professoras que acreditavam no potencial de seus alunos, discriminações vividas na infância e trabalhadas na prática, entre tantas outras com a mesma importância, apresentadas a partir de agora.

## 2 – TEMPO DE REMEMORAR E NARRAR

### 2.1 – “Boas e más recordações”

Já foi descrito muitas vezes o *déjà vu*. Será tal expressão realmente feliz? Não se deveria antes falar de acontecimentos que nos atingem na forma de um eco, cuja ressonância que o provocou parece ter sido emitida em um momento qualquer na escuridão da vida passada? Além disso, acontece que o choque com que um instante penetra em nossa consciência como algo já vivido, nos atinge, o mais das vezes, na forma de um som. É uma palavra, um rumor ou um palpitar, aos quais se confere o poder de nos convocar desprevenidos ao frio jazigo do passado, de cuja abóboda o presente parece ressoar apenas como um eco. Estranho que ainda não se tenha buscado o duplê desse êxtase: o choque com que uma palavra nos deixa perplexos tal qual um regalo esquecido em nosso quarto. Do mesmo modo que esse achado nos faz conjecturar sobre a desconhecida que lá esteve, existem palavras ou pausas que nos fazem pensar na pessoa invisível, ou seja, no futuro que esqueceu junto de nós. (BENJAMIN, 1995, p.89).

Ao longo da pesquisa realizada com professoras aposentadas da cidade de Rio Novo sobre a formação que cada uma teve, abordando, especificamente, a história de infância de cada uma e as experiências vivenciadas nessa fase da vida, preoquei-me em ouvir suas narrativas, que vinham à tona conforme a memória era evocada.

Ao adentrar nas histórias de vida que a mim foram confiadas, procurei sentir, perceber e compreender a importância da educação que tiveram ao longo da infância, ou seja, as marcas que ficaram impregnadas e que, ao serem rememoradas, fizeram com que minhas narradoras fossem sujeitos de suas próprias histórias, críticas e analíticas de suas próprias vivências.

Durante as entrevistas, procurei não manipular as respostas pelas questões. Puxei pontos-chave como história da infância em casa, na escola, nas brincadeiras e deixei que elas falassem o que vinha à tona.

Para seguir com a metodologia de trabalho focada na memória e história de vida, também chamada história oral, busquei embasamento teórico à luz do pensamento de Walter Benjamin, Jacques Le Goff, Ecléa Bosi e Maurice Halbwack, que seguem a linha de pesquisa que utiliza os recursos da memória e da história oral.

Mas por que trabalhar com memória de professoras aposentadas?

De acordo com Pollack (1989) trabalhar com memória e história oral é permitir que o sujeito de sua própria história possa revisitar seu passado através da narrativa e, dessa forma, analisar todo o contexto de seu processo de formação e sua relação com o outro, através de elementos constitutivos da memória, como os acontecimentos vivenciados pessoalmente, acontecimentos vividos por “tabela” (Pollack, 1992), personagens e lugares. Um fenômeno há muito estudado e que explica a capacidade que a memória tem de reconstruir momentos e selecioná-los organizadamente.

Para Freitas (1998), muitos pesquisadores, de diversas áreas, vêm estudando a memória e possuem concepções psicológicas variadas para tentar explicá-la. Uns buscam explicar a memória como um substrato material, como se ela fosse uma função cerebral, outros com uma visão idealista, acreditam que a memória esteja vinculada a questões do espírito.

Na psicologia, a memória é analisada como um ponto exato em que há o cruzamento entre imagens visuais e atividades mentais, de forma que o ato de lembrar fica dependente desses fatores estruturais que significam a imagem. De fato, a memória possui uma função decisiva no processo psicológico e varia no sujeito conforme seu relacionamento com a família, com a classe social, com a educação escolar, com a religião e com a carreira escolhida.

De acordo com o idealista Bérghson (2006), a memória é percebida como a relação entre corpo e espírito e possibilita algumas capacidades mentais como pensar, conhecer, entre outros. Elementos que fazem parte do cotidiano dos sujeitos e de sua relação com o mundo.

Já Vigotski (2008), em seus estudos sobre memória, analisa a memória como parte de uma concepção histórica, em que o funcionamento mental provém da cultura e da história social, arquivados na memória. Dessa forma, comprova sua teoria através de estudos que acompanham o funcionamento da memória no homem. Ele explica a existência de funções mentais: as funções mentais elementares e as funções mentais superiores. As funções mentais elementares estão presentes no organismo e são próprias do desenvolvimento biológico ou natural acometidos nos animais e em crianças, que passam de seres biológicos a seres sociais, de acordo com as funções mentais superiores, responsáveis pela formação de um sistema psicológico ligado ao caráter e ao relacionamento com o outro e com o mundo, próprios do humano.

Mediante isso, podemos perceber que o nosso comportamento está vinculado a determinada situação e à forma como estamos inseridos nela, o que permite que nossa ação seja descrita em palavras, com o intuito de que essa ação seja significada.

Em seus estudos Vigotski (2008) concluiu que existem dois tipos de memória. A mecânica, que é a memória imediata, na qual o sujeito controla o rumo da sua lembrança, o que faz com que o sujeito tenha um desenvolvimento particular, e a memória lógica, que, ligada a signos verbais, ajudam o homem a controlar suas futuras lembranças.

O pensamento de Vigotski nos permite perceber que a memória está ligada ao modo como o sujeito enfrenta o mundo, conforme a situação que lhe é imposta, portanto, apreendemos que a memória não é simplesmente uma imagem do passado que pode ser revisitada, ela está ligada as práticas de comunicação e pode influenciar na tomada de consciência do sujeito.

Assim aconteceu nas entrevistas. Às narradoras foi imposta uma determinada situação, que era falar sobre suas vivências de infância e, mediante isso, procuraram controlar suas lembranças focadas no momento pontuado, o que permitiu não só compreender o processo educacional infantil pelo qual todas passaram, como histórias que se entrecruzaram e permitiram um olhar mais abrangente.

Embora não tenha conseguido aprofundar-se nos estudos sobre memória, visto que faleceu ainda muito jovem, Vigotski contribuiu significativamente para a compreensão da memória enquanto fenômeno social presente no homem, de acordo com a sociedade na qual está inserido.

Mas não foi só Vigotski quem chegou à conclusão de que a memória é um fenômeno social. Maurice Halbwack, nos anos de 1920-30, transcendeu a idéia de que a memória era a conservação do passado de cada ser humano e chegou à certeza de que ela é capaz de sofrer transformações e alterações constantes, pois se completam com a memória do outro, visto que é limitada pelo fator tempo-espaço. Ele argumentou que a memória é um fenômeno social e pode sofrer variações conforme o momento em que está sendo expressa.

Além das transformações acometidas na memória, existem momentos tão marcantes que ficam registrados de forma que não se alteram e não sofrem transformações, como percebi ao longo das entrevistas. Em dados momentos as narradoras voltavam ao mesmo ponto, sem seguir rigorosamente a cronologia dos fatos narrados. De acordo com Pollack (1992) “é como se, numa história de vida individual – mas isso acontece igualmente em memórias construídas

coletivamente - houvesse elementos irreduzíveis, em que o trabalho de solidificação da memória foi tão importante que possibilitou a ocorrência de mudanças”.

Enquanto contavam suas infâncias, iam e voltavam aos fatos narrados, que aos poucos eram lembrados. Um rememorar pelas brincadeiras, pela família e pela escola que permitiu a cada uma perceber e analisar sua vida.

Assim como minhas narradoras evocaram a memória de infância e puderam analisá-la, Walter Benjamin no texto “Infância em Berlim”, datado de 1932, relembra sua infância e, dessa forma, narra importantes momentos vivenciados que o fazem rememorar pessoas e situações. Um texto que representa uma escolha pela vida e que mostra que, ao lembrar, o narrador está vivo e que é o sujeito de sua própria história. Ao lembrar sua infância ele faz uma importante observação sobre o uso da memória e critica a sociedade moderna e consumista, voltada mais para as informações que se esgotam no tempo que são vividas do que para as vivências que deixam marcas e vêm à tona quando a memória é evocada. Um texto em que Benjamin ora dialoga com Freud, Jung e a psicanálise, ora com Baudelaire, Allan Poe, Proust e a poética, permitindo, assim, que uma fenda no tempo seja aberta, para se transportar ao passado.

Benjamin compreende, ainda, que a memória simplesmente não possui alto valor, pois animais e computadores também a possuem. O que dá valor à memória, no caso dos homens, o que diferencia é o ato histórico que o homem tem de rememorar a partir do tempo presente, um ato que aguça a crítica intelectual, gestos e poética.

De acordo com Benjamin (1995)

Somente quem soubesse considerar o próprio passado como fruto da coação e da necessidade seria capaz de fazê-lo, em cada presente, valioso ao máximo para si. Pois aquilo que alguém viveu é, no melhor dos casos, comparável à bela figura à qual, em transportes, foram quebrados todos os membros, e que agora nada mais oferece a não ser o bloco precioso a partir do qual ele tem de esculpir a imagem de seu futuro. (p.42)

É importante analisarmos nosso passado enquanto sujeitos de nossa própria história, para, a partir daí, repensarmos o futuro. No caso de professoras, refletir sobre a formação as faz repensar suas práticas. Nas entrevistas, percebi que, enquanto narravam suas histórias de infância, as próprias professoras analisavam criticamente suas vivências.

Para Freire (1996), é muito importante ter vivências apreendidas nas ruas, em família e nas escolas. Ele comenta como um gesto de um professor que aparentemente é insignificante pode ser tão profundamente marcante, a ponto de fazer com que o aluno carregue essa lembrança por toda sua vida. De acordo com Freire (1996, p. 48) “as vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor”.

De fato, por várias vezes pude comprovar isso ao longo das entrevistas, pois as narradoras contavam casos de gestos – e iam repetindo para mostrar -, de movimento, ou mesmo de postura que eram características das professoras que tiveram.

### **2.1.1 - A origem da memória encontrada**

A memória é a responsável por arquivar, desde a infância, os momentos mais significativos do sujeito, para que venham à tona - em situação oportuna, seja por uma fotografia, um texto ou outro meio – juntamente com as expressões corporais registradas e refeitas enquanto a memória é evocada.

Além dos gestos, a memória se faz presente em expressões faciais, seja por alguma repreensão ou menção a alguém, através da repetição do gesto que determinada pessoa fazia ao contar a história. O fato é que esses gestos foram um meio de educação corporal e ficam instaurados na memória do sujeito.

É o corpo que responde quando o silêncio predomina, quando as emoções se sobressaem ao relembrar dado momento. O corpo é que sente e reage àquilo que não consegue ser dito. Para Desobeau (1988, p.28) “o corpo é portador do passado, o corpo é suporte do esquecimento, o corpo é origem da memória encontrada”. E através da memória retornamos no tempo. E podemos, em algum momento, pensar no futuro.

Com o avanço da idade, o fator incapacidade só se torna parasita do sujeito se a imobilidade está parcial ou totalmente ativa, e o meio ambiente não permitem o avançar. Para se controlar o envelhecimento, seria interessante viver numa “dinâmica” como diria Lallery (1988, p.31), mas é justamente o contrário que acontece, permitindo que a ação seja inibida.

O adulto que se encontra em processo de envelhecimento busca suas memórias de acordo com suas vivências e da aprendizagem ao longo da vida. Com o envelhecimento a força vai enfraquecendo, porém a memória muscular permanece.

A inibição, ou seja, a repreensão é um fenômeno que o sujeito em processo de envelhecimento tem que lutar contra. Muitas vezes, são recriminados por voltarem ao passado através de suas lembranças, um fator que faz não só com que se fechem para o mundo exterior, como agiliza o anseio pela morte.

### **2.1.2 - Testemunhas do passado**

Aqueles que já estão aposentados e em processo de envelhecimento são fontes de conhecimento, pois através deles podemos compreender muitas coisas que estão acontecendo na atualidade e que foram desencadeadas por fatos passados. Eles são o ponto de ligação entre a conservação de nosso passado e a separação de nosso presente, que perde sua essência quando não visa o passado enquanto produtor de conhecimento.

De acordo com Bosi (2003), a memória daqueles que se encontram em processo de envelhecimento pode ser:

Trabalhada como um mediador entre nossa geração e as testemunhas do passado. Ela é o intermediário informal da cultura, visto que existem mediadores formalizadores constituídos pelas instituições (a escola, a igreja, o partido político, etc.) e que existe a transmissão de valores, de conteúdos, de atitudes, enfim, os constituintes da cultura. (p.15)

Em acordo com Bosi (2003), devemos lutar por aqueles que estão envelhecendo porque eles foram desarmados, porque a sociedade capitalista em que vivemos se ocupa da anulação deles através de mecanismos que fazem com que sejam esmagados, reprimindo a memória e substituindo a lembrança pela história científica.

Dessa forma, ficam impedidos de lembrar os momentos que viveram e foram marcantes não só para eles, mas para a sociedade, que não reconhece isso e, ao contrário de se tornarem

“mestres” das experiências vividas, são recriminados, reprimidos e colocados às margens do que vem acontecendo no mundo atual.

A opressão depois da aposentadoria se dá por meio da discriminação e preconceitos como mecanismos psicológicos, recusa de diálogos, entre outros, por parte da sociedade, imersa em suas preocupações e problemas ditos “atuais”. A probabilidade que se encontra na sociedade, é o homem ativo que se ocupa, cada dia menos, em exercer sua memória, enquanto o homem com atividades reduzidas se resguarda de lembrar frequentemente do passado, através do exercício da memória.

O homem jovem que não se ocupa com lembranças, e sim com a produção e o imediatismo, esquecendo-se de que para produzir, seja o que for, ele precisa compreender os fatos, desde o começo, e esse começo, quem conhece, é aquele que possui as experiências para contar.

Para essas pessoas, lembrar é refazer, reconstruir, repensar com imagens e idéias de hoje as experiências do passado, de forma a refletir e compreender o agora a partir de fatos acontecidos no passado. É sentir a reparaçãõ do feito e do ido fazendo-o sentir-se vivo, capaz, cheio de si e de sua plenitude de vida, pois para ele, lembrar o passado, não é descansar, é ocupar-se, consciente e atentamente, do próprio passado, da substância mesma da sua vida.

A criança que ouve as histórias do passado recebe, não só os dados da história escrita, como mergulha suas raízes na história sobrevivida daqueles que possuem vivência. Ouvir histórias contadas pelos mais velhos é apreender um saber que faz parte de sua formação e que fará parte das escolhas futuras em suas vidas. Para Bosi, “o que poderá mudar enquanto a criança escuta na sala discursos igualitários e observa na cozinha o sacrifício constante dos empregados? A mudança dá-se a perceber no interior, no concreto, no cotidiano, no miúdo. Os abalos exteriores não modificam o essencial” (p.31).

Muitas histórias apreendidas podem ser levadas para o espaço escolar e ser utilizadas tanto na troca de experiências com outras experiências, como no aprendizado conteudista exigido no dia-a-dia da sala de aula.

De acordo com Bosi (2003)

Existem, sim, outras sociedades, deveríamos responder, onde o ancião é o maior bem social, possui um lugar honroso e uma voz privilegiada. Uma lenda balinesa fala de um longóquo lugar, nas montanhas, onde outrora se sacrificavam os velhos. Com o tempo

não restou nenhum avô que contasse as tradições para os netos. A lembrança das tradições se perdeu. Um dia quiseram construir um salão de paredes de troncos para a sede do conselho. Diante dos troncos abatidos e já desganhados os construtores viam-se perplexos. Quem diria onde estava a base para ser enterrada e o alto que serviria de apoio para o neto? Nenhum deles poderia responder: há muitos anos não se levantavam construções de grande porte e eles tinham perdido a experiência. Um velho, que havia sido escondido pelo neto, aparece e ensina a comunidade a distinguir a base e o cimo dos troncos. Nunca mais um velho foi sacrificado. (p.35)

A noção que a grande maioria das pessoas possuem sobre o envelhecimento, está relacionada mais à luta de classes que ao conflito de gerações, ou seja, aqueles que estão em processo de envelhecimento precisam lutar pelo espaço de trabalho, pela produção. Para que se sintam homens, devem, primeiro, ser tratados como homens durante toda a vida. Eles devem ser ouvidos e, principalmente, respeitados, afinal, fazem parte da construção e do desenvolvimento da sociedade. Ignorá-los e às suas histórias é ignorar o nosso passado. Um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos e que pode chegar-nos pela memória daqueles que possuem longos anos de experiência.

Onde estão aquelas brincadeiras de rua, os jogos de pique-pega, os cantos infantis e as danças de roda? Onde ficaram esquecidas e empoeiradas? Estão presentes nas lembranças e encantam pela riqueza que possuem.

Hoje, em época de muita informação, o conhecimento perde as forças e é substituído pela opinião precível de uma notícia de jornal com data do dia anterior. A Arte de narrar e ouvir a narrativa perde espaço para a informação instantânea, carregada de imagens e novas tecnologias da sociedade consumidora, muito diferente da narração, que não se consuma porque sua vitalidade se encontra no momento de transferência do saber apreendido. Aquele que recebe a informação de massa é um ser desmemoriado, despreocupado em arquivar informações para passá-las num futuro.

## 2.2 - Jaz em nós o esquecido

Nunca podemos recuperar totalmente o que foi esquecido. E talvez seja bom assim. O choque do resgate do passado seria tão destrutivo que, no exato momento, forçosamente deixaríamos de compreender nossa saudade. Mas é por isso que a compreendemos, e tanto melhor, quanto mais profundamente jaz em nós o esquecido. Tal como a palavra que ainda há pouco se achava em nossos lábios, libertaria a língua para arroubos desmostênicos, assim o esquecido nos parece pesado por causa de toda a vida vivida que nos reserva. Talvez o que eu faça tão carregado e prene não seja outra coisa que o vestígio de hábitos perdidos, nos quais já não nos poderíamos encontrar. Talvez seja a mistura com a poeira de nossas moradas demolidas o segredo que o faz sobreviver. Seja como for – para cada pessoa há coisas que lhe despertam hábitos mais duradouros que todos os demais. Neles são formadas as aptidões que se tornam decisivas em sua existência. (BENJAMIN, 1995, p.104 e 105)

O esquecimento é o responsável pelo desejo de lembrar ou o lembrar é o responsável pelo esquecimento? Há a possibilidade de a cultura midiática, saturada, criar uma sobrecarga de modo que as memórias fiquem em perigo de implosão, disparando o modo de esquecimento. Para Huyssen (2000, p.19) “está claro que a memória da mídia, sozinha, não será suficiente, a despeito de a mídia ocupar sempre maiores porções da percepção social e política do mundo”.

Com a quantidade de informação e comercialização da memória, mais temos a tendência ao esquecimento.

Para Le Goff (2003, p.422) o esquecimento e o silêncio são mecanismos que manipulam a memória, pois permitem que *flashes* sejam criados, uma espécie de domínio inicial que cristaliza a memória de povos que não possuem a escrita como relator da história.

No entanto, temos um paradoxo com relação à mídia influenciar a memória. Dizemos que com o avanço das novas tecnologias nos tornamos seres desmemoriados. Tudo bem, até aí concordo, pois estamos evoluindo rapidamente no meio e as informações se tornaram instantâneas. Portanto, acabamos não guardando algo que lemos no dia anterior e isso pode ser considerado ruim para a construção sócio-histórica-cultural da sociedade.

Mas não podemos nos esquecer de que há vantagens com essas novas tecnologias, pois elas ficam registradas para futuras pesquisas e, por isso, nossa preocupação não deve ser só com a memória, mas com o conjunto, afinal, memória e registro devem andar de mãos dadas. Se não houver registro, pode acontecer a perda da memória, devido ao fator tempo-espaco que a limita. Para Huyssen (2000, p.68) “a memória de uma sociedade é negociada no corpo social de crenças

e valores, rituais e instituições. No caso específico das sociedades modernas, ela se forma para espaços públicos de memória tais como o museu, o memorial e o monumento”.

Durante as entrevistas, várias pausas e silêncios se fizeram presentes, muitas vezes pelo próprio esquecimento limitado ou por uma lembrança que deixou marcas tão profundas que era necessária uma pausa para posteriormente a narração ser retomada e dessa forma as narradoras se constituírem sujeitos de sua própria história.

### **2.3 - Fonte que narra**

Defende-se a idéia que as narrativas provocam mudanças na forma como as pessoas compreendem a si próprias e aos outros e, por este motivo, são também importantes estratégias formadoras de consciência numa perspectiva emancipadora (CUNHA, 1997).

De acordo com Pollack (1992), o trabalho com a história oral começou na França com o pesquisador Bertaux e na Alemanha com Rieder e difundiu-se a partir dos anos de 1970 no meio acadêmico, como uma nova metodologia que apresenta as experiências diretas amparadas pela memória, que se encarrega de trazer à tona o que ficou registrado, na hora das narrativas.

Essas narrativas podem sofrer variação de acordo com a fonte que narra e o envolvimento do pesquisador no processo de produção, como no caso de alguns narradores que conduzem suas histórias de acordo com a postura do entrevistador. Alguns pesquisadores podem direcionar as narrativas propositalmente para chegarem ao objetivo específico da pesquisa, ou de forma involuntária, de acordo com a expressão facial que podem apresentar quando determinado assunto está em pauta, ou mesmo influenciar conforme sexo, idade, classe, dentre outros.

Outro fator que influencia na condução da narrativa é a formulação da pergunta; ela pode interferir na resposta do entrevistado, dependendo da forma como é formulada. O narrador ao contar sua história espera ser ouvido pelo outro e por si próprio. Para Bosi (2003) a história de vida ilustra o que chamamos “história da sensibilidade” (p.15), ou seja, sua riqueza está no fato de ela poder se intrometer nas contradições, em pontos distintos.

Ao narrar sua história, ao perceber que está sendo ouvido, o narrador reflete sobre o fato narrado e dá novos significados à sua trajetória que é reconstruída. É a forma que o narrador e o próprio pesquisador possuem de desconstruir/construir suas experiências, a partir da reflexão. De acordo com Cunha (1997) o narrador “reconstrói sua experiência de forma reflexiva, e, portanto, acaba fazendo uma auto-análise que lhe cria novas bases de compreensão de sua própria prática.”

Ao trabalhar com as histórias de vida, pude perceber que, enquanto elas contavam sobre suas infâncias, elas se redescobriam, se enxergavam. Foi um meio que encontrei para fazer com que minhas professoras narradoras fossem os sujeitos de suas próprias histórias de vida.

Os narradores, no caso aqui específico falo das professoras entrevistadas, contam suas histórias com base nas referências que possuem, naqueles registros que a memória permitiu que viessem à tona e, dessa forma, elas próprias analisaram os fatos, atribuindo significados a esses fatos vividos, reconstruindo assim a compreensão delas próprias.

Dentre essas memórias, foram narradas histórias familiares, trajetórias escolares, trabalho e inserção cultural no tempo e no espaço. Aguçar essas memórias e instigar as narrativas foi fazê-las viver um processo pedagógico profundo, de extrema relevância que consubstancia no desempenho da vida e da profissão.

Para Freitas (1998)

Fazer dos professores narradores de suas histórias poderá nos ajudar a compreender não só como pensam, agem e se desenvolvem profissionalmente, mas também a conhecer melhor o contexto em que vivem, a analisar de um outro ângulo o ambiente educacional. Ao focalizarmos vidas individuais de professores em suas singularidades estaremos também identificando temas coletivos que atravessam suas trajetórias e refletem a estrutura social nas quais suas vidas individuais estão imersas (p.76).

De fato, cada sujeito vai puxar para o seu lado de maior interesse, mas que mal há? O importante é manter a chama da história acesa. A preocupação é manter viva a história oral, é conhecer a história através da memória, dos fatos narrados, é saber ouvir os conselhos dados, com o cuidado de não focar demais numa só memória para não correr o risco de perder outras fontes que podem completar a história.

O que está no narrador é o fato de como ele aceita o mundo sem se prender a ele, com senso prático, típico de narradores natos e a narrativa, de acordo com Benjamin (1987, p. 200) “tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode

consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe “dar conselhos.”

O “dar conselhos” hoje é algo que poucos param para ouvir porque é considerado ultrapassado, ou seja, as pessoas não possuem tempo, paciência, disposição ou têm qualquer outra desculpa para não ouvir o narrador contar fatos vivenciados, ou seja, as narrativas acabam cedendo espaço para as informações, que se tornam cada vez mais constantes e presentes na vida daqueles que querem estar cada vez mais e melhor informados sobre efemeridades que não acrescentarão muita coisa às suas vivências.

As vivências deixaram de ser narradas, deixaram de ser comunicáveis e passaram a ser arquivos empoeirados, que mantêm suas forças, sem se entregar, sem se esgotar porque a narrativa não se esgota, ela mantêm suas forças sem se encerrar ao longo dos anos, pois através dela conhecemos nossa história e a história de nosso passado. Para Benjamin (1987) “ela se assemelha a essas sementes de trigo que durante milhares de anos ficaram fechadas hermeticamente nas câmaras das pirâmides e que conservam, até hoje, suas forças germinativas”.

É pela narrativa que se consegue entrar na vida do narrador e retirar o que é dele, é sólido e único, ou seja, sua vivência, sua experiência e os gestos e expressões apreendidos e inevitáveis, típicos de artesãos, como “a mão do oleiro na argila do vaso” (p. 205)

De acordo com Benjamin (1987)

[...] o narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte, a experiência alheia. (p. 221)

Ao contar suas experiências o narrador percebe sua história e, a partir daí, começa um processo de reflexão sobre sua história, dando novos significados a sua trajetória, ou seja, um processo no qual o narrador e o próprio pesquisador desconstroem/constroem suas experiências. Como defende Cunha (1997, p. 27) “usar narrativas como instrumento de formação de professores tem sido um expediente bem sucedido. Não basta dizer que o professor tem que ensinar partindo das experiências do aluno se os programas que pensam sua formação não os colocarem também como sujeitos de sua própria história”.

No capítulo no qual justifico os motivos que levaram à decisão de que minha pesquisa estaria embebida de memórias e histórias de vida, me propus a conhecer as singularidades de cada história não para julgá-las, mas para possibilitar um transitar de enunciações.

Tentei, ao máximo, não manipular as entrevistas com perguntas que poderiam interromper suas falas ou mesmo suas pausas, quando só o gesto predominava. Lancei temas como educação familiar na infância, educação escolar na infância, brincadeiras na infância, entre outros, com o intuito de evocar as memórias, o que permitiria, a partir daí, como de fato aconteceu, puxar pelos fios que foram disponibilizados.

Ouvi cada história de vida que a memória permitiu contar, cada particularidade que a mim foi confiada, como um analista que deixa seus pacientes contarem suas histórias e eles próprios refletirem sobre o que acabaram de narrar, com o intuito de analisar a importância daquele fato passado, para repensar o futuro.

Para Bérghson (2006)

A verdade é que jamais atingiremos o passado se não nos colocamos nele de saída. Essencialmente virtual, o passado não pode ser apreendido por nós como passado a menos que sigamos e adotemos o movimento pelo qual ele se manifesta em imagem presente, emergindo das trevas para a luz do dia (p.49).

Duas duplas que se envolveram e se entrecruzaram: minhas narradoras e suas histórias, eu e minha câmera. Senti-me como um diário, ao qual confiavam suas histórias, e minha câmera, como um espelho no qual minhas narradoras puderam refletir sobre si mesmas, como dito por France (1998, p. 95) “[...] o que se oferece aqui como espetáculo não é mais apenas o produto da atividade, como no caso das técnicas materiais, mas a própria atividade cujos desenrolar e desdobramento são submetidos ao exame do próprio destinatário”.

Além das narrativas, o silêncio, instaurado em alguns momentos, também manteve a memória viva através dos gestos e expressões. Enquanto deixavam suas memórias virem à tona, eu ia adentrando em suas histórias, conhecendo seus medos, suas certezas e suas experiências.

Trabalhar com história de vida foi permitir a reflexão, a volta ao passado, ou seja, o simples fato de escutar narrativas tornou-se um instante importante para mim, enquanto

pesquisadora, e para minha narradoras, enquanto sujeitos de suas próprias histórias. Para mim foi importantes para que eu pudesse conhecer os elementos vivenciados em suas infâncias e que fizeram parte do processo de formação de cada uma e, àquelas que narraram sua história, constituiu-se em oportunidade de rever o processo educacional a partir do olhar sobre suas próprias trajetórias. Elas puderam falar e foram ouvidas.

### 3 – “TODO MUNDO TEVE INFÂNCIA”

#### 3.1 - Um passeio pelas sociedades

Saiba: todo mundo foi neném  
Eistein, Freud e Platão também  
Hitler, Bush e Saddam Hussein  
Quem tem grana e quem não tem

Saiba: todo mundo teve infância  
Maomé já foi criança  
Arquimedes, Buda, Galileu  
E também você e eu...

(Saiba – Arnaldo Antunes)

Como o foco da minha pesquisa foi investigar as memórias de infância de professoras aposentadas tratei, neste capítulo, de situar teoricamente o leitor sobre a construção da infância de acordo com a sociedade na qual a criança está inserida. Porém, antes de chegar a esse ponto, achei de extrema valia que tivéssemos um breve olhar sobre a história da infância nas diferentes sociedades, ao longo dos séculos, com o intuito de clarear a compreensão da infância enquanto construção social.

Nessa abordagem sobre a infância, fui ao encontro das diferentes infâncias, desde a antiguidade clássica até os dias atuais, embasada pelos pensamentos de Philippe Ariès, Manuel Pinto, Manuel Sarmiento e Neil Postman, autores que auxiliaram essa compreensão da infância em diferentes tempos e espaços.

Ao entrar no túnel do tempo para conhecer a infância de cada sociedade, começo a falar na antiguidade, na significação que a infância tinha para algumas civilizações como a egípcia, que se preocupava em retratar a infância nos túmulos, enquanto na Grécia existia uma inquietação em educar ao longo da infância.

Na Grécia, o pai era o responsável por decidir se ao longo dos primeiros cinco dias de vida a criança morreria ou continuaria a viver. Caso sua decisão fosse pela morte, o pai deveria deixar a criança num penhasco para que seu destino fosse a morte. Uma importante decisão que

em Esparta era feita pelo conselho de anciãos que analisava as crianças que nasciam, ou seja, se possuíam problemas físicos, mentais ou mesmo que fossem julgadas como feias, não continuavam vivas. Escolhas que mudaram todo o curso de muitas infâncias daquela época.

Em Atenas, aquelas consideradas delinquentes ou deficientes tinham sua vida poupada a priori, para que posteriormente fossem sacrificadas em nome dos deuses cultuados pelos atenienses em épocas difíceis da crise. Aqueles meninos que conseguiam gozar normalmente sua infância aprendiam ler, escrever, música, poesia e aos quinze anos tornavam-se aprendizes.

Na cultura Romana, além da escolarização registrada na Arte e na decoração, o infanticídio era muito comum, principalmente quando as crianças eram consideradas feias e/ou monstruosas e os afogamentos eram praticados com o respaldo do Estado, que justificava o infanticídio como atitude racional para se livrar dos deficientes ou prematuros considerados inúteis.

Durante a Idade Média, além do alto índice de mortalidade, o conhecimento estava subordinado aos dogmas da igreja católica; havia a crença de que aos sete anos a criança já possuía altura suficiente para a confissão e comunhão. Para Santo Agostinho a infância era uma fase pela qual todo ser humano deveria passar, uma fase do pecado original, pecado cometido pelos pais e que resultava na criança, ser do pecado.

Com o olhar voltado para a infância e as instituições de ensino por idade que oscilavam entre o rigor e a ternura, os filhos de pessoas abastadas começaram a ser educados em instituições como internatos, para terem uma melhor formação, enquanto aqueles cujos pais não tinham condição de pagar uma boa educação começavam a trabalhar desde muito cedo. Postura preocupante que fez com que houvesse uma atenção mais focada em proteger essas crianças e aquelas abandonadas ainda recém-nascidas, órfãs, marginalizada e nascidas de pais não casados e mesmo de famílias que não tinham condição de sustento, deixadas nas rodas de expostos anonimamente, para o serviço cristão.

No século XVII Rousseau contrapõe-se à abordagem de Santo Agostinho e justifica a infância como pura. Nessa época o tema relacionado à infância sofreu uma evolução e foram pontuadas algumas importantes mudanças. Passou a existir uma diferença entre o vocabulário dos adultos e das crianças e o vestuário dos meninos que passou a ser diferente dos homens – o vestuário das meninas permanecia parecido com o das mulheres.

Foi nesse período que a educação passou a ser institucionalizada, com escolas monopolizadas pela classe burguesa, de meninas embrenhadas nos dotes femininos para se tornarem boas moça, preparadas para assumir o lar. Os pobres ficavam fora dessa institucionalização.

A partir do século XVIII as escolas e instituições começaram as divisões de ensino por faixa etária, e o aparecimento do sentimento de família, aliado ao sentimento de infância, deram as mãos num comprometimento maior em busca de união e maior intimidade para com a infância e seu valor no seio familiar.

Nesse mesmo período, as rodas de exposição continuavam recebendo crianças pobres que não podiam ser criadas pela família por algum motivo, instigando uma crescente preocupação com a higienização e saúde da infância. Preocupação essa que contribuiu para os estudos nos séculos seguintes, dos temas relacionados à infância e criança.

A partir do século XIX o mundo ratificou a descoberta humanista da especificidade da infância como idade da vida, apreendendo novos espaços específicos para as brincadeiras e para a educação. O termo criança tem sua presença registrada nos dicionários a partir de 1830.

Porém, ainda pequenas, tanto meninos quanto meninas, eram engajadas no trabalho exercido pelo pai, chefe de família numa realidade vivida pelas famílias européias e brasileiras pobres até a época do Império.

De acordo com Kuhlmann Jr (2003), foi nessa época, ou seja, a partir da primeira metade do século XIX na Europa, e no Brasil a partir de 1870, que começaram a funcionar algumas instituições para crianças de zero a seis anos.

No século XX, a infância começou a sofrer um deslocamento da infância pré-mídia, que se preocupava em ouvir os conselhos dos mais velhos, para uma infância focada na informação, que se esgota no tempo que é fornecida, ou seja, uma infância que deixou as brincadeiras de roda e as bonecas feitas artesanalmente para dar lugar as bonecas vivas e ao consumo desenfreado, como percebemos principalmente na formação das crianças brasileiras.

### 3.1.1 - Pátria mãe gentil?

A infância no Brasil está apreendida a partir do século XVI com as embarcações vindas de Portugal que perduraram até meados do século XVIII. Nessas embarcações vieram crianças com faixa etária mais ou menos de nove anos, trazidas para trabalhos como grumetes, pajens, entre outras. Durante a viagem, as crianças que estavam a bordo eram sujeitas a todos os tipos de maus tratos e privações como abuso sexual, acidentes que faziam essas crianças caírem ao mar, entre outros e as crianças que sobreviviam à viagem não conseguiam sair sem traumas.

Com os maus tratos infantis e a falta de higiene na sociedade brasileira no século XIX, começou um período de alto índice de delinqüência, falta de saneamento, aumento considerável de cortiços e doenças. À essas crianças ditas delinqüentes era comum o trabalho infantil nas fábricas. Tanto meninas quanto meninos marginalizados, no período da revolução industrial, exerciam funções em condições precárias, sob alegação do estado de que era melhor a criança trabalhando do que na rua.

Embora todo esse histórico da infância no Brasil, a partir de 1917 começaram as preocupações com a situação da infância abandonada, preocupações essas que ganharam olhos mais atentos que em 1923 regulamentaram a proteção a infância abandonada e delinqüente. Regulamentação que se encarregou em 1927 de vigiar o trabalho infantil, efetivamente proibido à menores de quatorze anos a partir de 1934.

Ao final dos anos 30, além da proibição do trabalho infantil, os internatos e instituições que cuidavam daquela infância pobre eram ineficazes e serviam para deixar sérios traumas, com marcas físicas expostas ou arquivadas na memória.

De alguns anos pra cá, de acordo com Kulhmann Jr.(2003), a historiografia da infância foi desenvolvida de acordo com assistência a família e a educação, criando um avanço para se compreender esse triângulo.

Com o passeio pelas infâncias nas diferentes sociedades de épocas diversificadas, consegui compreender que não existe somente uma infância, existem, pois concepções de infâncias que variam de acordo com a época e a sociedade na qual está inserida, como especificado mais a frente, com base na leitura de alguns autores que tratam do tema.

### 3.2 - Como é construída a infância

A infância como algo outro não é objeto (ou o objetivo) do saber, mas o que escapa a qualquer objetivação e o que desvia de todo objetivo; não é o ponto de ancoragem do poder, mas o que marca sua linha de despenhadeiro, seu limite exterior, sua absoluta impotência; não é o que está presente em nossas instituições, mas o que permanece ausente e inacabável, brilhando sempre fora de seus limites. (Larrosa e Lara, 1998, p. 70)

Ao longo dos estudos sobre as diferentes concepções de infância percebi que as alterações ocorridas sobre a mentalidade infantil foram significativas para a compreensão da infância enquanto uma fase da vida e as diferentes concepções sobre sua construção, de acordo com a sociedade na qual está inserida.

Durante a pesquisa sobre a memória de infância, a qual me propus, apreendi vários aspectos que relacionam a infância com a família, instituições, alimentação, convívio social, brincadeiras, entre outros que fazem entrelaçar o sentimento de infância e sua construção social.

Optei por não fazer julgamentos a respeito da infância de cada narradora, muito menos das infâncias construídas ao longo dos séculos. Minha proposta foi abarcar a teoria que remete à infância construída de acordo com a sociedade e o tempo vivido, para compreender posteriormente como cada narradora viveu esse período no convívio familiar, escolar, com os colegas e as brincadeiras.

Para Larrosa e Lara (1998)

a infância é algo que nossos saberes, nossas práticas e nossas instituições já capturaram: algo que podemos explicar e nomear, algo sobre o qual podemos intervir, algo que podemos acolher. A infância a partir desse ponto de vista não é outra coisa que o objeto de estudo de um conjunto de saberes mais ou menos científicos, a presa de um conjunto de ações mais ou menos tecnicamente controladas e eficazes, ou o usuário de um conjunto de instituições mais ou menos adaptadas às suas necessidades, às suas características os às suas demandas. (P.68)

Para Kuhlmann (2003) a infância é compreendida como a concepção que os adultos possuem sobre as fases iniciais vividas pela criança, o que a liga diretamente a história da sociedade, da cultura e dos adultos.

Ela não é o local no qual o poder se instaura, ela é o que permanece ausente, ela é heterogênea e diferente em relação a nós e ao nosso mundo, que acaba por ter sua solidez dissolvida, como pode ser percebido todos esses anos na história da infância e reafirmado a partir do sentimento de infância.

Definido por Áries (1973), o sentimento de infância surgiu a partir da modificação do olhar para a criança, se iniciou na transição da Idade Média para o Renascimento e ficou definido como a consciência social que diferencia a criança do adulto. Uma consciência que começou a pensar numa pedagogia voltada para o valor da criança na família, mais focado em união e intimidade.

Como lembra Pinto, apoiado em estudos sobre a história da infância, [s.d.]

A infância reduzia-se, outrora, ao curto espaço de tempo que mediava entre o nascimento e os sete anos, durante o qual as crianças exigiam ainda cuidados especiais de alimentação e proteção. As mudanças de sensibilidade que se começam a verificar a partir do Renascimento tendem a diferir a integração no mundo cada vez para mais tarde, e a marcar, com fronteiras bem definidas, o tempo da infância, progressivamente ligado ao conceito de aprendizagem e de escolarização. (p.44)

O sentimento de infância vem sofrendo variação de acordo com a sociedade na qual a criança está inserida e pode ser compreendido como a construção social e cultural da infância, operada histórica e socialmente.

O olhar diferenciado que cada sociedade possui sobre a infância e o modo como a família atua também interfere nas experiências de infância de cada uma, como aconteceu com minhas narradoras, que tiveram vivências muito parecidas quando crianças – em decorrência da sociedade na qual estiveram inseridas.

As leituras dos trabalhos de Manuel Pinto e Manuel Sarmiento para apreender o fato de que a infância é socialmente construída, me permitiram compreender as concepções de infância defendidas por diversos autores, da área de pedagogia e psicologia.

A verdade é que a infância não é um evento natural. Existem sim várias concepções de infância, a partir da sociedade e época das quais aquelas crianças compartilham suas vivências. Assim como a infância de minhas narradoras na cidade de Rio Novo entre as décadas de 1920 a 1950, num período anterior a inserção do rádio e da televisão, quando as vivências tinham espaço garantido como exemplos passados dos mais vividos, para os mais jovens.

### 3.3 – “Eu quero os meus brinquedos novamente”

Recordo ainda... e nada mais me importa...  
Aqueles dias de uma luz tão mansa  
Que me deixavam, sempre, de lembrança,  
Algum brinquedo novo à minha porta...

Mas veio um vento de Desesperança  
Soprando cinzas pela noite morta!  
E eu pendurei na galharia torta  
Todos os meus brinquedos de criança...

Estrada afora após segui... Mas, aí,  
Embora idade e senso eu aparente  
Não vos iludais o velhos que aqui vai:

Eu quero os meus brinquedos novamente!  
Sou um pobre menino... acreditai!...  
Que envelheceu, um dia, de repente!...

(Recordo ainda, Mario Quintana)

Durante a realização da pesquisa tive uma importante preocupação que esteve diretamente ligada a minha questão de investigação. Apreender os elementos vivenciados pelas minhas narradoras ao longo da infância de cada uma e através dessas narrativas identificar pontos importantes que deixaram marcas na infância vivida na cidade de Rio Novo.

Acredito que, por meio da reflexão sobre a educação adquirida ao longo da infância, tanto a educação familiar, quanto escolar, podemos refletir sobre o repensar da prática, pois é na infância que estamos mais abertos para o novo, para as primeiras palavras, para o convívio, para as brincadeiras, para o início da formação. Através da infância temos as primeiras marcas que muitas vezes ficam esquecidas, mas são carregadas ao longo da vida e reproduzidas muitas vezes de forma imperceptível, como argumenta Benjamin ao passear por suas memórias de infância.

No texto “Infância em Berlim”, produzido por volta de 1932, além de Benjamin tratar a questão da memória e a crítica a sociedade de consumo discutidas no capítulo anterior, ele faz uma reflexão do seu passado a partir de seu olhar crítico de adulto e traz à superfície não só a memória individual, mas um quadro histórico-social mais abrangente de uma memória coletiva.

De acordo com Galzerani (2002), ao rememorar Benjamin se preocupa em narrar sua infância como lugar de não razão e não linguagem, mas vivenciada no convívio social com as

pessoas e as ruas da cidade, dialogando com outros personagens enquanto criança com criança e criança com adulto, em diferentes espaços, tempos, sem linearidade, que vai do presente ao passado e vice-versa.

Com esse rememorar autobiográfico Benjamin coloca em xeque o conceito de sujeito, o narrador de suas memórias, produtor histórico de conhecimento e as abordagens educacionais ainda hoje presentes, como fizeram minhas narradoras ao contarem e analisarem a história da infância de cada uma. Uma infância vivida e analisada com olhar autobiográfico e crítico de adultas que passaram por situações diversas em diferentes momentos mas que se entrecruzam e formam um mosaico voltado para um momento da história de infância. Manifesto nas especificidades da educação da infância de cada professora pesquisada.

De acordo com Faria (2002) sobre a infância

podemos localizá-la em nosso apego simbólico em relação à idéia de que a criança é espontânea, é feliz, é boa. Tais concepções persistentes contemporaneamente podem ser lidas como tentativas de assegurarmos a nós mesmos que, a despeito do caos que prepondera em nosso mundo adulto, podemos ser feliz. (p.58)

Fazer essa reflexão sobre a infância é uma forma de aproximar o sujeito, o narrador do objeto, o fato narrado e a infância, que está temporalmente distante mas pode ser revisitada e analisada através da memória. É fazer com que o passado seja revisto, analisado e intelectualmente criticado, para que seja pensado um futuro que necessita transgredir o mundo dos sonhos para uma realidade pensada. Uma forma de se perder para se encontrar.

Aquele que narra sua infância consegue perceber a si mesmo e sai ao encontro daquilo que busca, analisando sua trajetória, a partir do que sabe, do que experimentou para compreender o que quer. Minhas narradoras enfrentaram a si mesmas, enfrentaram suas histórias, suas marcas e saíram de encontro a elas próprias, na busca pela transformação a partir do olhar sobre a infância que cada uma teve.

## 4 - DE ONDE? E DE QUEM?

### 4.1 - Construção dos primeiros passos

Ao sair da qualificação, muitas questões e possibilidades para seguir com minha pesquisa faziam círculos em torno de mim. Possibilidades essas que dariam rumos diferentes a minha pesquisa, dependendo da escolha. As únicas certezas que eu tinha eram que eu queria compreender quais elementos vivenciados mais deixaram marcas e influenciaram o processo de formação. E para investigar essa questão eu queria utilizar memória e história de vida de professores aposentados de Rio Novo, cidade mineira localizada na Zona da Mata, a quarenta minutos de Juiz de Fora. Mas havia um problema, a questão estava muito ampla e eu não sabia exatamente em qual ponto da história de vida eu focaria.

Mesmo sem a questão completamente fechada chegou a hora de ir à campo e iniciar os primeiros contatos e posteriormente as entrevistas. Como não tinha o foco específico da questão, ou seja, não tinha determinado que ponto da história de vida eu trataria especificamente, elaborei um roteiro com questões básicas focadas na história de vida dos sujeitos<sup>7</sup> que fariam parte da pesquisa, desde a infância até a prática docente e que serviriam de fios condutores da memória e desencadeariam mais questões específicas a partir da narrativa deles. Eu tinha certeza que algum ponto das histórias saltaria meus olhos. Como de fato aconteceu.

A finalidade do roteiro foi pontuar os momentos, os assuntos dos quais tratamos. Não fiquei presa a ele. Utilizei-o como um evocador de memórias, porque o importante era o que viria à tona a partir das narrativas, não das perguntas. Roteiros elaborados, começaram as idas e vindas a Rio Novo, com o intuito de iniciar o contato com aqueles que seriam os sujeitos da pesquisa, ou seja, com os professores aposentados que aceitariam participar.

Escolhi Rio Novo por dois motivos, devidamente justificados. O primeiro seria devido um pré-conhecimento da história da educação de Rio Novo - que já foi considerada a segunda cidade com o melhor ensino do estado no início do século XX - e o pouco registro a respeito; e o

---

<sup>7</sup> Até apresentar minhas narradoras, tratarei as entrevistadas enquanto sujeitos da pesquisa, pois ainda não haviam sido definidos. A partir do momento que forem definidas empregarei o termo narradoras.

segundo motivo é o fato de não ter encontrado nenhuma pesquisa sobre a educação de Rio Novo a partir do olhar do professor sobre suas vivências.

Fui a campo com a certeza de ouvir as histórias de vida de alguns professores aposentados, pois teriam mais tempo disponíveis para as entrevistas e mais tempo de vivências para contar. O que poderia trazer à tona informações importantes quando a caixinha de jóias fosse aberta, já que minha pesquisa estava voltada para histórias de vida.

Queria saber cada detalhe alegre e/ou triste a partir do ritual de evocação da memória e permitir àqueles que não estavam mais lecionando, um momento de reconstrução de sua história, desde a infância até a prática docente, para que se sentissem vivos e pudessem refletir sobre a educação que tiveram. Porém, um fato curioso ocorreu quando comecei a contatar os sujeitos da pesquisa. Eu só recebia indicação para procurar professoras mulheres, nenhum nome de professor, o que acabou levando a pesquisa ser composta toda ela por damas de ouros.

Foram sete damas<sup>8</sup> que se prontificaram a ajudar na pesquisa e na reflexão do processo educacional a partir do olhar do professor sobre sua trajetória, agora reveladas: Ana Lúcia, Maria Luíza, Maria Calian, Telma, Maria Helena, Maria Pinto e Elylia de Mattos. Professoras aposentadas que lecionaram em escolas públicas de ensino fundamental e Escola Normal, com idades que variam de 55 a 88 anos devidamente apresentadas mais a frente.

## **4.2 - Bem me quer, mal me quer**

Mesmo sem ter a questão fechada num determinado ponto, mas certa dos meios de realização da pesquisa, comecei as idas e vindas no trabalho de campo. As entrevistas foram realizadas entre julho e setembro de 2008 e foram necessários alguns contatos antes serem realizadas de fato.

No primeiro dia da pesquisa de campo, fui atrás de algumas professoras que conhecia de nome e sabia que estavam aposentadas, para tentar uma aproximação e mesmo indicações de

---

<sup>8</sup> Mais a frente todas as narradoras serão apresentadas assim como um pouco da história de suas vidas.

mais outros nomes. Foram tantas indicações que ao final do dia, estava com uma lista com mais de quinze nomes e nenhum assinalado com um sim, indicando disposição em colaborar na pesquisa.

Voltei para Juiz de Fora sem saber quem seriam os professores e com uma lista com muitos nomes, pois cada uma que eu ia procurando, recusava participar indicando mais outras tantas colegas. Sem perceber, vim atentar para isso conversando com minha orientadora, todos os nomes indicados eram de professoras, não havia indicação de nenhum professor até então.

Fui a campo no segundo dia para mais uma tentativa de contato e levei uma amiga, que ia visitar a mãe, de carona. Ao deixá-la no local onde sua mãe trabalha, informou-me que ali morava uma professora aposentada e que possivelmente ela se animaria em participar da pesquisa. Dito e feito.

Fui conversar com ela - professora Ana Lúcia - e expliquei sobre a pesquisa, os objetivos e o recurso que usaria para registrar sua história de vida, assim como fiz com as seguintes. De acordo, marcamos a data da entrevista para outro dia, pois ela queria estar arrumada para a ocasião, com cabelos e unhas ajeitados. Através dela, consegui mais algumas indicações, incluindo sua prima Maria Calian e sua amiga Maria Luíza, que seriam as próximas entrevistadas.

Nas idas e vindas em busca de professoras e professores aposentados, só conseguia indicações de professoras, ninguém indicava professor e, quando lembravam de um, vinha a frase logo em seguida: “Hum, esse não, esse já faleceu”, ou então “Ah, esse não, porque esse não mora mais aqui, aqui só tem professor na ativa ainda”. E seguia a indicação, somente com professoras mulheres.

No terceiro dia iniciei de fato as entrevistas e o contato mais estreito com algumas professoras já definidas para a pesquisa. Estava com entrevistas marcadas com as professoras Ana Lúcia e Maria Luíza na parte da manhã e Maria Calian na parte da tarde.

Durante a busca por professores, conversei com muitas professoras que não toparam participar alegando estarem doente, participando de campanha política, falta de tempo e mesmo desinteresse em contar sua história de vida, por motivos particulares; fora aquelas que não conseguia encontrar nos locais indicados. Em algumas ocasiões, voltava mais de quatro vezes, em horários e dia diferente, como aconteceu no caso da professora Maria Helena, outra entrevistada.

Até conseguir encontrá-la para explicar a pesquisa e saber se aceitaria participar, foi um processo demorado. Foram três dias e algumas visitas ao longo desses três dias até conseguir marcar, pois ela é secretária de educação e está sempre em reunião. Marcamos a data e no horário e local combinados estava lá para ouvir sua história.

Um fato interessante foi que nessas indicações de possíveis narradoras, um nome foi citado por todas com quem conversei: Maria Pinto, a professora mais antiga e conhecida na cidade, por seu envolvimento com eventos e cultura local. Pois bem, tinha mais um nome e uma confiança que todas davam de que ela concordaria em participar da pesquisa, narrando sua história. O problema foi encontrá-la em casa. Fui várias vezes tentar conversar com ela, porém nunca estava. Só consegui entrar em contato com ela, de fato, por intermédio de sua filha Telma, outra professora que concordou em participar da pesquisa, pois segue a mesma trajetória da mãe, no que tange o envolvimento com a educação.

Foram muitas histórias de vida, muitos momentos. Até aqui haviam sido seis narradoras com histórias muito singulares, histórias cheias de emoções, impregnadas de sentimentos e marcas que foram importantes no processo de formação de cada uma. Histórias que se entrecruzaram. Damas que abriram seus diários mais que pessoais e puderam, elas próprias, avaliar suas vidas, seus momentos, sua trajetória.

Algumas narradoras são contemporâneas uma da outra, seja na infância ou na prática docente, como Maria Pinto e Elylia, nascidas respectivamente nos anos de 1920 e 1923, tiveram uma trajetória educacional infantil bem parecida, no que se trata de estudos musicais em casa e cuidados com os demais irmãos, como mais a frente especificado. Contemporâneas também na prática docente, Maria Luíza e Ana Lúcia trabalharam na mesma época no Olympio Araújo e faziam um trabalho juntas na fiscalização da higiene dos alunos.

Com todo aquele material, já estava pronta para deixar o local da pesquisa, para levar comigo moedas de ouro que a mim foram confiadas, quando resolvi passar na casa de uma professora que já havia sido indicada, mas não estava disponível. A professora Elylia de Mattos. Por sorte ela estava em casa com seu filho e nora e, após explicar a pesquisa, como fiz com as outras, ela aceitou participar e contar momentos de sua trajetória educacional naquela mesma hora.

Convidada a entrar em sua casa e suas memórias, liguei a câmera, expliquei o que seria feito, qual era meu interesse em saber sua história e deixei que ela começasse a narrar, procurando não interrompe-la freqüentemente.

Foram sete narradoras, uma média total de treze horas de histórias, pouco tempo se comparado a todas as experiências e vivências que tiveram até aqui, mas que foram de extrema valia.

Frente a câmera a memória parecia não desapontar. Aquele acanhamento típico de quem não está acostumado a falar, principalmente sobre sua história de vida frente a lente parecia desaparecer em meio as lembranças que iam e vinham, entre falas e silêncios que as levavam para lugares muito particulares.

A preocupação delas não era com o fato de suas histórias estarem sendo gravadas, ou seus sentimentos sendo exibidos. O que as preocupava era o visual, ou seja, se estariam bem arrumadas para aparecer nas filmagens, o que causou um acanhamento inicial. Inibição essa que foi passando quando suas falas pareciam levá-las a locais nos quais não poderiam ser tocadas, lugares que permitiram refletirem sobre suas trajetórias de formação e formadoras.

Acredito que os fatores facilitadores do contato com essas professoras tenha sido a confiança de eu ter raízes naquele local, ou seja, de saber do que elas estavam falando e, por isso, dar uma atenção especial às suas narrativas tão singulares. Ainda o fato de elas próprias terem escolhido o espaço que mais acharam acolhedor, para se sentirem à vontade ao contar suas histórias.

Foram duas semanas de idas e vindas, possibilidades de novos encontros, material sendo analisado e fotos mostradas. Toda uma gama de informações que compuseram minha pesquisa. Uma pesquisa que buscou compreender as professoras entrevistadas, compreender o que elas falam e de onde elas falam. Conhecer suas histórias, conhecer a forma como foram educadas na infância e, mais, poder participar das análises de suas próprias vidas, de suas próprias reflexões, do momento em que olharam no espelho e conseguiram enxergar a si mesmas.

Confesso que ao longo das entrevistas estava muito focada no que estava sendo narrado, em cada pedacinho de história que a mim estava sendo confiado. Mas tenho que admitir ainda que durante a análise do material, quando refletia sobre aquelas memórias, minhas memórias também estavam sendo aguçadas, ou seja, estavam se entrelaçando àquelas outras. Alguns lugares e pessoas que eram citados eram muito familiares, como se eu tivesse tido alguma

vivência parecida. De fato tive, embora em tempo diferente. Esse entrecruzar de histórias fez com que eu também pudesse refletir sobre minha trajetória.

Durante os encontros e as narrativas, as histórias foram se cruzando e construindo um mosaico de conhecimento sobre a educação que as entrevistadas tiveram durante a infância e foi nesse ponto que consegui identificar claramente a minha pesquisa, o que eu de fato queria saber.

De fato queria respostas para minhas perguntas, sobre suas vivências, sobre a educação que tiveram na infância, sobre o relacionamento com os pais e outras tantas respostas que seriam muito importantes para compor minha pesquisa. Respostas que agora divido com o leitor dessas páginas ao começar contando um pouco sobre a cidade e as entrevistadas.

### **4.3 – “Nome do rio, terá a cidade”**

Rio Novo, assim será chamado  
Nome do rio, terá a cidade  
Povoado por desbravadores formado  
Rio Novo, Rio Novo, cidade que nos traz felicidade  
(Refrão tirado do Hino a Rio Novo – Letra: Fuzileiro Naval)

Antes de apresentar minhas narradoras e a análise do material pesquisado, achei de extrema importância que o leitor conhecesse um pouco da história da cidade de Rio Novo, localizada na Zona da Mata Mineira, a 50 quilômetros de Juiz de Fora. É fundamental que seja revelado o local de onde elas falam, o local onde todas elas nasceram e foram criadas na infância. Algumas chegaram a sair depois de adultas para estudar, trabalhar, mas acabaram retornando e hoje lá vivem com seus familiares.

Familiares esses que trazem histórias desde o desbravamento da cidade por volta da década de 1770, conforme escritos e documentos brasileiros e portugueses que vem sendo estudados para confirmar a data certa da cidade originada do povoado do Rio Novo. História contada a partir das primeiras diligências realizadas sob as ordens do Governador da Capitania de Minas Gerais, Luiz da Cunha Menezes, sob o comando do Sargento Pedro Afonso Galvão de São

Martinho e com a participação ativa de um dos mártires mais conhecidos da Inconfidência, o Alferes Joaquim José da Silva Xavier.

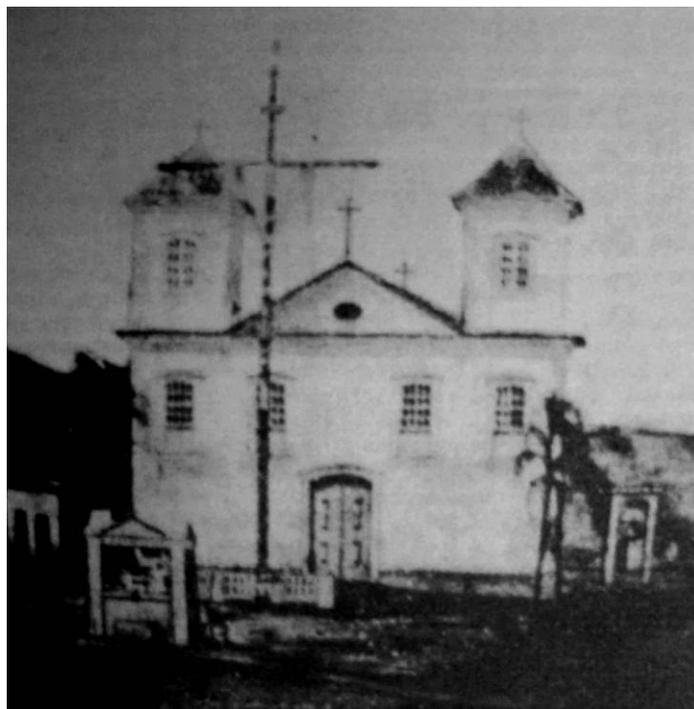
De acordo com as histórias contadas pela população de Rio Novo e pela professora Elília, que afirmou que seus ancestrais fizeram parte dessa descoberta, a origem do nome Rio Novo está diretamente ligada ao rio<sup>9</sup> descoberto por mártires vindos de terras habitadas pelos índios Coropós, atualmente chamada Rio Pomba, no final da Inconfidência Mineira. Perto desse rio descoberto, já havia outro com o nome rio Pomba que por já ser conhecido pelo povoado que morava ali perto desde o início do século XVIII, acabou servindo de guia para que os desbravadores chegassem ao rio novo, por conta da proximidade. Esse rio descoberto deu nome ao lugar logo povoado por conta da fertilidade da terra, abundância de água e riquezas minerais que ali estavam garantidos.



**Figura 1 - Rio Novo 1875**

---

<sup>9</sup> O rio novo nasce na Serra da Mantiqueira, no município de Santos Dumont com o nome de rio Pinho. Passa pelos municípios de Piau, com o nome rio Piau e recebe o nome rio novo próximo a cidade de Goianá. Contorna toda a cidade que leva seu nome e segue em direção ao município de São João Nepomuceno. O rio novo forma a represa da Usina Hidroelétrica da Companhia Cataguases Leopoldina e atende ainda aos municípios de Descoberto e Itamarati de Minas, até encontrar com o rio Pomba, na cidade de Cataguases e deságuar no rio Paraíba.



**Figura 2 - Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Rio Novo em meados do século XIX**

Assim que começou o povoamento nas proximidades do rio novo foi criada a Companhia da Ordenança do Districto de Rio Novo, que contava com vinte e cinco soldados em 1779 e atuava na manutenção da ordem local e novas povoações; e a construção da capela de Nossa Senhora da Conceição, chamada popularmente de Capela de Cima<sup>10</sup>. Segundo histórias locais, a Capela de Cima foi uma capela erigida a partir de uma aparição da Nossa Senhora naquele local.

Embora muitas terras já tivessem sido apossadas até 1809, nesse período começaram a ser distribuídas as sesmarias e até 1811 mais tantas outras foram legalmente concedidas com o intuito de um melhor desenvolvimento local, construções de fazendas e explorações minerais de jazidas de ouro encontradas em Rio Novo. Essas jazidas foram amplamente divulgadas e exploradas por toda a região até 1820, inclusive na região central de Minas, consubstanciando num aumento das pessoas que migravam para o povoado.

Com a crescente da população e o desenvolvimento, Rio Novo começou a receber pessoas que se tornaram importantes personagens da história local como Francisco de Paula Leopoldino Araújo, mais conhecido como Chico Boticário que chegou a Rio Novo em 1859 para desenvolver

---

<sup>10</sup> A Capela de Cima foi assim denominada para ser diferenciada da Capela de Baixo, localizada na região de São João Nepomuceno.

seu trabalho voltado para as ciências médicas e botânicas; Cônego Agostinho Augusto França que assumiu a paróquia de Nossa Senhora da Conceição em 1863 e terminou a igreja Matriz na Praça Marechal Floriano com a ajuda do então deputado da época Dr. Basílio Furtado; e o cientista suíço Louis Agassiz em sua visita, no ano de 1866, a Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna pertencente a Mariano Procópio Ferreira Lage, onde oportunamente coletou algumas amostras de peixes e plantas que hoje fazem parte da coleção de ictiologia mundial do Museu de Cambridge.

Com o constante desenvolvimento sócio-econômico e político da cidade, em 1870 Rio Novo possuía uma média de cem casas, alguns casebres, igreja matriz, cemitério, irmandade religiosa, agência dos correios, fábricas, marcenarias, ourives, hotéis e casas de negócios com produtos nacionais e importados. Mas o crescimento não parava por aí, era uma das cidades mais populosas da região e por esse motivo ganhou estradas para transportes de cargas e pessoas.

A partir de 1872 viagens de Juiz de Fora a Rio Novo e vice-versa começam a ser feitas através da estrada de rodagem União e Indústria, que ligava Petrópolis a Juiz de Fora, e fora estendida a Rio Novo para levar e trazer passageiros e cargas. Uma média de onze anos até chegar a estrada de ferro Leopoldina no trecho que ligava Rio Novo a Furtado de Campos. Mesmo com estrada de rodagem e estrada de ferro já instaladas, em 1888 a cidade ganhou os trilhos da Estrada de Ferro que ligava Juiz de Fora a Piau, importantes implantações que influenciaram no amplo desenvolvimento ao longo do século XIX, assim como a produção do café que era o principal recurso econômico que fazia da cidade uma grande empregadora de mão de obra e exportadora do produto.

Além de a indústria, comércio e agricultura estarem caminhando a todo vapor no século XX, a religiosidade também era marcadamente presente na população de Rio Novo, tanto que a cidade ganhou, em 1890, a igreja Matriz construída no Jardim Municipal, hoje chamada Praça Marechal Floriano. A igreja era constituída de nave principal, teto de madeira em formato de abóboda, com afrescos do pintor italiano Magrini e foi arquitetada de acordo com as demais igrejas mineiras da época, como em Mariana, Tiradentes e Ouro Preto.



**Figura 3- Igreja Matriz localizada no Jardim Municipal, hoje Praça Marechal Floriano**

No ano de 1904 foi instituída uma comissão para formar o Sodalício de Nossa Senhora da Consolação com o intuito de erigir o hospital Santa Casa de Misericórdia, que atualmente está parcialmente<sup>11</sup> fechada por motivos financeiros e roubo de equipamento. Para dar suporte não só ao hospital recém aberto, como as casas residenciais e comerciais, no dia 23 de julho de 1908 Rio Novo tornou-se uma das cidades a receber energia elétrica da recém criada Companhia Força e Luz Cataguases Leopoldina.

A partir de 1910 começou a história propriamente da educação<sup>12</sup> institucionalizada da cidade, com a criação do primeiro Grupo Escolar Rio Novo sob a direção de Zina de Mendonça Gouveia e em 07 de setembro de 1913 foi inaugurado pelo fundador e diretor Raimundo Tavares o Ginásio e Escola Normal Doutor Basílio Furtado, considerado o segundo melhor no ensino do Estado, ficando atrás somente da Escola Modelo da Capital do Estado, localizada em Belo Horizonte.

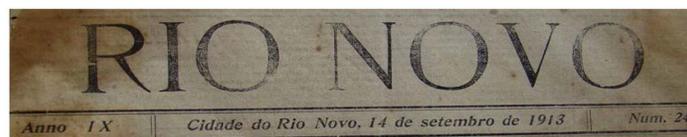
---

<sup>11</sup> Alguns atendimentos ainda são feito à população de Rio Novo, mas sem uso de equipamento ou outros recursos para internação e cirurgias.

<sup>12</sup> Antes da institucionalização da educação em Rio Novo, segundo documentos, existia um ensino de primeiras letras e aulas particulares, inclusive de música.



**Figura 4 - Escola Normal Doutor Basílio Furtado**



*Sua inauguração solenne, em 7 de setembro de 1913*

Creada anexa ao Gymnasio Rio Novo, aqui fundado pelo exímio educador, sr. dr. Raymundo Tavares, em 21 de Julho deste anno, pelo decreto n. 3.997, de 2 do corrente, foi nossa Escola Normal equiparada á Escola Normal do Estado, rezando o decreto:

«Concede á Escola Normal de Rio Novo as regalias de que goza a Escola Normal da Capital.

O Presidente do Estado de Minas Geraes, usando da attribuição que lhe confere a lei n. 501, de 21 de setembro de 1909, resolve conceder á Escola Normal de Rio Novo as regalias de que goza a Escola Normal da Capital.

Palacio da Presidencia do Estado de Minas Geraes, em Belo Horizonte, 2 de setembro de 1913.

JULIO BUENO BRANDÃO  
*Delim Moreira da Costa Ribeiro*

**Figura 5 - Jornal "O Rio Novo" e matéria sobre a Escola Normal**

No ano de 1925 a direção da Escola Normal foi entregue às Irmãs da Congregação Servas de Maria, vindas de Carangola para dirigir a instituição particular sob forma de internato e

externato com o intuito de formar moças com educação católica e preparadas para o magistério. Durante muitos anos a Escola Normal educou moças de várias cidades da região como Piraúba, Juiz de Fora, Ubá, Bicas, entre outras e nos anos de 1970 com a liberação do ensino público a Escola Normal vendeu parte do terreno que lhe cabia para pagar dívidas, fechou as portas e as irmãs voltaram para Carangola.

No ano de 1929 o então Presidente do Estado de Minas Gerais Dr. Antônio Carlos Andrada inaugura o Grupo Escolar Olympio Araújo, uma homenagem ao jornalista e poeta da cidade, filho de Chico Boticário, com mobílias doadas do Tribunal do Júri. Muitas das narradoras desta pesquisa fizeram seu primário nesse grupo, onde de fato deram continuidade na alfabetização que aprendiam num processo anterior a escolarização.

Até aqui Rio Novo prosperou plenamente em seu crescimento, porém, com a crise do café no final dos anos de 1930, a retirada dos trilhos de ferro entre os anos de 1960-70, a demolição da igreja matriz em 1968 e o fechamento da Escola Normal fizeram com que o desenvolvimento local sofresse um declínio durante um longo período.

Declínio esse que não desanimou a população miscigenada que em meio ao século XXI vem apostando na agropecuária e atividade industrial para uma retomada do desenvolvimento sócio-político-econômico da cidade a partir do funcionamento do Aeroporto Regional da Zona da Mata<sup>13</sup>, que funcionará principalmente para o transportes de cargas em todo o âmbito nacional.

Falar da cidade foi um importante contexto para que o leitor tenha conhecimento de onde as narradoras falam e do que elas falam, ou seja, de histórias que se encontram independente da infância vivida em 1920 ou em 1950. A história da cidade serviu para uma compreensão de acontecimentos que fizeram parte da construção social daquelas infâncias vivenciadas. Foi o espaço comum dividido em tempos diferentes. Tempos singulares como damas singulares.

---

<sup>13</sup> O Aeroporto Regional da Zona da Mata está localizado entre as cidades de Goianá e Rio Novo, a 40 quilômetros de Juiz de Fora.

#### **4.4 - Damas de ouros**

Assim como julguei importante contar os passos antes e durante a pesquisa e um breve histórico da cidade para situar o leitor de onde as narradoras falaram, julgo necessário que conheçam um pouco da história de vida de cada uma, antes mesmo de adentrar suas narrativas de infância propriamente com o intuito de apontar o que elas falaram e quem elas são.

As narradoras apresentadas são nascidas em diferentes décadas na cidade de Rio Novo,

Foram sete mulheres, sete professoras, sete mães, sete esposas, sete narradoras que aceitaram participar da pesquisa e contaram suas histórias pessoais, histórias de vida cheias de alegrias, tristezas, encontros e desencontros ao longo dos anos. Mulheres que julgo verdadeiras damas, peças primordiais nessa pesquisa que agora acompanharão e serão acompanhadas ao longo de toda a leitura sobre suas histórias.

##### **Ana Lúcia Cristão Gonçalves**

Filha do comerciante Antônio Gonçalves de Moura e da professora Nélia Cristão Gonçalves, a primeira dama apresentada é Ana Lúcia. Nascida em Rio Novo na década de 1940 viveu toda sua infância, adolescência e vida adulta na cidade, onde morava com os pais, a avó e uma irmã mais nova com que não gostava de brincar por causa da diferença de idade.

Por ter sido criada em cidade pequena sempre teve mais espaço para brincadeiras, principalmente brincadeiras de rua como passar anel, queimada e segundo informa, suas brincadeiras preferidas eram de bonecas e comidinhas, quase diariamente repetidas em companhia de sua amiga e vizinha Mimi. Enquanto narrava os fatos vividos na infância, Ana Lúcia por diversas vezes fazia pausas em suas falas, com os olhos cheios de lágrimas e uma emoção que lhe tomava o peito, como a própria dizia. Lembranças que levavam ao pai herói.

Foi nesse período que começou a receber de seus pais uma educação, segundo ela, baseada no respeito ao próximo. Seu pai, conforme vai contando, foi a pessoa que mais a influenciou em toda sua vida e principalmente sua formação. Era seu espelho de inteligência,

cheio de tato ao lidar com o próximo e com os filhos. Sua mãe era uma mulher muito rigorosa que, além de cobrar boas notas nos estudos, queria que suas filhas se tornassem moças com bom comportamento perante a sociedade. Sempre estava por perto das meninas tentando manter a ordem na casa e nos estudos.

As primeiras leituras aconteceram com a ajuda de uma professora particular antes do período escolar pelo método de silabação, que segundo ela é o que funciona para que as pessoas consigam falar corretamente. Enquanto contava sobre sua alfabetização, a memória pregou uma peça e não permitiu de forma alguma lembrar quem eram seus três coleguinhas que freqüentavam com ela a casa daquela professora.

Para ela, o seu período enquanto aluna foi um momento de muita aprendizagem, pois muitas coisas que vivenciou foram aplicadas em sua prática, como o pelotão da saúde da escola primária escola Olympio Araújo. De acordo com ela, era um movimento para ajudar na higiene dos alunos mais necessitados ou que vinham da zona rural estudar, ou seja, banho, cortes de cabelo e unha, tratamento médico e odontológico. Todo tratamento acompanhado com carinho pelos professores que não se preocupavam somente com os conteúdos aplicados e faziam um trabalho de conscientização junto aos alunos.

Durante a adolescência estudou na Escola Normal Doutor Basílio Furtado e lá teve uma educação religiosa e preparatória para que se tornasse, posteriormente, uma professora. Fato curioso é que todas as narradoras passaram pela Escola Normal, como aluna e/ou professora e relataram momentos bem marcantes para cada uma, como conta Ana Lúcia sobre o uniforme obrigatório com saia azul de prega, blusa branca, gravata e boina ambas azuis.

Ao finalizar os estudos, seguiu rumo a prática e foi ser professora primária no local onde estudou quando criança. Ela rememorou que, além de ensinar pelo método de silabação, como aprendeu, procurou fazer mais trabalhos ligados a família e ao bem estar do aluno dando continuidade no trabalho iniciado por suas professoras enquanto ainda era criança. Quando um aluno faltava, procurava saber o motivo e, se preciso, ia a sua casa e fazia trabalhos no pelotão de saúde. Em casa, fazia o papel de mãe e educadora, ou pelo menos reforçava a educação que ensinada pelos professores, com aulas particulares em casa para os próprios filhos. Dois homens e uma mulher.

Atualmente Ana Lúcia está aposentada e mora com os filhos Alexandre e Francisco. O que não gosta de fazer de forma alguma é ficar em casa bordando ou vendo televisão. Separada

do marido há alguns anos gosta de se dedicar as festas de igreja, em eventos realizados na cidade e nas conversas nos finais de tarde com os jovens, pois não gosta de ficar lembrando o passado como ela própria comenta “olha, veja bem, eu não sou muito saudosista não, eu acho que tudo na vida tem seu tempo certo e passa”.

Narradora de sua própria história e analista de sua trajetória, durante sua narrativa, embora não seja saudosista como ela mesma descreve, foi possível perceber como os fatos vivenciados na infância influenciaram sua formação e sua prática como professora, que buscava lidar com o aluno com carinho e respeito.

### **Maria Luíza da Silva**

Como eu enfrentei o preconceito, mas eu venci graças a Deus, mas eu venci por mim mesma, não é pra mostrar pras pessoas, pra mostrar pra ninguém não, eu apenas falava assim, ah negro também é gente, o mesmo sangue que corre na veia dessas pessoas superior, eu acho que vai correr na inferior também. Ah, pra Deus nada é impossível. E fiz, meti a cara, estudei bastante.

Professora de primeira a quarta série aposentada, aluna de piano no Conservatório de Música em Juiz de Fora e dona uma loja em Rio Novo onde vende bombons feitos por ela, toalhas de mesa, colchas bordadas e bonecas de pano, fui procurá-la para explicar a pesquisa e saber se poderia contar com sua participação.

Animada com a nossa conversa prontamente mostrou disposição para narrar sua história e refletir sobre sua trajetória. Marcamos a data e no dia agendado, fui encontrá-la em sua casa. Ela já estava esperando ansiosa para começarmos nossa conversa.

Nascida na década de 1940, na fazenda do Limagel<sup>14</sup>, Maria Luíza é filha do militar Francisco Luiz da Silva, já falecido há bastante tempo e da empregada doméstica Raimunda Rodrigues da Silva, que veio a falecer quando a menina tinha quatro anos. Quando pequena morou uma temporada no Rio com os pais, mas quando sua mãe faleceu, voltou para a Fazenda para ser criada pela avó Rosa Evangelista da Silva e o tio Sebastião Rosa, filho mais velho de Rosa.

---

<sup>14</sup> Fazenda Limagel fica localizada na zona rural da cidade de Rio Novo

A educação proporcionada na fazenda pela avó foi para que ela e seu irmão tivessem não só respeito pelo próximo e comportamento perante as pessoas, como tivessem claramente entendido que eles eram empregados da fazenda, não filhos do dono. Segundo ela deviam “dar obediência de tudo” e principalmente não falar ou comer mais do que seu lugar permitia.

A alfabetização aconteceu muito antes da escola. Morava na Fazenda e ficava ansiosa quando a professora de seus primos vinha ensiná-los ler e escrever. Segundo informa, sempre teve vontade de ser professora e seu espelho foi a professora dos meninos. Para ela era uma professora linda, inteligente e muito capacitada e apaixonada pelo trabalho e por essas qualidades, queria se exatamente como ela. Nessas idas e vindas da professora, Maria Luíza percebeu que aquela era a oportunidade de começar a colocar em prática um sonho almejado. Era o momento no qual poderia aproveitar para começar os estudos, e por conta dessa percepção passou a prestar atenção no que a professora fazia e copiar tudo o que ela passava, mesmo sem saber o que estava fazendo.



**Figura 6 - Maria Luíza na Escola Normal**

Quando as meninas da fazenda, filhas do dono, começaram a crescer e ir pra cidade estudar o primário, Maria Luísa conversou com sua avó a respeito de ir junto com elas, mesmo sob discriminação, que naquela época eram muito explícitos os comentários de que negros não precisavam estudar. Como a vontade de ser professora era maior, conseguiu liberação da avó e foi para a cidade morar com sua tia Maria e o marido dela, com o intuito de concluir os estudos. Morou com eles por um bom tempo até os tios começarem a implicar com o fato de já moça, estar estudando e não ter nenhum trabalho. Incomodada com a situação, mudou-se para a casa de uma amiga até concluir o curso normal.

Ao lembrar o período da Escola Normal, Maria Luíza conta que ganhou o apelido de Pelé, pois na época em que o rei do futebol brasileiro estava em alta ela, que sempre foi a única aluna negra da escola, era uma das melhores jogadoras de vôlei. Nesse mesmo período, lembra ainda alguns outros momentos como a rigidez com que os professores ensinavam - pois eram muitos conteúdos e todos cobrados oralmente frente a uma banca que sempre a deixava apavorada - e o falecimento de uma amiga próxima, que tinha problemas cardíacos, fato que na época abalou toda a comunidade escolar.

Passado o período escolar iniciou sua prática lecionando com uma filosofia bem parecida com a de Ana Lúcia, visto que trabalharam juntas. Como sempre teve uma vida sofrida para chegar a ser professora, olhava sempre com muito carinho para aqueles alunos que mais precisavam de atenção e cuidados. Ela mesma diz que muitas vezes via a si própria quando deparava com uma criança com cabelos desgrehados “mas hoje as meninas num querem nem saber disso, é tudo cabelo em pé, ainda dançando. Eu penso assim, ah Maria Luísa ontem”.

Durante as narrativas também vieram à tona outros pontos igualmente importantes apreendidos e analisados pela própria narradora enquanto narrava, como o casamento que não deu certo, pois sempre gostou muito da liberdade de ir e vir, a adoção de um menino que pegou para criar e assim que ele completou vinte e oito anos foi ter sua vida própria. Momentos que deixaram marcas e são lembrados com carinho e que por ela, “quem me dera se eu pudesse voltar à minha infância, adolescência, eu tenho muita saudade”, um caminho que se precisasse, seria percorrido todo ele novamente.

## **Maria Calian Gonçalves**

Dona Mariinha, como todas a conhecem em Rio Novo é prima da professora Ana Lúcia e foi mais fácil de encontrar, pois estava em casa e concordou em contar sua trajetória, alegando que seria bom relembrar o passado pois tem muitos momentos que seriam interessantes serem revisitados.

Nascida numa chácara em Rio Novo na década de 1930, ela contou sobre a infância, começando pelo quintal imenso da casa onde morou até os oito anos com seus pais Silvio Calian, sua mãe Alzira da Silva Calian e seus cinco irmãos Ruth, Geni, Vilma, Silvio e Odilon.

Na infância, Mariinha teve uma educação familiar muito preocupada com os estudos. Seus pais sempre quiseram os filhos instruídos para que se tornassem alguém na vida. Antes de ir pro primário, já estava alfabetizada por seu pai e acredita que por influência dele desenvolveu o gosto pela leitura até hoje aguçado.

Um fato que ficou registrado e sempre é reavivado pela memória porque marcou ao longo de sua história, era o medo que seu pai tinha de enchente, motivo da família estar sempre mudando para locais que não tivessem risco de alagar. Mudaram várias vezes e numa dessas mudanças moraram num local alto onde acolheram tios em períodos de chuvas torrenciais “Meu pai era meio esquisito, ele não gostava de morar perto onde tivesse eminência de enchente, ele tinha horror”.

Enquanto seu pai ficava mudando com a família, Mariinha sempre foi uma pessoa diferente dos demais familiares. De acordo com ela, sempre gostou de resolver os problemas que apareciam com a maior rapidez possível e por isso sempre fazia o que lhe era devido sem precisar que ninguém mandasse, pois tinha horror de ser chamada a atenção. Muitas vezes passou por situações assim com os estudos, afazeres de casa e o que mais aparecesse ou fosse designado a ela.

Ao narrar sobre os estudos contou um fato que gerou uma frustração muito grande e ainda hoje percebe que é algo que ainda machuca. O fato é que sua mãe não elogiava quando chegava com o boletim, para mostrar as notas que havia tirado, de acordo com Mariinha, o que dona Alzira sempre dizia era “ah eu já sabia, eu tinha certeza”, quer dizer eu ficava um pouquinho decepcionada porque eu queria assim ‘ah que beleza’.

Em sua prática Mariinha deu aula na Escola Normal sempre buscando um trabalho centrado e coeso para formar alunas capacitadas. Não perdia a postura mesmo quando lecionava disciplinas nas quais não era especialista, como Latim, época na qual regeu a turma com muita maestria. Para ela, alguns acontecimentos vivenciados deixaram profundas marcas, marcas que atualmente incomodam positiva ou negativamente, mas são bem vindos quando rememorados, pois esse retorno ao passado lhe permite avaliar como viveu e como foi enquanto educando e educadora.

### **Maria Helena Marques**

A criança tem que ser criança, tem que viver a época de infância dela. Porque senão, se ela queimar etapas a cabeça dela vai fundir.

Nascida na década de 1940 e criada em Rio Novo toda sua vida, Lelena, como é conhecida por suas amigas, atualmente é secretária de educação em Rio Novo e professora primária aposentada.

Sua história começa a partir de uma família de classe média baixa, que passou por dificuldades, mas teve apoio e venceu barreiras. Filha de José Inácio da Silva, um pai que não chegou a conhecer, pois ele faleceu quando ela tinha dois anos de idade e de Alice Marques da Silva servente de escola, de quem se orgulha muito, Lelena foi criada juntamente com seu irmão mais novo, pelos tios Antônio Leandro, irmão de sua mãe e funcionário da Companhia Força e Luz Cataguases Leopoldina e sua esposa Celina de Carvalho, dona de casa que acompanhou toda a trajetória dos filhos e do sobrinhos.

Na infância, foi morar com sua mãe e irmão na casa dos tios que sempre ajudavam a quem precisasse, incluindo aqueles que não eram parentes. Mesmo morando com a mãe, quem assumiu o papel de acompanhar o desenvolvimento educacional das crianças foi Celina, que se prontificava em ensinar o que fosse necessário. De acordo com Lelena suas notas altas e seu comportamento são devidos aos ensinamentos passados por sua tia.

Em sua meninice, já existia a Praça de Esporte<sup>15</sup>, com quadra de futebol, vôlei e piscina para a garotada se divertir. Lelena aproveitou muito esse período para jogar vôlei e futebol, porém

---

<sup>15</sup> Um clube para praticar esportes

quando ia nadar, seu local favorito era o rio. Sempre mentia sobre o local para onde ia e o que faria para nadar no rio sem perturbação da família, que tinha medo das crianças se afogarem.

No período escolar Lelena se destacou por começar a ler desde muito nova. Com cinco anos aprendeu ler e escrever na casa de uma professora que freqüentava na época. Ao rememorar sua trajetória escolar recorda de um fato que a marcou muito. Um processo discriminatório que sofreu por parte de uma professora da escola onde estudava, pois uma filha de servente não poderia ter melhores notas que o filho de uma secretária em momento algum. O interessante desse fato é que ela e o garoto nunca tiveram problemas um com outro quanto a essa disputa de quem era o melhor aluno. A discriminação que a acompanhou por um longo tempo, serviu para repensar sua prática quando se tornou professora.

Formada pela Escola Normal, Lelena desenvolveu sua prática docente buscando respeitar a diversidade presente não só na sala de aula, como no dia-a-dia, por conta das discriminações pelas quais passou. Sempre esteve muito aberta ao diálogo com seus alunos, atenta ao desenvolvimento das questões educacionais e principalmente na forma de ensinar sem queimar etapas. Como sua mãe foi servente escolar em Rio Novo e por ter essa profissão, mãe e filha sempre enfrentaram o preconceito. Lelena procurou tratar com muito carinho aquelas com quem trabalhava: “eu sempre falo com as serventes de hoje, vocês são os meus peixinhos! Eu cuido de vocês com muita honra, pelo trabalho que a minha mãe plantou e implantou aqui dentro de Rio Novo”.

## **Telma Luísa Duarte Ferreira**

Agora, minha frustração quando criança era de nunca ter rodado bambolê devidamente, sabe? Ele parava aqui na cintura por pouquinho tempo. Minha irmã ficava dando aquele show no bambolê, eu não conseguia rodar tanto tempo.

Eu fui professora porque alguém me incentivou, porque eu busquei todos os recursos pra me tornar professora, não á melhor, mas para dar aos alunos o que havia de melhor em mim.

Filha da professora Maria Pinto e do viajante Fleri Duarte, que sempre estava ausente de casa por conta do trabalho, Telma nasceu na década de 1950 na cidade de Rio Novo e é mais uma

dama de ouro presente na pesquisa. Ela é a mais nova do grupo e quem cria uma ponte entre as décadas de 1920 a 1950 ao longo das histórias narradas.

Em sua educação familiar, lembra que quem sempre exerceu o papel de pai e mãe na criação dos filhos foi sua mãe, com a ajuda de uma sobrinha que morava com eles. Lembra que sua prima Mariazinha ajudava sua mãe, pois essa sempre passou muitas dificuldades enquanto professora, visto que estava o tempo todo fora lecionando – dava aulas de manhã, a tarde e a noite – e muitas vezes ficava oito meses sem receber.

Embora tenha enfrentado dificuldades com a ausência do pai e o trabalho da mãe, a infância de Telma e seus quatro irmãos sempre foi regada a brincadeiras de rua com as crianças que moravam perto de casa e de muito rigor nos estudos, pois mãe professora, com muito orgulho, fazia questão de que os filhos tivessem uma boa formação. Ao conhecer sua história, percebi que sua educação familiar e de seus irmãos entrelaçou com sua educação escolar, como aconteceu com algumas outras narradoras que também tiveram mães professoras.

As brincadeiras eram sempre com bolas de gude, rolimã e cinco Marias<sup>16</sup>, normalmente brincadeiras de meninos e que Telma adorava participar, embora recebesse frequentemente broncas da mãe. Dentre as brincadeiras da quais participou aquela que sempre gerou maior frustração enquanto criança era o bambolê e o fato de nunca ter conseguido rodá-lo, como fazia divinamente sua irmã Glorinha.

Apaixonada por gibis, principalmente pelo do Príncipe Valente e pelo do Fantasma, sempre quis aprender a ler rápido, pois quando pedia para qualquer dos irmãos ler para ela, faziam chantagem em troca de algo que lhes interessasse. Mesmo folheando gibis e escutando sua mãe ler livros de formação quase que diariamente, as primeiras letras vieram de fato no primário com as cartilhas.

---

<sup>16</sup> Cinco Marias era uma brincadeira com cinco pedras, produzidas em pedra sabão pelas próprias crianças. Pedras essas que eram jogadas, como se jogam bolas de gude.



**Figura 7 - Telma Luísa**

Na adolescência, foi para Escola Normal onde foi aluna de sua mãe, tratada por todos da comunidade escolar como a filha da professora Maria e ativista dos movimentos estudantis da época, pois se envolvia em eventos para angariar fundos para a escola e para promover a socialização entre a Escola Normal e Ginásio, com festividades que variavam entre jogos em finais de semana e festival do chopp.

Nos anos de 1970, já formada, fez um trabalho de professora junto a amigos, dando aulas gratuitas para tentar manter a Escola Normal com as portas abertas, porém com a chegada do ensino público, todos os métodos empregados por eles não foram suficientes, as irmãs fizeram as malas em retirada e a escola foi fechada. Uma escola lembrada por todas que por lá passaram seja como aluna ou professora.

Ao longo de sua prática, sempre esteve aberta ao diálogo com seus alunos, mesmo para situações muito particulares e ao comparar sua fase de estudante com a de professora, percebe que tinha uma sala com alunos diversos, bem diferente da sua época, na qual os alunos eram

denominados de acordo com a profissão dos pais, ou seja, o filho do advogado, a filha da professora e assim por diante.

Atualmente Telma mora sozinha em Rio Novo, numa casa na mesma rua onde mora sua mãe, recebe freqüentemente a visita dos filhos que moram fora da cidade e dos ex-alunos. Muito envolvida com os eventos da cidade, sente falta do tempo em que fazia estripulias na rua com as demais crianças daquele lugar, que deixaram sorrisos, tombos e alegrias espelhados pelo tempo que já foi.

### **Maria da Conceição Pinto Duarte**

Sempre gostei muito do magistério. Mas eu sempre digo que eu fui professora na época que o aluno respeitava o mestre. Hoje as coisas mudaram muito, muito.

É, cada um tem uma história pra contar, né? Todo mundo tem a sua história pra contar, né? A vida é feita de momentos alegres, de momentos tristes, mas é o viver, né? É isso aí.

Como falei da filha, agora remeto à mãe, a famosa professora Maria da Conceição Pinto Duarte, ou como é mais conhecida por todos, dona Maria Pinto. Atrevo a chamá-la assim, pois é a professora mais conhecida e respeitada na cidade, embora todas tenham dito que ela era muito severa na cobrança diária, tanto em sala de aula, enquanto mãe.

Dona Maria nasceu na década de 1920 e vem de uma família de dezesseis filhos. Cinco mulheres e onze homens. Primeira mulher a ser vereadora na cidade de Rio Novo se orgulha de ser filha do carroceiro Teodósio Pinto de Oliveira Castro e da costureira Olívia Voiames Pinto, responsáveis pela educação familiar, escolar e musical de todos os filhos.

Durante a infância a história familiar de Maria Pinto é muito parecida com a de sua filha, pois seu pai também trabalhava viajando e passava a maior parte do tempo fora, o que acarretou na responsabilidade que sua mãe carregava em educar todos os filhos. Era ela quem comandava a família com o auxílio da filha mais velha. Dona Olívia era muito severa, muito rigorosa ao cobrar os estudos e um comportamento bem educado dos filhos. Era a mãe quem levava os filhos para as festas. Postura essa que se encontra presente em Maria, como contam as demais narradoras que a conheceram como alunas, filha e mesmo colegas de profissão.

Como em toda família irmãos brigam e implicam muito uns com os outros, na família de Maria Pinto era ela o alvo das implicâncias dos irmãos que gostavam de chamá-la de gata seca, por ser muito magrinha. Era um apelido que a deixava muito chorosa pelos cantos, pois sentia-se muito feia. Mesmo com as implicâncias, a hora da brincadeira sempre era um divertimento para todos eles e Maria gostava muito de brincar de roda na rua com as outras crianças. Certa vez ficou encarregada de fazer uma irmã mais nova dormir a tarde, mas com toda a euforia de criança para brincar com as demais na rua, colocou a menina deitada no sol e quando ela fechou os olhos por causa daquela luz, Maria saiu correndo alegando que a menina já estava dormindo e portanto poderia sair para brincar. Situações vividas na infância e que foram lembradas com muito carinho numa conversa bem a vontade.



**Figura 8 - Maria Pinto**

Como toda criança cresce, na adolescência Maria passou pela experiência de um noivado desmanchado por uma carta recebida no dia da festa. Seu noivo viajou para o Rio de Janeiro e deixou uma carta com o pai de Maria anulando o compromisso entre os dois, pois não estava certo se queria ou não casar. Tempos depois o noivo voltou a procurá-la em vão, pois já estava apaixonada por outro, com quem veio a se casar. O interessante, como ela própria comenta, é que

sempre teve namorados loiros e altos, mas aquele que se tornou seu marido era baixinho e moreno.

Nos estudos, do primário a sua formação, estudou na Escola Normal com padre e freiras que tinham posturas muito rigorosas, tanto para cobrar o ensino tradicional como o religioso também. Nas missas aos domingos, era sagrada a participação da família, que se não comparecesse, recebia visita para explicar o motivo da ausência. Principalmente a família das normalistas, que já tinham tradição e uniformes próprios para aquela ocasião.

Atualmente, Maria Pinto está envolvida com projetos relacionados a terceira idade, bordados em colchas para os netos e poesias, que adora declamar em eventos sociais dos quais participa. Na casa onde reside sozinha tem lembranças de um tempo que se foi, dos amigos que se foram, da infância vivida e outros tantos momentos que vão e vem e permitiram que eu pegasse uma carona para visitá-los.

### **Elylia de Mattos**

Essa casa foi a primeira escola de Rio Novo, viu? Essa aqui foi a primeira escola do Rio Novo. Ce ta vendo tudo furado assim? Tem mais de 100 anos, mas foi a primeira escola de Rio Novo. O professor chamava-se Barbosa. E ele tinha uma palmatória. Menino errava, era na palmatória, ele entrava mesmo na palmatória. Isso contado por meu pai que foi aluno dele.

Nascida na década de 1920 como dona Maria Pinto, a também aposentada, dona Lili, como é conhecida na cidade é filha do primeiro dentista que Rio Novo teve, Sérgio de Mattos, que exercia a profissão livremente, mesmo sem ter freqüentado uma faculdade de odontologia como aluno. Ele foi empregado como servente em uma faculdade de odontologia de Belo Horizonte e por assistir como ouvinte as aulas, adquiriu certa prática, posteriormente aplicada nos moradores de Rio Novo.

Sua mãe Ermelinda Soares de Mattos era uma mulher muito carinhosa e sempre esteve voltada para uma boa educação dos filhos e cuidados com a casa e consultório do marido, que era na frente da casa. Ainda existem alguns elementos que faziam parte do consultório de seu pai no espaço que hoje é usado como uma espécie de varanda fechada. Quando o marido recebia um paciente que vinha de longe, dona Ermelinda já sabia que era para colocar um prato a mais na

mesa, pois teria mais uma pessoa para participar da refeição da família. Várias vezes aconteceu de chegar um paciente de longe para fazer um tratamento demorado que gastaria quase que o dia todo.

Enquanto criança Elylia e seus três irmãos brincavam de Tarzan e de barco no quintal de casa, pois apesar de os pais fazerem as vontades dos filhos, achavam melhor que brincassem no quintal de casa do que na rua, pois tinham uma área espaçosa que permitia a imaginação criar brincadeiras. Mas como toda criança, a rua fascinava e o que agradava os meninos era o jogo de futebol. No caso de Elylia, nem eram as bonecas o que mais gostava, o que lhe atraía era o terreiro e as muitas possibilidades que sua imaginação criava.

Com cinco ou seis anos, não sabe precisar exatamente a data começou a freqüentar a escola junto com a irmã, pois quando percebeu que Maria, sua irmã mais velha estava indo pra aula queria acompanhá-la. Conversou com sua mãe e os pais decidiram que seria importante satisfazer essa vontade da filha. Assim como Maria Pinto, os estudos de Elylia foram realizados na Escola Normal, desde o primário até sua formação, com muita severidade e cobrança dos professores, das freiras e do padre. Certa vez, lembra que numa aula de desenho com a irmã Benigna todos os alunos tiveram um momento de torpor ao conseguirem ver a anágua branca da freira, que sentou ao lado de um aluno para lhe explicar um traço.



**Figura 9 - Elylia de Mattos**

Na adolescência uma situação que muito deixou marcas, segundo ela mesma conta, foi quando seu pai decidiu tomar partido na política e colou cartazes de Getúlio Vargas em toda a cidade. Getúlio ainda não era presidente, mas seu pai simpatizava com a proposta de governo dele. Por conta dessa demonstração de apreço por um político que não estava no poder foi levado para a cadeia a pedido do prefeito e Sérgio de Mattos só conseguiu sair porque sua filha foi buscá-lo. Uma atitude nobre que poderia ter causado conseqüências mais graves.

Com estrutura familiar e escolar bem firmadas, chegou a época de se tornar professora. Uma época lembrada com muita alegria ao falar do tratamento que dava a seus alunos, mesmo aqueles que eram mais travessos e sempre aprontavam. Como um caso sobre um aluno, hoje um político conhecido, que entregou uma prova com uma resposta malcriada somente para ver qual seria a reação da professora, que o defendeu perante o diretor da escola e acabou tornando uma amiga do garoto.

Além de professora, se tornou mãe de um menino que todos dias ia pra sua casa passar o dia, até que numa manhã foi encontrado dormindo na varanda. Naquele instante, seu instinto materno

falou mais alto e a partir daquele momento sabia que ambos queriam ficar um com o outro. O garoto foi adotado e criado por ela somente, pois havia separado do marido. Ao contar esse episódio, mãe e filho se emocionaram bastante, pois para dona Elylia essa foi a melhor coisa que poderia ter acontecido. E para o filho também.

Atualmente dona Elylia vive com o filho e a nora na casa em que foi criada e segundo ela foi a primeira escola de Rio Novo. O que lhe dá prazer é relembrar o passado, lembrar sua história desde o início do povoado de Rio Novo, uma história iniciada por seus ancestrais e que lhe dá muito orgulho em passar ao próximo, que tem interesse e ouvidos para conhecê-la.

## 5 - QUEM VIVENCOU O QUE? ENTRE 1920-1950

As professoras entrevistadas, pelo fio da memória, refazem o percurso de suas vidas, reconstruindo-as diante do interlocutor que se dispõe a ouvi-las. Em suas narrativas vão emergindo lugares, fatos, pessoas e, junto com sua história, vai sendo contada também a história de sua cidade e de seu país. (Freitas, 2000, p.32)

E cada um tem uma história pra contar, né? Todo mundo tem a sua história pra contar, né? A vida é feita de momentos alegres, de momentos tristes, mas é o viver, né? É isso aí. E... o que eu acho mais difícil é a gente aceitar, porque a gente tem que aceitar as horas boas e as horas más da vida, né? Que num são, num são fáceis não. Mas tudo supera. A gente só, até a morte a gente tem que superar. Até ela a gente tem que aceitar. Embora com o coração despedaçado, né? A ausência dos entes queridos, vão saindo, os amigos. (Maria Pinto)

Durante a realização da pesquisa, busquei elementos muito particulares das vivências de cada narradora, histórias únicas e principalmente histórias que deixaram marcas em quem narra. Histórias importantes que fizeram minhas narradoras se tornarem sujeitos de sua própria história e analistas de fatos que influenciaram o processo de formação de cada uma.

Embora cada história fosse muito singular por serem vidas diferentes, em alguns momentos elas encontraram pontos de cruzamento, ou seja, o elo que até então estava perdido e que ao ser encontrado criou uma ponte entre as narrativas, uma ponte que liga as décadas de 1920 a 1950 e que permitiu perceber que as histórias não pertencem somente aqueles que narram, ou seja, que nossas histórias, de uma forma ou outra, estão relacionadas com a história do outro.

Foi justamente através dessa ligação que pude focar minha pesquisa num ponto a ser analisado. Eu queria, dentre as histórias de vidas narradas, investigar e compreender quais elementos vivenciados na infância deixaram marcas e influenciaram às professoras entrevistadas. O objetivo era fazer com que trouxessem à tona os momentos mais importantes vivenciados na infância e principalmente, que pudessem refletir sobre eles, elas próprias.

Investigar esses elementos vivenciados no período da pré-mídia<sup>17</sup> foi entrecruzar com a análise com a teoria de Neil Postman, no que se refere a viver uma infância numa época em que a televisão, o rádio e as demais mídias não dominavam as casas e a formação das crianças.

Realizar essa análise, através das memórias de infância foi uma experiência que permitiu não só a mim enquanto pesquisadora compreender como foram educadas, alfabetizadas e outros elementos que também fizeram parte desse processo de formação, como a elas próprias que puderam refletir sobre o passado, sobre a educação que tiveram e as possibilidades que lhe foram oferecidas. Convido-os para que apertem os cintos e comecem comigo e minhas narradoras, uma viagem de volta ao passado.

## **5.1 Brincadeiras infantis**

Ao longo das narrativas as brincadeiras infantis foram citadas por todas as narradoras, mesmo aquelas que não brincavam muito por terem decidido seguir o estudo, como no caso de Maria Luíza. Através das narrativas sobre as brincadeiras consegui perceber os lugares, pessoas e brinquedos narrados que demonstravam a importância desse momento para cada uma.

Para Vigotski (2008), os brinquedos fazem com que a criança satisfaça certas necessidades, que se realizam a partir do brincar. A criança que se encontra na idade pré-escolar possui um comportamento que a faz transportar-se para um mundo ilusório, que permite o criar e realizar aquilo que no mundo real não é possível de ser realizado.

Cada narradora teve sua brincadeira favorita que permitia que fossem o que quisessem ser, e a imaginação pudesse permitir. Foi através das narrativas sobre as brincadeiras que pude perceber como se socializavam e se realizavam, como conviviam e interagiam com o outro, desconhecendo o individualismo das guerras travadas nos vídeo-games.

Nessa interação com o outro, muitas brincadeiras eram imaginadas e vivenciadas, como o Tarzan encontrado no terreiro de casa, o faz de conta ao brincar de casinha, as brincadeiras com

---

<sup>17</sup> Termo usado por Neil Postman

os meninos na rua e de outras tantas vividas em Rio Novo, evocadas a saírem do empoeiramento da memória, para agora serem analisadas.

### 5.1.1 - Brincadeiras de rua

Na maioria das narrativas, as brincadeiras de rua foram citadas e apreendidas como um espaço de socialização, de interação entre as crianças presentes. Se existiam problemas, era na rua que eles desapareciam ou cediam lugar para que o convívio com o outro fosse explorado através da brincadeira, que trazia como consequência o respeito com a vez do próximo e com a cumplicidade em guardar segredos.

Brincar na rua para as narradoras era um momento em que as famílias podiam conversar, pois pegavam as cadeiras e sentavam nas calçadas enquanto os filhos brincavam. Era uma época em que as crianças juntavam e tinham autonomia para decidirem conjuntamente qual seria a brincadeira da vez. Brincar na rua para elas era sinônimo de liberdade, de ser criança numa época que não existia rádio nem TV.

Nós brincávamos na rua, eram aquelas brincadeiras de pique, de queimada, de passar anel, não é? (Ana Lúcia)

A gente brincava de pique, pique esconde, pique bandeira [...] (Telma)

E... naquela época a gente tinha uma infância. A gente brincava muito de roda, né? De pique. Era uma infância muito gostosa, muito sadia. Naquela época que a família colocava a cadeira do lado de fora, nas portas, enquanto a gente brincava as mães batiam papo, conversavam. (Maria Pinto)

Para Maria Pinto, a infância existiu em sua época, uma época em que ela brincava, uma época em que se sentia criança e fazia coisas de crianças. Sua concepção de infância foi a partir de suas vivências, de suas experiências na década de 1920.

Para Mariinha, que analisa sua infância dos anos de 1930 e a compara com a infância do século XXI, as meninas de hoje não agem mais como crianças. Para ela, as meninas hoje se vestem e comportam como adultas, o que não pode ser definido como infância de acordo com sua narrativa.

E roda, pique, às vezes fazia até um quarteirão todo correndo de pique. Hoje talvez as meninas com menos de dez anos já se comportam como adulta. (Mariinha)

Nessas vivências, as brincadeiras tinham uma forte marca de gênero, a partir do momento em que estava definido o que era brincadeira de menino e o que era brincadeira de menina. Eram muito difíceis as brincadeiras mistas, que aconteciam muitas vezes às escondidas dos pais.

As brincadeiras com os meninos eram um grande atrativo para Maria Helena e Telma que gostavam de ir às escondidas brincar com os meninos. Talvez porque os meninos tivessem brincadeiras mais perigosas e talvez por isso mais interessantes, do ponto de vista delas. Eram brincadeiras que muitas vezes acabavam machucando e sendo descobertas mais cedo ou mais tarde pelos pais que puniam as meninas. Pela narrativa das duas, parece que são as duas mais aventureiras dentre as narradoras, as duas que mais gostavam de enfrentar desafios, mesmo que esses desafios representassem riscos. Suas narrativas apontam para uma necessidade de quebrar barreiras de preconceitos de que meninas só podem brincar com coisas de meninas e misturam-se às brincadeiras de meninos, perfeitamente possíveis de serem brincadas.

[...] então nós brincávamos assim, uma brincadeira sadia, era essas brincadeiras de pique, era essas brincadeiras de futebol mesmo, que a gente ficava até com os dedos... rebentado, jogava descalço. (Maria Helena)

Fui muito levada, fui muito moleca. A minha mãe tinha uma preocupação muito grande, como todas as mães de Rio Novo, com questão de natação. Porque quando foi construída a Praça de Esportes nós já freqüentávamos o rio, e nadar no rio é sempre um perigo muito grande, né? E a gente sempre naquela, ah eu vou ali, mentira! A gente ia lá e nadava. (Maria Helena)

E uma vez eu me lembro, conhece aqui o pontilhão? O trem passava ali em cima do pontilhão ali, né? Descendo aqui em casa tem a ponte de ferro ali, né? Aí você olha tem o pontilhão e todo mundo saía passeando aqui e tal, eu descia com os meninos aqui da rua e as crianças andavam no pontilhão. Eu nunca atravessava porque eu morria de medo de altura, eu começava a pôr o pé no pontilhão e olhava aqueles dormentes, um assim tinha um vão, tinha veado passando lá. Um dia eu falei, vou passar, vou passar, mas aí o

Luciano era pequenininho, o Luciano tinha o que? O Luciano devia ter uns três anos, eu passei com Luciano no colo. Quando chegou no meio do pontilhão eu parei e fiquei paradinha ali e os meninos “vem Thelma, vem”, com muito custo é o consegui passar, mas o senhor... o senhor Dionísio, que é vivo até hoje me viu chegou e contou para a mamãe. Menina, eu apanhei tanto, como eu apanhei gente do céu. (Telma)

Ao longo das narrativas sobre as brincadeiras na rua, percebi que independente da época, e das histórias de cada uma os jogos eram os mesmos. Hoje, mesmo em cidades pequenas, raras vezes vemos crianças brincando de pique-pega, ciranda ou pique-esconde. Onde estão essas brincadeiras? Essas brincadeiras estão guardadas nos arquivos empoeirados da memória de infância e podem ser evocados se as histórias de vida conseguirem atrair a meninada de hoje, o que raramente acontece. Como diria Postman (1999, p.18) “Mesmo o esconde-esconde, que era praticado na Atenas de Péricles há mais de dois mil anos, está agora quase completamente desaparecido do repertório das brincadeiras organizadas pelas próprias crianças. Os jogos infantis, em resumo, são uma espécie ameaçada”.

Eles foram substituídos pelos jogos eletrônicos, pelas brincadeiras de menino beija menina, pelas brincadeiras de médico, que desde muito cedo exploram a sexualidade da criança, que toma conhecimento de toda essa informação pelos programas televisivos, como as novelas e filmes sensuais, que estão à mostra para todas as idades.

### **5.1.2 Bonecas**

Como argumenta Pinto (s/d), quando uma criança brinca com uma boneca fingindo ser sua filha, ela finge que é mãe ou pai e entra nesse mundo outro, que não é o dela, para saborear essa experiência outra.

Ao contar sobre as bonecas, algumas narradoras apontaram diferentes situações sobre o mesmo tema. No caso de Ana Lúcia, ela revelou que, ao brincar de boneca, seu instinto maternal falava mais alto e que mesmo criança, a menina já tem aquela noção de mãe e filho e por isso brinca tanto de cuidar, ninar e trocar roupa da boneca.

E boneca, fazer roupinha de boneca que era... que infelizmente ou felizmente desde pequena a gente tem esse lado maternal, então sempre brincando de boneca. (Ana Lúcia)

Além do instinto maternal, Ana Lúcia aponta para uma comparação existente na infância. Ela compara sua postura ao brincar e cuidar da boneca como sendo uma falta de jeito e criatividade que estavam presentes na amiga inseparável. Para ela, que não sabia fazer roupas tão bonitas, recorria ao que podia, que eram as balas vendidas na loja do pai, para trocar com Mimi. Pela sua narrativa, Ana Lúcia fazia um trabalho de troca.

Não Agora, minha companheira de brincar de boneca era Mimi, minha vizinha, que por sinal, é muito talentosa, porque eu era terrível, eu não sabia costurar nada, minhas roupas eram feias demais, porque eu não sabia costurar, eu não tinha jeito nenhum e ela não, as roupas dela eram sempre muito bonitas, né? Então a gente trocava, me dá uma roupa em troco...me dá um vestido em troco de uma bala? (Ana Lúcia)

No caso de Mariinha, o objeto de desejo era a boneca em si. Pela sua narrativa, as bonecas na década de 1930 eram muito raras e quando tinham para serem vendidas eram muito feias e normalmente compradas por famílias com poder aquisitivo, pois eram muito caras. Porém, toda essa dificuldade para brincar de boneca não foi problema, pois a empregada de seus pais fazia bonecas de pano que podiam molhar e não estragavam tão facilmente quanto as de papelão, que tinham roupas de papel para trocar.

Boneca, eu gostava muito de boneca. Então uma empregada - que era pajem até -, ela fazia bruxa de pano, boneca de pano e com aquilo nós brincávamos, porque tinha coisa que não existia mesmo, nem pra comprar, então existia uns bonecos muito feios de massa, de papelão, e aquele que eu tinha. (Mariinha)

Na infância de Telma as bonecas já eram freqüentemente vistas nas lojas, mas custavam muito caro. Existiam bonecas de louças muito bem feitas, mas que nem todas as famílias podiam comprar para os filhos, como no caso de Telma. A menina, que ganhava lindas bonecas do padrinho, não podia brincar com elas, para não quebrar ou danificar, pois era considerada muito desastrada e aqueles mimos eram muito caros. Então, ficavam guardadas.

Eu tinha um padrinho que assim, ele mandava bonecas maravilhosas pra mim, mas as bonecas eram de louça, então como eu nunca fui assim muito cuidadosa, a mamãe sempre teve muito critério pra que eu brincasse com aquelas bonecas porque... né? Questão de segundos a boneca caía em quebrava. Uma vez numa brincadeira, o Nei meu irmão me deu um safanão que caiu a boneca, espatifou né? (Telma)

Enquanto Telma não podia brincar com as bonecas que ganhava, Elylia não brincava com as que tinha porque não queria. Enquanto narrava sobre as brincadeiras de sua infância, Elylia não conseguia lembrar ao certo se brincava ou não com bonecas. Essas brincadeiras de boneca não eram estimuladas, como acontecia com as brincadeiras no terreiro, onde o espaço era bem maior e propício as invenções de meninas.

Engraçado, eu não me lembro de ter brincado com boneca. Eu tinha boneca, mas não me lembro de brincar com boneca. Eu me lembro muito das minhas brincadeiras no terreiro. (Elylia)

Sobre bonecas, tive uma diversidade grande de informações que variavam conforme a década. É certo que as bonecas já foram feitas de barro, de papelão, de plástico, de pano até chegar na atuais, dotadas de altas tecnologias, inclusive em resolução digital, como as de vídeo-games. Contudo, chama a atenção nas narrativas o fato de que as bonecas não tinham esse papel primordial nas brincadeiras. Elas não eram o brinquedo preferido e por isso eram constantemente substituídas pela rua, pelo terreiro e mesmo por balas. Por que será? Será que foi a memória que não registrou e reconstruiu essa informação, ou será que realmente a boneca não teve essa conotação toda na vida das narradoras? Normalmente quem brinca de boneca brinca com mais uma ou duas coleguinhas, não brinca uma turma grande como nas brincadeiras de ruas, o que torna mais interessante essa interação e possibilidade de troca de experiências.

As muitas bonecas feitas pelas minhas narradoras hoje só existem na memória de cada uma que vivenciou essa brincadeira. A própria construção das bonecas, fossem elas de papelão, de barro ou de pano, já era uma forma de brincar. As meninas de hoje brincam com bonecas que choram, falam e andam normalmente depois de completarem um ano. Muitas dessas novas brincadeiras foram influenciadas, como diria Postman (1999) pelas imagens de garotas com onze e doze anos que são exibidas como mulheres sexualmente atraentes numa passarela, instigando a curiosidade feminina em conhecer seu corpo.

### 5.1.3 Casinha

Por que menina brinca de casinha?

Quando nós brincávamos a tarde, era no quintal da casa da minha avó, então dividimos o quintal com bambu, pau, o que a gente achava, cada um tinha o seu limite e ali a gente brincava de, fazer um fogãozinho lá com o tijolinho, fazia um arrozinho, uma coisinha que a gente acabava nem comendo, porque não ficava bom, mas fazíamos, né? (Ana Lúcia)

Pela fala de Ana Lúcia e pela sua história acredito que, brincando de casinha no terreiro de casa ela, além de estar num espaço onde podia imaginar o que quisesse, podia imaginar sua casa própria e fazer aquilo que não fazia em sua casa real, ou seja, ajudar a cuidar da família, pois sua mãe é quem gostava de fazer essas funções de casa e não deixava que suas filhas ajudassem. Ao narrar sobre sua mãe em dado momento ela comenta “ela não gostava que nós fizéssemos as coisas assim, por exemplo, limpássemos o chão que sujavam, lavasse as louças, limpasse a mesa, porque ela mesma que gostava, ela achava que só ela sabia também fazer as coisas do jeito dela”.

Mas desde cedo eu gostava muito de fazer roupinha, de brincar em casa de comidinha, fazia comidinha com as amigas, as roupas, feijão mesmo de verdade. Fritava ovo, fritava carne, tinha panelinhas. Era essa a brincadeira. (Mariinha)

No caso de Mariinha, diferentemente de Ana Lúcia, acredito que brincar de casinha era o momento de poder aplicar o que aprendera com sua mãe. Filha de costureira, sempre esteve ao lado da mãe ajudando na casa e a cuidar dos irmãos, principalmente nos estudos. Cuidar de casa já era algo que sabia fazer desde muito nova, era parte da educação que sua mãe dava, já preparando a filha para ser uma boa esposa, quando crescesse. Essa é uma postura adotada por muitas famílias, mas durante as conversas, não identifiquei essa informação em nenhuma outra narradora, talvez por lapso ou porque de fato isso não aconteceu.

#### 5.1.4 No terreiro

Enfim chegamos ao terreiro, um dos locais preferidos para as brincadeiras, assim como a rua. Uma diferença que eu percebi em relação às brincadeiras de rua é que, no terreiro, elas têm um espaço grande para brincar, mas com a segurança que os pais tem de suas filhas estarem protegidas de carros ou qualquer outro perigo que podia existir. Talvez por isso a maioria das brincadeiras tenham ocorrido no terreiro das casas, sob o olhar vigilante dos pais. Apesar de um espaço aberto para brincar, a criança não teria como fugir do olhar dos pais.

Brinquei demais. Meu pai tinha posse, por isso nós tivemos muita infância. Quintal grande, a gente brincava de tudo que pode imaginar, andava a cavalo quando chegava da roça, carro de boi, tudo que a gente tinha direito e a noite costumávamos - tinha um terreno muito grande na frente de casa -, nós costumávamos brincar de roda, brincar de pique, fazer brincadeiras normais. (Mariinha)

Para Maria Luíza, que viveu sua infância numa fazenda, as brincadeiras no terreiro eram brincadeiras de pique com os primos e os filhos do dono da fazenda, que geralmente possuem uns terreiros enormes e muito locais para esconderijo. Pela narrativa, o que apreendi foi que ela quis enfatizar que embora fossem brincadeiras no meio do mato, não eram brincadeiras que pudessem fazer mal a integridade física de ninguém, e principalmente a dela. Eram brincadeiras bem ingênuas, que traziam consigo uma carga de respeito ao próximo e uma boa aceitação da diversidade, pelo menos por parte das crianças que brincavam todas juntas, brancos e negros, sem preconceitos raciais.

Tinha muito colega, brincava muito de pique, corria pro meio da bananeira, pro meio de não sei o quê, ninguém tinha aquela maldade, aquela malícia de ficar pros cantos agarrando, beijando. (Maria Luíza)

Em outro momento, Maria Luíza relembra uma situação na qual fez uma estripulia que poderia ter causado conseqüências graves, pois sua avó não gostava que os netos pegassem nada que não fosse deles. Porém, eles precisavam mostrar que poderiam fazer algo sem ser pegos, que eles não eram donos da fazenda, mas poderiam usufruir dela também. E como criança não é boba e gosta de um desafio, para não serem pegos, pois logicamente não seria culpa deles caso alguém

descobrisse, o irmão de Maria Luíza ensinou um cachorro a pegar frutas para eles comerem. Uma idéia muito bem estruturada por uma criança que sabia que se fosse descoberta fazendo algo que não deveria certamente apanharia. De acordo com a fala de Maria Luíza, essa era uma brincadeira que eles gostavam de fazer. Brincavam com o perigo e ao mesmo tempo aproveitavam para conseguir alimentos para matar a fome, pois não tinham essa liberdade de comer a vontade.

Sabe como é que é esse negócio de fazenda? O fazendeiro junto com o terrereiro, tinha uma quantidade de fruta. Como é que é? Olhava com os olhos e lambia com a testa. As laranjas, os abacate, mamão. Falava eu e meu irmão “ih minha irmã, como é que nós vamos pegar?” Não vai dar pra pegar não, você vai tomar uma coça e eu também, junto. Que a vovó sempre falava “se pegarem um grão de qualquer coisa, vocês vão ter que devolver, cuidado com a vergonha que vai ficar marcada pro resto da vida”. Aí eu falava com meu irmão, vão largar esse negócio de abacate pro lado. Mas tinha um cachorro, parece mentira ... o cachorro, eu não sei o que meu irmão ensinou o cachorro, que mostrava assim o abacate “vai lá, vai lá, vai lá” aí o cachorro ia lá, pegava o abacate... menina, a gente não adoecia porque não tinha que adoecer, a cara do cachorro vinha puxando o abacate. A metade comida de passarinho, a metade nós comíamos aquilo. (Maria Luíza)

Elylia que preferia brincar no quintal de casa, tinha todo o apoio do pai que montava brinquedos para os filhos ficarem naquele espaço, sem despertar para a rua, uma forma de indução que funcionava muito bem com ela, pois Elylia gostava bastante de se divertir nas árvores, brincado de Tarzan, seu personagem favorito.

As minhas, as nossas brincadeiras? Eram, esse, esse barquinho que o pai fazia pra nós brincar ali no terreiro, brincar de, nas árvores, correr atrás dos, das galinhas, uma brincadeira que nós gostávamos muito era quando chovia. Então a gente fazia barquinho pra jogar na enxurrada. Sabe? (Elylia)

Pelas narrativas de Mariinha e Elylia, consigo perceber que o fato de terem quintal em casa facilitou muito o controle dos pais sobre as crianças, para que não fossem para a rua com tanta frequência. Os pais conseguiam manter as crianças em casa sob vigilância, mas uma vigilância sem maiores prejuízos, só mesmo preocupação de pai para o filho não machucar e não sumir.

## 5.2 Educação Familiar

A partir da concepção do sentimento de infância instaurado a partir do século XVIII, conforme definição de Àries (1973), a família passou a se preocupar com a educação das crianças, antes mesmo que elas começassem o período de escolarização. E é exatamente por causa dessa educação familiar que os pais foram tão lembrados ao longo das narrativas. Ora eram lembrados pela postura que tinham perante os filhos, ora pela educação, pelas primeiras leituras iniciadas pelo incentivo dos pais.

Enquanto analisava as narrativas de Telma, de Ana Lúcia e Mariinha percebi que os pais educavam os filhos à base da conversa, sem agressões físicas ou punições. Situações pelas quais muitas crianças não tiveram a oportunidade de passar, como no período inicial da industrialização, como argumenta Postman (1999), no qual muitas crianças atravessaram situações que colocaram em risco sua integridade física e moral, pois eram obrigadas a trabalhar em fábricas e em outras funções igualmente degradantes, impostas pelos adultos.

Por conta dessas narrativas reveladoras da preocupação dos pais com a educação dos filhos, que foram muitas e bem marcantes sobre alguns momentos familiares, analisei o que as narradoras estavam falando e o sentimento que cada uma sentia ao rememorar. Foram muitas situações que deixaram marcas e lições carregadas ao longo da vida.

### 5.2.1 Os pais

E sempre eu me identifiquei muito com meu pai. (Ana Lúcia)

Durante a conversa com Ana Lúcia, por diversas vezes elas voltava ao mesmo assunto, ou seja, como eram seus pais e como a personalidade deles influenciou sua formação. Ela fazia questão de frisar que seu pai foi um espelho para ela e que tinha muita admiração pela postura dele não só em casa, como no fino trato com as pessoas. Por causa dessa admiração, ela acredita que tenha seguido os passos dos pais no que se refere a criação de seus filhos.

Já de sua mãe, Ana Lúcia tem registrada uma lembrança de severidade, de cobranças, de uma pessoa muito perfeccionista que gostava de tudo muito certo e muito limpo. Ana Lúcia não cita a mãe como exemplo, ela não fala em momento algum de sua narrativa que queria ser parecida com sua mãe.

Eu acho que minha mãe, ela não era severa porque ela era ruim, ela era severa porque ela gostava demais da gente, então ela queria sempre que a gente fosse a melhor. Eu analiso isso hoje. (Ana Lúcia)

De família mesmo, nunca fui judiada não. Só falava que ia bater, mas não batia não. (Maria Luíza)

Para Maria Luíza, que foi a maior parte de sua infância criada por sua avó e tio, existe um sentimento de ausência dos pais e uma narrativa com um tom de solidão, de uma necessidade de ter vivido mais com pai e mãe. Enquanto narrava relembrava que embora a avó chamasse a atenção, fizesse repreensão devido a posição social que ocupavam, sua infância não foi à base do apanhar. Pelo que conta, sua avó conversava muito com ela e seu irmão menor, sempre expondo o que poderiam ou não fazer, para que mantivessem o respeito dos outros.

Não sei ao certo a sensação que teve enquanto lembrava sua infância, mas de fato, por várias vezes ela fixou o olhar num ponto, como se estivesse hipnotizada e narrou o que lembrava. Um momento que deixou essa expressão muito evidente foi quando falou de seus pais com um ar bem saudosista de quem acaba de recriar uma imagem bem à sua frente. O presente encontrando o passado.

Foi um bom pai, ta? Muito bom, muito bom meu pai. Uma doçura, muito bom. Me lembro dele com saudade. Minha mãe também. Mamãe era tão bonita, sabe? Meu pai, aquele crioulo alto. (Maria Luíza)

Assim como aconteceu com Ana Lúcia, Mariinha sofreu forte influencia do pai, figura que para ela foi essencial para sua formação. Ela afirmou que, em sua época de infância na década de 1930, as mulheres se dedicavam muito à família e os estudos, eram poucas que seguiam. Mesmo assim, quando casavam, o abandonavam, por causa do marido e filhos. Talvez esse seja um motivo de o pai ser a figura mais exemplar para algumas das narradoras. No caso de Mariinha e Ana Lúcia, o pai, figura presente, era aquele que gostava de ler, que gostava de

ensinar os filhos as primeiras letras, ensinar música, atitudes bem diferentes das mães, que tradicionalmente preparavam a filha pra ser uma boa mãe e dona de casa, ou seja, mulheres que saberiam bordar, costurar, limpar e lavar.

No caso de Mariinha, que queria ser diferente, queria estudar, queria ler e se pudesse, queria ganhar o mundo, a visão da mãe ficou como de uma pessoa boa, que queria o bem dos filhos, mas sem muita instrução para servir de exemplo, posição bem diferente em relação ao pai.

A mamãe muito boa, muito preocupada apesar de que você sabe que as mulheres daquela época não tinham cultura. Meu pai escrevia bem, lia, mas a minha mãe não, a minha mãe tinha dificuldade, ela não freqüentou escola porque ela era filha de sitiantes criada na roça, então tinha assim escolaridade nenhuma, tinha boa vontade e tudo, mas não tinha. (Mariinha)

Na criação de Maria Helena, quem influenciou diretamente em sua educação foram os tios, que ajudaram financeiramente. Em sua narrativa encontrei um carinho e amor muito grande pela mãe, que morava com os filhos na casa de um irmão que a ajudou em momentos difíceis. Mas apesar de todo esse amor, a gratidão por ter se tornado quem é hoje é mérito dos tios que, desde a infância, eram preocupados em acompanhar os estudos de perto, dar uma boa educação familiar, da mesma forma que davam aos seus filhos. Para ela, a tia foi uma peça fundamental que muito deu exemplo de compaixão, para com aqueles que precisavam.

[...] eu tive um casal de tios - ele era irmão da minha mãe -, onde essa tia, ela foi a mãe de todos os cunhados, todas as cunhadas e cunhados. Ela recebia de braços abertos todos aqueles que necessitavam. (Maria Helena)

Até aqui consegui perceber que os pais, embora em décadas diferentes, sempre tiveram uma preocupação muito grande com as boas maneiras dos filhos. Todas as narradoras contaram que seus pais sempre incentivaram muito as leituras e as boas notas. Sempre com uma rigidez, mas sem bater, somente conversando. E as conversas, mesmo que fossem severas, não faziam com que as crianças ficassem com raiva dos pais. Muito pelo contrário, fazia com que houvesse uma admiração pela postura deles, principalmente pela figura paterna, talvez porque a materna estivesse presente freqüentemente e cobrasse mais.

No tempo da gente, os pais eram muito rígidos. Eles exigiam muito dos filhos, mas a gente tinha muito respeito! A gente amava demais os pais. Pra gente pai e mãe

representava tudo. Era, era algo de mais importante na vida da gente eram os pais. Apesar de muito rigor, não é, mas era, a gente era, a família era muito mais unida. (Maria Pinto)

Nunca a mãe levantou a mão pra dar um tapa em qualquer um de nós. Ela nunca levantou a mão pra ninguém. Nem o pai. (Elylia)

Ele não, eles não olhavam pra gente com uma cara feia. Eles davam só um sorriso. A gente sabia que tava errado. (Elylia)

O pai, eu tinha paixão pelo pai. Porque o pai era uma coisa, eu nunca vi uma pessoa tão inteligente na minha vida. Num conheço. Hoje, é difícil. Ele sabia muita coisa que hoje acontece. Ele previa as coisas que hoje estão acontecendo. Porque ele era muito inteligente. Ele estudava, lia, de noite ele ia pra cama, mas num ia dormir não, num ia dormir. Ele ia ler. Aí foi. Eu acho que essa mania minha deve ser dele. Porque eu gosto disso. Escrever. Ele escrevia. (Elylia)

A paixão de Elylia era o pai, que para os olhos da menina era a pessoa mais culta que existia. Um exemplo que mais tarde acabou sendo seguindo, como ela mesma analisa, pois seu interesse pela leitura começou com o pai, de ver o pai fazer, de perceber o quanto seu pai era inteligente e o quanto queria ser parecida com ele.

Na grande maioria das narrativas os pais foram vistos como boas pessoas, severos na educação dos filhos, mas sempre buscando o diálogo. Não percebi freqüentes punições corporais, somente afirmações de que as mães cobravam muito das filhas boas notas e comportamento perante a sociedade, para que se tornassem boas moças para o casamento.

Aquelas que tiveram um maior distanciamento dos pais na infância foram as que sofreram maiores discriminações, que, paradoxalmente, parecem ter colaborado para que se tornassem pessoas melhores e preocupadas com o lidar com o outro.

### 5.2.2 Educadas pelos pais

Depois de falar sobre a postura dos pais ao lidar com os filhos, como eles agiam, as narradoras focaram na importância que seus pais tiveram ao longo da educação apreendida na infância. Muitas delas tiveram os pais como educadores, como aqueles que influenciavam na leitura, que investiam nas primeiras letras e nas boas maneiras.

Independente da época, visto que estamos lidando com quatro décadas diferentes, em todas elas os pais, sempre que possível, foram pessoas que agiram diretamente na educação das professoras entrevistadas. Para Postman (1999, p.102) “tudo, desde as maneiras à mesa à maneira de falar e à maneira de vestir, deve revelar a extensão do aprendizado do autocontrole; e é ao mesmo tempo um meio de ensinar o auto-controle”.

Para Ana Lúcia, os pais tiveram importante participação na sua educação sobre o como lidar com o outro, ou seja, saber ouvir, saber dialogar, saber a hora de falar e valorizar aqueles que possuíam mais tempo de vida que ela, ainda uma menina. Como argumenta Benjamin (1987), é preciso saber ouvir aqueles que têm vivências para narrar e não se perder na efemeridade das informações.

A gente aprendia principalmente respeito. Naquela época era muito cobrado o respeito, né? O respeito pelo mais velho, o respeito pelo próximo. Por exemplo, a gente pra ir frequentar a casa de um amigo, a gente primeiro tinha que esperar ser atendido na porta, né? (Ana Lúcia)

É aquela educação que não tem assim muita clareza de espírito, é aquela educação comum, de respeitar as pessoas, ter carinho com as pessoas, sempre aquele tratamento assim, padrinho, madrinha, os tios mais velhos, os compadres as comadres, de tomar benção, que até hoje eu tomo benção ao meu tio, que eu considero pai adotivo. (Maria Luíza)

Já Maria Luíza vivia uma realidade diferente na fazenda. Criada pela avó e pelo tio que não possuíam esclarecimento escolar e sim de vida, a educação que recebeu era para que tivesse uma postura de certa forma submissa, devido a sua raça e condição social. Pequena, já sabia o quão respeitoso deveria ser o tratamento para com os tios, o dono da fazenda, os padrinhos e aqueles que vivam a sua volta. Sua avó não tinha condição de ensinar além daquilo que sabia, ou

seja, além do conhecimento que tinha com as experiências de vida e de acordo com as narrativas de Maria Luíza, até onde aquela senhora pôde contribuir em sua formação, ela o fez e permitiu que Maria Luíza seguisse o que queria, assim que percebeu que o que a menina almejava era continuar os estudos e ela não tinha mais condição de educar.

Filha de comerciante e professora, Ana Lúcia viveu na cidade com uma educação, dada pelos pais, mais preocupada com a postura da menina, uma postura que deveria ser baseada nos bons modos, ou seja, agradecer quando alguém oferecia algo, avisar antes de visitar, nunca chegar de surpresa, não ficar gritando na praça, sentar e conversar.

Você já saía de casa e a mãe já dava todas as dicas: como vai sentar, como vai comportar, o tanto que você vai comer para não ser mal educada, gulosa. Tudo isso, bem limitado. A gente tinha horário pra chegar, horário sair, o horário de refeição marcado certinho. (Ana Lúcia)

Antigamente falava assim, vai estudar, vai estudar, então eu já fazia a minha parte que eu não gostava de ser mandada. Eu sempre fui muito independente, uma pessoa diferente, sabe? (Mariinha)

Desde muito pequena, Mariinha nunca gostou de ser mandada, nunca gostou de ser chamada a atenção e por conta disso, procurava fazer suas tarefas, antes que alguém comentasse algo. Pela forma como narra, pareceu-me que os estudos sempre foram algo que a incomodava, foi algo que deixou marca porque era muito cobrado pela família.

Eu era muito relapsa no que tange desde pequena essa rigidez, então eu tentava dar voltas e tudo, mas às 2 horas eu tinha que estudar, preparar os chamados para casa, o dever de casa, que é a escola. (Telma)

A educação que Telma recebia da família já era uma educação que serviria para sua formação escolar. Foi uma educação que influenciou posteriormente sua escolha profissional. Em sua narrativa o que ficou registrado foi o fato de ela, ainda pequena gostar tanto de brincar, principalmente na rua e com os meninos e que a hora do estudo era um martírio, era um momento que deveria ser muito bem planejado, para que as brincadeiras não saíssem prejudicadas. Ciente do compromisso com os estudos e com a rigidez que o assunto era tratado por sua mãe, mesmo a menina tentando driblar aquela hora, vinha sempre uma frustração de ter que sentar e pegar nos cadernos.

Além de... de piano, a gente fazia muito trabalho manual, porque a moça naquela época tinha que ser da sala à cozinha, né? A gente também aprendia as prendas domésticas. (Maria Pinto)

Nós estudamos piano. Eu estudei piano. Nós tínhamos uma professora. Antigamente, a moça pra ser perfeita tinha que ter estudo, estudar, saber piano. (Elylia)

Na educação familiar vivida na infância, tanto Maria Pinto quanto Elylia, que eram filhas de homens que gostavam muito de música, estudaram piano em casa com professora particular. Na década de 1920 era muito comum em Rio Novo as meninas estudarem piano, como complemento da educação familiar.

Ao analisar todas as narrativas sobre a educação que vinha da família, percebi que esta sempre esteve muito preocupada com a formação das narradoras. Era uma preocupação que começava no comportamento, passava para os afazeres de casa e culminava no estudo, na evolução intelectual através de leituras e aulas de música.

De acordo com Postman (1999), atualmente a autoridade familiar, antes responsável pela criação dos filhos, como analisado ao longo das histórias narradas, perdeu lugar para os ensinamentos consumistas, modistas e sexuais que a televisão oferece livremente ao público infantil.

### **5.3 Religião**

Durante as narrativas, um ponto em comum foi comentado por todas as narradoras, a religiosidade, pois todas elas, sem exceção, vieram de família católica e em nenhuma das narrativas ao longo da conversa, apresentaram outro tipo de religião, que exercia a função de socializar e educar as meninas.

A religião em Rio Novo sempre foi muito forte, com eventos desde a ida as missas todos os domingos, até a coroação de Nossa Senhora no mês de maio, pela qual todas passaram. Para elas, a religião sempre teve um papel primordial na educação das crianças e das famílias de um modo geral. Em todas as narrativas, ficou evidente que elas de uma forma ou outra passavam por

uma educação sob o olhar da religião, atenta ao fiéis, como acontecido anteriormente, na Idade Média.

E nós coroava Nossa Senhora lá no alto. Subia uma escada, todo mundo falava, essas menina pequenininha vão subir escada? Nunca caiu uma garota. Aí a mamãe ia à missa, ia à missa, ia ver coroação das filhas, né? (Elylia)

Pela narrativa de Elylia, não eram só as meninas que eram obrigadas a freqüentar a igreja, também suas mães, que teriam que assistir ou acompanhar suas filhas, como um meio de educá-las. A religião fazia parte da educação que as narradoras recebiam desde a infância.

Lá em casa sempre fomos muito católicos assim de coroar no mês de maio, de trabalhar pra igreja, em barraquinhas de igreja, em ajudar na igreja, sempre, sempre. Sempre fomos assim. (Ana Lúcia)

Ao narrar, Ana Lúcia deixou-me a impressão de que a religiosidade era de uma certa forma uma imposição, mas de quem? Quem exercia essa imposição? O fato é que desde o início da história da cidade, o catolicismo esteve muito presente na vida dos fiéis. Essa religiosidade foi carregada ao longo dos anos e fez parte da história de infância das narradoras. Enquanto rememoravam sobre a religiosidade, pude perceber que ir a igreja era uma obrigação e não um prazer, era uma forma de purificação dos atos cometidos naquela semana.

E nós rezávamos muito o terço. (Maria Luíza)

Aí eu fui batizada, fui crismada, fui consagrada, toda moldada dentro dos princípios de religião católica e por isso, tudo pra mim era assim “isso é pecado, isso é pecado, isso é pecado”, não é? (Telma)

Todo esse pecado repetidamente dito por Telma demonstrou o quanto a religião estava entranhada naquela comunidade, independente da época. Toda história de Rio Novo teve a religiosidade como cenário de fundo.

Na infância de Maria Pinto e Elylia, a escola primária que existia a cidade era a Escola Normal, por isso as duas estudaram nesse colégio dirigido por freiras. Todo o período escolar das duas foi nessa escola e por isso sofreram influência direta com tudo que estava ligado a igreja, ou seja, a educação moldada no catolicismo, as orações constantes.

Bem, eu fui criada, desde pequena, como eu te disse, aos sete anos num colégio de freira. E a gente tinha mesmo, a religião fazia parte. Mamãe rezava terço com a gente em casa, a gente tinha muito - e ah, era interessante, era -, a religião naquela época, eu me lembro demais, a gente era menina, tinha que ir à missa todo domingo. (Maria Pinto)

A educação religiosa foi com as Irmãs. Essa, quando nós ficamos nas Irmãs. Com as Irmãs. (Elylia)

Ao analisar todas as narrativas que envolveram a religião, percebi que todas foram criadas nos mesmos moldes do catolicismo. Todas elas freqüentaram missas aos domingos com os pais, festas de igrejas e hoje ainda exibem as raízes plantadas desde a infância, pois carregam essa religiosidade e participam de comemorações que ainda são realizadas.

Sobre a religião, todas narraram fatos muito parecidos, com alguns pontos particulares e acontecimento em épocas distintas. Mesmo assim percebi como o local de onde elas falam está fortemente marcado pela religião como salvação do pecado.

#### **5.4 Período Escolar**

Até este ponto analisei as narrativas que retrataram a educação familiar e educação religiosa que as narradoras tiveram durante a infância e como essas vivências marcaram suas vidas. A partir daqui, analisei as narrativas que tratam da educação escolar de cada uma, começando pela alfabetização, processo muito interessante, pois a maioria começou as primeiras letras muito antes de freqüentar uma escola de fato.

Posteriormente a essas primeiras letras, analisei o período primário, que foi a última parte dessa pesquisa. Minha decisão de análise se deu até o primário, pois queria conhecer a educação que minhas narradoras tiveram ao longo da infância até os anos iniciais, para conhecer os elementos que fizeram parte da formação de cada uma, antes mesmo de irem para a escola, de fato. E o primário, a meu ver foi uma ponte de ligação entre o que vivenciaram e a educação que tiveram com as aquelas que estariam por vir, a partir da escola. No primário começaram a aplicar os conhecimentos adquiridos, as primeiras letras e os primeiros passos para o encontro com o outro, iniciados com as brincadeiras e com a família.

### 5.4.1 Alfabetização

Para Postman (1999) a inserção na leitura é considerada a proximidade do fim da infância, pois a partir desse momento a criança começa a entrar num mundo letrado, típico dos adultos e da separação do que pode ou não ser lido. Como ele mesmo pontua (idem, p. 27) “A leitura é o flagelo da infância porque, em certo sentido, cria a idade adulta. A literatura de todos os tipos, inclusive mapas, gráficos, contratos e escrituras – reúne e guarda segredos valiosos”.

As primeiras letras de todas as narradoras vieram antes do período escolar, com professoras particulares, que davam aulas em casa e ensinavam controle motor, ler e escrever. A única que desenvolveu melhor sua alfabetização na escola foi Telma, que já balbuciava em casa algumas palavras, tentando ler os gibis.

A minha alfabetização se deu no grupo, no primeiro ano de grupo, com os benditos livros quem eram as cartilhas, àquelas cartilhas, não sei se você conhece, da Lili? “Olhem para mim, eu me chamo Lili, eu comi muito doce, você gosta de doce?”... né? Aquelas desenhadas no primeiro ano, depois a Lili no segundo ano, ela continua no terceiro... quarto ano eu me lembro que era já uma cartilha chamada Lelé, Lili e o Lobo, um troço assim. É uma coisa mais ou menos nesse sentido. (Telma)

Todas as outras professoras contaram que aprenderam a ler com professoras particulares entre os cinco e seis anos, antes de começarem o primário, com sete anos. Na narrativa de Ana Lúcia, ficou a impressão de que a alfabetização era tão importante que ela não pensava em mais nada do que estava a sua volta, só na professora, da qual lembra o nome completo e o método pelo qual foi alfabetizada que, segundo ela, é o que melhor funciona.

O método silábico, a silabação<sup>18</sup>, você batendo aquilo é que faz o aluno aprender a escrever. Ele tem que conhecer o som, ele tem que fazer a diferença. (Ana Lúcia)

Ao reconstruir sua história, lembrou das cadeiras, dos desenhos, do colorido, mas não se lembrou dos amigos. Enquanto conversamos ela parou, tentou, mas não conseguiu lembrar.

Não me lembro quais eram meus coleguinhas de lá, me lembro que tinham dois ou três meninos comigo, porque igual eu falo pra você, eu era pequena, com quatro ou cinco

---

<sup>18</sup> O método silábico era um recurso utilizado na alfabetização.

anos você tem uns *flashes*, agora eu lembro muito da minha professora e o que eu fazia lá, mas uma coisa assim, coleguinha, não tenho o nome deles não. (Ana Lúcia)

Sobre sua alfabetização, parecia ter tido um êxtase ao lembrar aqueles primeiros contatos com o mundo das letras, parecia estar revivendo o acontecido novamente. Suas palavras pereceram cheias de euforia por ter aprendido a ler antes de entrar do período escolar.

Quando eu fui para o primeiro ano primário, eu já sabia ler e escrever né? Eu fui alfabetizada naquele método de “Lili olhem para mim”, silábico, né? Mas eu tive uma professora particular. (Ana Lúcia)

Eu tinha uma professora particular, ela morava aqui no final da minha rua, onde eu moro hoje. Ela chamava Dona Aparecida Magalhães. É como se fosse hoje o maternal. Então na casa dela tinha uma sala e lá tinha brinquedos pra você brincar, ela me ensinava a pegar no lápis, ela me ensinou tudo, a pegar no lápis, a colorir, a desenhar, é respeitar o limite do desenho, não ultrapassar o limite do desenho na hora de colorir. Tudo isso que ensina no prezinho hoje numa escola, ela ensinava, Dona Aparecida Magalhães ensinava, eu tive tudo isso, coordenação motora, aquele caderno de caligrafia, você já viu um caderno de caligrafia? (Ana Lúcia)

[...] eu ouvia dos vizinhos, a minha avó não, nem meu tio, eu ouvia dos vizinhos “olha, negro não precisa de estudar”. (Maria Luíza)

Para Maria Luíza, estudar foi uma conquista que veio com muita persistência. Desde muito nova, tendo a professora de seus primos como espelho, ela decidiu que seria professora de qualquer forma. Porém, com essa decisão vieram os preconceitos e as palavras duras, que não a impediram de vencer, muito pelo contrário, talvez tenha dado mais força e incentivo para que alcançasse seu objetivo.

Eu falei, eu tenho que ser professora, aí me espelhei na minha professora, na professora dos garotos e falei eu tenho que ser igualzinho a ela, ela vem aqui dar aula, dar aula deve ser muito bom, aí minhas colegas “ah, é bobagem sua ser professora”. Não, eu vou ser professora. Desde pequenininha. (Maria Luíza)

Com a vontade de estudar, as frases preconceituosas que a incentivaram provar o contrário e a professora como espelho, Maria Luíza focou sua meta desde a infância. Quis ser professora e se empenhou ao máximo, como de fato fez. Como sua família era pobre e ela neta de empregado da fazenda, não tinha como comprar material e muito menos idade para entrar para uma escola. Mas cabeça de criança é mesmo um poço de criação, tem as idéias mais geniais nos

momentos mais necessários. Maria Luíza queria estudar e foi. Improvisou um caderno, um lápis e começou a copiar tudo o que a professora de seus primos passava.

Eu aprendi com os primos, com os tios e os primos. Eles iam estudar eu ficava estudando. Aí não tinha caderno pra eu estudar, porque a vida é muito difícil e a minha avó, o meu tio, o mais velho, tinha dificuldade de comprar o material pro estudo deles e eu pegava esses saquinhos de papel descartável que geralmente ainda existe bastante, que vem o pão essas coisas assim. Aí eu cortava as laterais e fazia uma espécie caderninho, aí eu colava com sabão. Amolecia assim o sabão e colava, fazia assim espécie aquele caderninho, que eu não tinha muita base pela minha idade, ia fazer sete anos, de sete a oito anos não tinha assim muito contato com o esclarecimento escolar e a professora tinha um caderno dos meninos, mas o caderninho deles sempre aqueles cadernos doados, de roça, aqueles caderninhos que até hoje tem alguma coisa do hino nacional, do hino da bandeira, aqueles caderninhos. (Maria Luíza)

[...] quando me faltava o lápis, o fogão era de lenha, eu fazia uma ponta no carvãozinho e riscava, pra escrever não que eu não tinha condição e fazia aquelas linhas meio tortas, meio grossas, mas dava certo. Aí eu fui estudando, aproveitando, aproveitando. (Maria Luíza)

Então eu fui copiando as letras, eu aprendi o alfabeto rapidinho, mas eu não sabia identificar, eu sabia copiar, aí eu fui ouvindo os meninos ler aquelas palavras, e eu fui assim, como se diz, anexando, como é que eu vou te dizer, imitando, dependendo das palavras eu sabia e sabia o que ia acontecer, por exemplo a palavra rua, a palavra bola, a palavra menino, a palavra coelho, macaco, essas palavras que nós aprendemos primeiro, casa, então eu fui colocando as palavras que eles diziam e falava “que palavra que é?” É casa. Casa eu teria que saber o que era casa. Então tá, eu colocava, cortava e colocava, então fui aprendendo assim por meios praticamente de cartazes, aí aprendi praticamente ler sozinha. (Maria Luíza)

A Maria Luíza, o que interessava era o estudo, era aprender a ler, sair da fazenda, continuar estudando até poder se tornar uma professora e ensinar pessoas que também precisassem ter uma vida melhor, como ela pensou em sua infância. Toda essa estratégia criada, o caderno improvisado, o carvão que virava lápis foi a vontade de vencer na vida, foi a falta de um futuro além da fazenda, caso nada tivesse sido para mudar sua história.

A alfabetização de Mariinha também aconteceu antes da escolarização, mas foi bem diferente de Maria Luíza que lutou para estudar. Mariinha tinha o apoio dos pais e o ensinamento das primeiras letras veio pelo pai, que sentava em casa com os filhos pra ensinar. Pelo que narra, Mariinha teve toda uma estrutura familiar que sempre se preocupou com o estudo e melhor, podia garantir um estudo. Quando fala que seu pai a ensinou ler e escrever, ela frisa que não era tão bem, mas aprendeu. O importante era entrar para a escola já conhecendo as letras.

O papai já levava a gente para a aula sabendo, não tão bem, mas ler, ler e escrever. Ele ensinava em casa, todos eles, então ele sempre foi muito preocupado que os filhos tivessem uma educação mais primorosa do que ele teve e a do que o pessoal da época teve. (Mariinha)

Moleca criada pelos tios, Maria Helena que não gostava de ficar em casa, aprendeu as primeiras letras na casa de professoras conhecidas. Enquanto analisei sua narrativa, aprendi uma teia que costura todas as histórias de alfabetização antes dos sete anos. Pelas narrativas, todas foram influenciadas desde pequenas a se tornarem professoras, seja pelo pai que lia muito ou alguma professora próxima. Mesmo sem perceber, todas afloraram esse interesse pela docência baseando em incentivos não perceptíveis.

Eu com cinco anos eu aprendi a ler e a escrever. Eu morava na Força e Luz e na esquina, onde tem o bar do Luiz, existia uma casa de professoras, de uma senhora, era professora leiga, aquelas que não tinham curso normal e davam aula na zona rural. E essa senhora tinha duas filhas que davam aula particular. E eu como sempre, eu nunca parei muito em casa, eu era criança. Eu ia pra lá, ficava sentada assim no chão, presenciando a aula delas. Elas tinham muitos alunos particulares. Até que um dia a mãe delas, dona Lô, ela descobriu que eu estava lendo. Aí ela falou assim, então agora eu vou continuar te ensinar. Com cinco anos eu já era alfabetizada. (Maria Helena)

Ao longo de sua narrativa, ficou evidente que as primeiras letras começaram espontaneamente ao ver e ouvir as professoras ensinando. Enquanto ficava sentada observando as outras crianças aprendendo, ela ia por ela própria, desenvolvendo sua concentração e raciocínio e por isso aprendeu a ler e escrever tão rápido sem ajuda direta, mas que vinha indiretamente com a atenção focada.

Eu já devia ter uns 6 anos, quando eu fui pra... que a mamãe me mandou pra estudar, me alfabetizar. E... interessante, todo método bem aplicado, ele surte efeito. Eu aprendi pelo método de soletração, e... em oito meses eu lia tudo que me punha na mão. E aprendi a ler corretamente. E a minha professora nem formada é. Ela dizia assim, “Maria, ler é como música. Você tem que ter entonação, pra que as pessoas entendam e sintam o que você lê”. Lê aqui, bom dia, não. “Bom dia!”. Como vai você? Não, “Como vai você?” Foi assim que eu aprendi a ler. Interpretando e dando entonação de voz. Então eu sempre tive muita facilidade pra leitura. E com isso eu me apaixonei, desde pequenininha ela me ensinava a recitar. (Maria Pinto)

Ao narrar o processo de sua alfabetização, Maria Pinto apontou para um recurso que surtiu muito efeito com ela. Sua professora a ensinava, pelo método da soletração, a cantar as

palavras e quem conversa com ela, pode perceber que, como que naturalmente, conversando ela vai cantando o que está dizendo.

Engraçado que, ao perceber toda a colcha tecida sobre a alfabetização, cada uma teve uma forma de aprender e que, para elas, a forma como conheceram as primeiras letras é o caminho mais fácil e perfeito de ensinar uma criança. Elas conseguiram enxergar em sua trajetória como o aprendizado que tiveram ajudou-as enquanto crianças a seguirem rumo a educação e enquanto professoras, a ensinar aqueles que tinham dificuldade em seguir o método vigente.

#### **5.4.2 Primário**

A escola permanecerá como a última defesa contra o desaparecimento da infância.  
(Postman, 1999, p.166)

Chegamos a última parte da análise, o início dos estudos na escola, fase na qual começam os conhecimentos disciplinares, troca de experiência no espaço escolar e o desenvolvimento da alfabetização iniciada antes do primário.

Ao analisar as narrativas selecionadas sobre esse momento, percebi que cinco das sete narradoras estudaram no mesmo local, o Grupo Escolar Olympio Araújo, que era a escola primária da cidade, a partir da década de 1930. As professoras Elylia e Maria Pinto, nascidas na década de 1920 estudaram o primário na Escola Normal sob orientação católica das freiras.

Nas narrativas sobre o Olympio Araújo, algumas especificidades da escola vieram à tona, como a inserção de algumas das narradoras antes dos sete anos e de outras com a idade permitida porque faziam aniversário no meio do ano. Pela narrativa de Ana Lúcia, que ainda frisa bem sua explicação sobre a idade permitida na escola, conseguir entrar no Olympio Araújo com seis anos era o mesmo que receber um grande prêmio.

Já a explicação de Mariinha parece ter um pesar por saber ler e escrever antes da idade permitida para início do período escolar, mas só ter podido na escola de fato, depois de completar a idade certa.

Eu também entrei pro colégio com seis anos na época, porque eu já era alfabetizada, então eu consegui entrar, o que na minha época era com sete anos. Mas pelo fato de eu ser alfabetizada eu consegui. (Ana Lúcia)

Papai nos ensinava na base de seis anos pra sete entrar já sabendo mas o caso é que naquela, não podia entrar no primários sem ter sete anos exatos, até no meio do ano. Então, com meu faço em julho, e eu tive que só é entrar no outro ano... então me atrasou um ano de primário, por causa dessa lei, mas fui muito feliz, nunca tomei bomba, nunca tomei pau. Sempre com notas ótimas, sempre. Eu até fiquei assim meio triste com meus pais porque eu chegava mamãe passei, olha aqui a nota... ela fala assim “ah eu já sabia, eu tinha certeza”, quer dizer eu ficava um pouquinho decepcionada porque eu queria assim “ ah que beleza”. Achava que devia ser elogiada, né? Mas não era e acabou-se. (Mariinha)

Ao trazer à tona suas memórias, as histórias que giram em torno do Olympio Araújo também vieram de encontro. Com suas memórias pude compreender um pouco do funcionamento da escola na época de infância das professoras e como esse funcionamento foi passado de geração a geração, até se tornarem professoras. A escola mantinha uma estrutura moldada na preocupação com a higienização e um rigor no ensino.

O Pelotão da Saúde<sup>19</sup> atuava como um instrumento de controle da higiene do aluno e também uma forma de passar responsabilidade para as crianças que ficavam encarregadas da fiscalização. Um pensamento ocorreu enquanto escrevia essas linhas: para o aluno que fiscalizava deveria ser um momento bem prazeroso, visto que se sentia importante, pois ele era o responsável por manter a ordem e o bem estar entre todos da comunidade escolar.

No meu período de colégio, como aluna e como professora nós tínhamos o pelotão de saúde, você já ouviu falar no pelotão de saúde? Nas escolas nós tínhamos o pelotão de saúde. O que era o pelotão de saúde? Entre os alunos, era designado um aluno pra ser o chefe do pelotão de saúde, então ele levava no braço, durante um mês, um paninho branco assim, preso na manguinha, com uma cruzinha vermelha. (Ana Lúcia)

E ainda, na preocupação com a saúde.

A minha escola sempre teve um dentista, desde a minha época de criança, de aluno, tem um consultório lá. Agora já é obrigatório, mas antes não era obrigatório, mas o Olympio Araújo tinha, sempre teve um consultório. (Ana Lúcia)

---

<sup>19</sup> O Pelotão da Saúde era um movimento entre os professores e alunos da escola. Uma vez por mês um aluno era escolhido para inspecionar as unhas, cabelo e dentes dos colegas. Caso fosse encontrado piolho, cárie ou alguma outra irregularidade na saúde do aluno, os professores agiam para sanar aquela situação.

Também existia um caderninho de férias, que parecia algo penoso para o aluno, que em meio as férias deveriam preocupar-se com os estudos. A educação na infância cercou as narradoras mesmo em épocas em que as brincadeiras deveriam predominar.

Então quer dizer é, o... a escola primária nós tínhamos... um caderno que era o caderno de férias. No último dia de aula de junho, a gente recebia aquele caderno. O caderno vinha numerado dia primeiro de julho, segundo, dois de julho, os deveres. Quando chegava em agosto a gente entregava a professora, ta? Caligrafia, aquele bendito caderno de caligrafia... (Telma)

Embora a merenda não fosse fornecida para todos,

A escola não dava... a gente não merendava na escola, só merendava as crianças da caixa escolar. Porque o governo não mandava merenda. Quem mandava merenda era o projeto, o projeto o que o Governo Federal tinha com os Estados Unidos chamada Aliança pro Progresso. (Telma)

somente para aqueles que mais necessitavam, o ensino era para todos ali matriculados. De acordo com Telma, todos deveriam respeitar a professora, assim como respeitavam os pais, a professora tinha autoridade para bater no aluno, caso houvesse necessidade. Os pais educavam e a escola cobrava essa educação. Nenhum relatou ter apanhado dos pais ou mesmo da professora embora tenhamos consciência de que existiam sim punições corporais, caso houvesse um comportamento que fugisse às normas estabelecidas de estudos e boa educação ao lidar com os pais, professores e mais velhos.

Para Ana Lúcia é no primário que começa a formação do aluno. Sua narrativa enquanto professora primária aposentada é uma fala de quem acredita que é no primário que o ensino deve ser bem embasado e as professoras bem valorizadas e remuneradas.

A professora de primeira série tem que ser muito boa, muito boa pra poder alfabetizar, porque a chave de tudo tá aí, o professor primário é muito desvalorizado. Ele é formador de opinião, ele monta o caráter da pessoa e na minha época, num sei, eu tive uma escola muito boa. Eu não sou uma pessoa muito culta, nem a pessoa mais culta mas do básico eu aprendi, eu assimilei muito bem. (Ana Lúcia)

Professor corrigia sobre a maneira e se eu chegasse em casa e falasse da dona Maria pra mamãe, eu apanhava dobrado. Por quê? Porque eu estava agindo dentro da escola, da sala de aula, fora dos padrões que ela havia me ensinado, porque a escola é o reflexo do que eu tinha em casa. (Telma)

Para Maria Luíza e Telma, duas professoras em especial vieram à tona nesse exercício de rememorar. Foram as professoras mais importantes nesse período por serem responsáveis pelo desenvolvimento intelectual e social dos alunos. No caso específico de Telma, a professora Leninha foi quem desenvolveu a turma. Sua prática preocupada com as crianças desenvolveu na turma certa autonomia e senso crítico, o que levou-as a criar precocemente um movimento no qual pudessem expor suas opiniões.

A dona Eni do senhor Mozart foi minha professora, dentro de pouco tempo ela me passou Português, Matemática, Conhecimentos Gerais, que pegava Geografia, Ciência e um pouquinho da área da saúde. Ela passou essa matéria pra mim, eu estudei, vim, entrei no Olympio Araújo em pouco tempo eu passei nas provas da quarta série. (Maria Luíza)

Quando nós chegamos no terceiro ano, no final do terceiro ano que falaram que iam mudar os professores, que a dona Dalvinha ia mais dar aula na 4ª série porque elas sempre havia dado, que nós fizemos? Nós fizemos uma carta pedindo que quem continuasse a dar aula para a gente fosse a tia Leninha. Crianças. Então as cartas foram assinadas pelos pais e nós apresentamos à direção da escola e na inspeção... então aí perguntou se a de Leninha e tal... tia Dalvinha ficou muito aborrecida conosco, que nós estávamos fazendo revolução com nove anos de idade. (Telma)

Assim como a família, a escola fazia um trabalho de educação musical e desenho com os alunos. Algumas narradoras conviveram com a música dentro de casa, ouvindo o pai tocar algum instrumento. A música já fazia parte da formação das narradoras desde criança e era reforçada pela escola, com as aulas nas quais cantavam os hinos existentes. Embora cantar todos os hinos fosse algo complicado, pois eram muitos e criança normalmente não fica parada muito tempo, hoje elas falam no assunto como algo que a eleva, como algo que as fazem pessoas capacitadas desde pequenas, pois conseguiam cantar todos eles, de pé no pátio.

As aulas de desenho eram vistas como um complemento para o controle motor das narradoras, incentivado muito antes de entrarem para a escola, quando as professoras particulares ou os pais estavam ensinando as primeiras letras.

Nós tínhamos aula de música. A gente saía da sala de aula para cantar na aula de música. Nós tínhamos, é também, né? As sessões cívicas da escola. Nós sabíamos hino da bandeira, não só o hino nacional, hino da bandeira, hino da inconfidência, nós sabíamos um hino do soldado, um hino da marinha, um hino do exército, certo? Tá certo, o período era uma ditadura, nós éramos crianças, mas isso serviu para a nossa formação, para minha formação enquanto pessoa. (Telma)

Nós tínhamos aula com uma professora só, mas uma vez por semana nós tínhamos aulas de contação de história e aula de desenho. Contação de história era a dona Lurdes que dava, ou trocava, dona Lurdes... isso, Lurdes Neme e Lurdes Rocha. Eram duas Lurdes. (Telma)

Nem sempre estudar foi fácil para as narradoras Maria Luíza e Maria Helena. Para Maria Luíza chegar até o primário, um longo caminho foi percorrido e traçado por ela própria, que buscou sua história de uma forma diferente. Empenhada em se tornar professora, compreendi que, para ela, somente os estudos importavam. Ela tinha sede de livros, de conhecimento, de saber, de querer e acima de tudo, de vencer, vencer para se tornar uma professora que faria o que fosse possível pela educação, principalmente daqueles que mais necessitavam. Talvez a constante frase discriminatória que ela mesma coloca por conta de sua raça tenha servido como um desafio que ajudou Maria Luíza a estudar e provar que negro também poderia ser professor sim.

Para Maria Helena, a discriminação não foi por causa da cor, mas por causa de sua classe social. Filha de servente passou situações de discriminação dentro da escola, ainda menina. O problema é que o preconceito partiu de professoras, pessoas que deveriam justamente ser as mais preocupadas em trabalhar a diversidade e não a exclusão. Ao refletir sobre sua trajetória, Maria Helena percebeu que aquela discriminação a influenciou muito em sua prática, pois buscou desenvolver seu trabalho a partir das suas vivências, a partir da discriminação sentida na pele. Criança pode não saber exatamente o que está acontecendo, mas sente quando não é bem quista e bem aceita por aqueles que estão a sua volta.

Eu estudava muito, muito, muito mesmo. Eu estudei muito menina... pra chegar onde cheguei, pra estar onde eu estou. Porque era cobrado, eu achava que naquela época, eu não sei, pra dar a classe pobre, paupérrima, talvez sim, talvez não, pra nos colocar no nosso lugar... que era o problema de negro estudar... “negro não estuda nada, negro é burro”... eu não vou deixar que isso me aconteça, eu vou resolver esse problema, pelo menos a minha parte. (Maria Luíza)

Por minha mãe ser servente escolar, existia, assim, um certo... uma certa distância. O problema era a diretoria que não queria que eu passasse à frente do Zé Geraldo, tá? Mas a nossa amizade não tinha nada a ver, a gente era criança. Então... primeira, primeira turma que fez festa de formatura foi a nossa. E a professora disse assim, vamos eleger a oradora, o orador da turma. E os meus colegas me elegeram oradora da turma. Ela não aceitou. A diretora não aceitou. Quem tinha que ser orador da turma era o filho da secretária. Isso... aí sim já começou a marcar. (Maria Helena)

Apreendido os elementos da história de infância das narradoras que fizeram o primário no Olympio Araújo, analisei as narrativas de Maria Pinto e Elylia, que fizeram o primário na Escola Normal. Na década de 1920, a Escola Normal possuía o ensino primário voltado para a formação católica e com prática docente iniciada já no terceiro ano primário. A preparação para a vida adulta já começava muito cedo, a infância era pouco vivida, pois as responsabilidades escolares, profissionais e familiares vinham antes do tempo certo, antes de se tornarem adultas.

O ensino na Escola Normal fazia um paralelo com a educação familiar, preparando a menina para se tornar uma moça bem educada, preparada profissionalmente para a profissão docente, para conviver em sociedade e se tornar boa mãe.

fiz o primário na Escola Normal. Porque naquela época, as alunas do 3º ano, elas tinham que fazer prática. Então praticar para o ensino do primário. (Maria Pinto)

Então fizemos o curso primário na escola. Na escola pra... popular, nas Irmãs. Porque a mamãe queria que a gente fosse uma pessoa dócil, meiga, educada, sabe? (Elylia)

A disciplina com que as alunas foram educadas partiu dos moldes militares. Elas começavam o dia na escola todas iguais, com a mesma roupa, mesmo comportamento e aquele padrão a seguir, ou seja, respeitosas e respeitadas.

Como toda a regra tem exceção, algumas professoras, embora severas e rigorosas quanto a postura, tinham paciência para explicar os conteúdos, ensinar a desenhar e desenvolver melhor a aptidão para as artes.

Nós formava no pátio. Cantar o Hino Nacional. Aí, agora pode entrar. Aí nós entrava. Mas num era assim aquela bagunça de entrar todo mundo não, sabe? Chegava, fazia as filas assim, no pátio, um atrás do outro, depois escolhia, Hino da Bandeira hoje. Aí todo mundo tinha que saber o Hino da Bandeira. Hino Nacional, Hino da Bandeira, o outro. Esses hinos, esses hinos todos, nacionais, era obrigado a saber. Ce chegava, pra ir pra escola, tinha que saber. Formação, igualzinho soldado. Cantava o hino. (Elylia)

E ainda

A Madre Benigna, que era diretora, era um anjo. Ela senta, ela dava aula de desenho. Sentava nas carteiras com a gente. Cada dia ela sentava com um pra ensinar a desenhar. Sabe ensinar. Ela dava um desenho pra todo mundo, depois sentava com uma pra poder ensinar. (Elylia)

Para Maria Pinto:

Lá a professora, eu tive lá duas professoras muito boas, que foi a Conceição Braga, e a Virgínia Ribeiro. Foram as minhas professoras, a gente brincava muito, era ótimo, no colégio era uma beleza. As irmãs eram muito bravas, sempre foram muito bravas. Mas como eu estudei na Escola Normal desde pequeninha, e depois voltei pra fazer o Curso de Adaptação para o Curso Normal, ela sempre me tratavam com muito carinho, com um certo privilégio lá na escola, porque da minha turma da... do Curso Normal, só eu é que havia estudado o curso primário na Escola Normal.

Elylia lembra a severidade:

A Irmã São Luis ela, lembro dela dos olhinhos azul, lembro dela, se eu fecho assim, vejo ela. E ela chegava na porta, fazia só assim, sabe? Se ela chegasse na porta e fizesse assim, ninguém falava nada. Porque ela era severa mesmo. Muito severa.

Ao remeter a instituição escolar, não poderia deixar de refletir sobre ela ser o único meio que ainda consegue distinguir o adulto da criança, com informações passadas de adultos para crianças. Porém, essa instituição vem sofrendo abalos com o treinamento profissionalizante que reproduz o “adulto em miniatura” Postman (1999, p.166).

A fase primária não consegue mais educar os alunos de forma a buscar seu desenvolvimento físico e mental, como apresentaram minhas narradoras ao contarem sobre o movimento em conjunto para manter a higienização e saúde. As crianças de hoje já chegam com idéias pré-concebidas, principalmente sobre violência e não deixam que o professor consiga romper com essa barreira, muitas vezes formada no próprio meio no qual a criança está inserida.

De acordo com Postman (1999), as meninas de hoje estão agindo e sendo percebidas como mulheres adultas que se maquilam e são dotadas de sexualidade e corpos já iniciados, seja sexualmente, seja preparado fisicamente pelas academias. Uma nova infância que se preocupa em seguir modelos exibidos na televisão como símbolos sexuais e acabam sendo massacrados com as violências constantes noticiadas pelo mesmo veículo que as influencia. Uma infância muito diferente daquela vivida por minhas narradoras, que eram meninas, e não pequenas mulheres preocupadas em manter o físico e a beleza. Suas preocupações eram com o brincar o máximo que o tempo permitisse e até que a mãe as chamassem para comer, dormir ou estudar.

Em sua análise sobre a infância, Postman (1999) retratou essa nova infância nos Estados Unidos, uma nova infância acertadamente bem aplicada às nossas meninas brasileiras que sofrem abusos e muitas vezes são assassinadas em nome dessa sexualidade e quebra entre o mundo

infantil e o mundo adulto. Meninas que são exibidas como material de consumo em minúsculas peças íntimas para o mercado consumidor, cada vez mais exigente.

Não estou fazendo um julgamento das diferentes infâncias, como disse anteriormente no capítulo que trata a infância, estou mostrando como houve um deslocamento dessa nova infância em relação a infância de minhas narradoras. Infâncias essas compreendidas nos primeiros cinquenta anos do século XX.

Para Postman (1999), esse começo do fim se deu a partir da invenção do telégrafo em meados do século XIX e foi ele o grande desencadeador da propagação excessiva das informações, afastando as narrativas da vida das pessoas. Essa informação controlada pelos adultos começou pouco a pouco a fazer parte do mundo das crianças e roubar as informações que eram passadas à infância através da família e da escola, principalmente por meio da televisão.

A televisão é uma invenção, de acordo com Postman (1999) para todas as idades, não existe variação de programação, todo mundo pode assistir tudo. Quem assiste televisão só vê TV, não compreende o que de fato está acontecendo, pois as informações na maioria das vezes são informações inúteis à vida da pessoa. Para ele a televisão elimina a “exclusividade do conhecimento do efeito mundano” (p.98).

Por causa dessa mídia, a infância que por muitos séculos esteve presente na sociedade foi apreendida por Postman (1999) como uma fase da vida que está desaparecendo por causa dos meios de comunicação, pois eles apresentam conteúdos que desvalorizam com a linha tênue entre a infância e o mundo adulto de hoje.

Durante a análise das narrativas e da costura teórica de Postman, pude conhecer as infâncias vivenciadas entre as décadas de 1920 a 1950 e as influências que essas vivências exerceram sobre o processo de formação das narradoras, a partir do olhar atento para a análise de suas falas, de suas histórias.

Ao analisar a narrativa de minhas narradoras, percebo uma reflexão que elas próprias fizeram sobre a infância vivenciada por cada uma, sem preocupação em seguir modelos exibidos na televisão, porque não existia televisão. Muitas falaram de uma época em que se respeitavam os pais, uma época em que as brincadeiras eram na rua, respeitando os colegas, e não brincadeiras que levam uma menina antes dos quinze anos para uma sala de parto, para que tenha uma boneca que fala, anda e durante muito tempo será um brinquedo responsável por tirar o sono da mãe.

Era uma época, percebi isso através da leitura de Postman (1999), que se enquadra no princípio do fim da infância, ou seja, no final de uma concepção de infância que sofreu deslocamento para uma infância midiática que está esmagadoramente desaparecendo com uma infância que só poderá ser conhecida através dos livros e das memórias daqueles que a vivenciaram.

Pela memória, minhas narradoras puderam compreender sobre o passado e a educação de cada uma, como uma proposta que as fez refletir sobre a educação na infância, num processo que começou antes mesmo da escolarização. Suas narrativas permitiram perceber as inquietações, as frustrações e o caminhar junto, num trabalho paralelo, da educação escolar, familiar e religiosa vivenciadas na infância.

Ao analisar a narrativa das professoras, não procurei o sentido verdadeiro do que estavam dizendo, se estavam falando a verdade ou se narravam algo inventado. Eu estava voltada para o funcionamento que as narrativas exerceram nas próprias narradoras e como esse funcionamento refletiu no olhar preocupado com a educação.

Suas narrativas estiveram apimentadas com histórias de preconceito, de cobranças, de convívio social e principalmente de terem vivido uma infância que se preocupava em conhecer o que o mais velho tinha a passar. Vivências que poderiam ser apreendidas e absorvidas como lição de vida.

## MEMÓRIAS E HISTÓRIAS NÃO PARAM POR AQUI

Eu não tinha este rosto de hoje,  
Assim calmo, assim triste, assim magro,  
Nem estes olhos tão vazios,  
Nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força,  
Tão paradas e frias e mortas;  
Eu não tinha este coração  
Que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,  
Tão simples, tão certa, tão fácil:  
- Em que espelho ficou perdida a minha face?

(Retrato – Cecília Meireles)

Ao pensar no caminho percorrido com a realização dessa pesquisa a única certeza que tenho é de que ele não se encerra por aqui. Ele apenas recebe uma reticências para que sirva como ponto de partida para novas percepções a respeito da educação de Rio Novo, da análise dos professores a partir do olhar sobre sua trajetória e das possibilidades e reinvenções da prática docente num contexto mais amplo.

No caminho percorrido, percebi que não foi fácil consegui focar naquela que se tornou minha questão de investigação. Ela só ficou clara depois da pesquisa de campo, antes eu tinha muitas possibilidades, mas nenhuma oficialmente decidida. Definida a questão de investigação, percebi que chegar naquelas que seriam de fato as narradoras não foi tão fácil quanto eu imaginava. Depois de muitos não por vários motivos de saúde, política ou falta de interesse em participar da pesquisa, consegui fechar o grupo com as sete damas que muito contribuíram com suas preciosas histórias.

Realizar essa pesquisa foi aprender a ouvir e conhecer o outro, foi compreender que muitas vezes precisamos rever nosso passado para repensar o futuro. Pensar em possibilidades de práticas em sala de aula com os alunos, a partir dos conhecimentos prévios que eles possuem.

A pesquisa com memória e história oral possibilitou as narradoras se tornarem sujeitos de sua própria história. As leituras sobre o recurso da memória e da história oral permitiram-me chegar às respostas as minhas questões latentes. Questões essas que me instigavam a conhecer como foi a infância de algumas professoras aposentadas de Rio Novo e mais, quais foram os

elementos vivenciados nesse período de formação de cada uma. Minha intenção não foi julgar a veracidade de suas histórias, minha proposta foi ouvir e conhecer todas as lembranças de infância permitidas pela memória.

O foco para as memórias de infância veio na pesquisa de campo, quando as narradoras começaram a contar suas histórias de vida. Embora todos os momentos contados tanto na infância, quanto adolescência e prática docente tenham sido muito interessantes e cada um com seu aspecto particular, foi a infância que mais chamou a atenção pelas histórias de família, as primeiras letras e as primeiras experiências escolares vivenciadas em momentos diferentes e com características bem parecidas, que influenciaram o processo de formação de cada uma.

Para juntar memória, história oral e história de infância, recorri aos estudos de autores específicos de cada área e costurei todas as propostas com base no pensamento de Benjamin, assim como Freitas (1998)

para responder a essas questões, nos propusemos antes de ir a campo, a construir o fio condutor de nossas análises partindo de um estudo fundamentado no pensamento de Benjamin. Foi a compreensão de que o homem é um sujeito histórico que se desenvolve e se transforma na relação com o outro, com seu contexto e sua cultura, que nos levou ao encontro dos professores pesquisados. (p.11)

Durante a realização da pesquisa de campo percebi que a grande maioria das professoras a quem procurei arrumavam desculpas para não contribuir em minhas investigações por medo de falar frente a câmera e expor suas vidas, seus medos e anseios. Percebi ainda que em Rio Novo existem grupos bem fechados de professoras que não gostam de falar sobre o assunto educação e que algumas poucas estão totalmente a favor de fazer o necessário para que a educação na cidade – seja ela familiar ou escolar, já que as duas caminham juntas – sempre seja revista, buscando reformulações no processo de ensino-aprendizagem.

Foram justamente as professoras empenhadas no avanço da educação de Rio Novo que contribuíram diretamente com essa pesquisa ao abrirem as portas de suas casas e de seus corações, ao permitirem que suas memórias fossem evocadas para eu conhecer suas histórias e elas, olhando no espelho do tempo, analisarem suas trajetórias.

Ao longo das narrativas muitas histórias contadas trouxeram consigo as expressões corporais e emoções muitas vezes incontidas e apresentadas através das lágrimas e das pausas nas falas, que também foram causadas pelos lapsos do tempo.

As narrativas sobre as memórias de infância transitaram da década de 1920 a 1950 e permitiram compreender que a infância em Rio Novo sempre esteve sob um olhar muito atento dos adultos que se preocupam com a educação infantil como um todo, ou seja, com uma educação que une família, escola, convívio social e religiosidade.

O período analisado foi assim considerado a partir das reflexões de Neil Postman sobre a infância pré-mídia concebida entre 1850-1950, momento que engloba as décadas da pesquisa. Ao focar nesse período, consegui perceber que antes da televisão invadir a casa das pessoas e influenciar essa nova infância, as crianças brincavam mais umas com as outras e em diferentes espaços que as permitiam correr, esconder, imaginar e recriar. Nesses espaços, como o terreiro e a rua, as crianças interagiam e respeitavam umas as outras, sabiam ouvir e expor suas opiniões.

Não existiam brinquedos eletrônicos, desses que muitas vezes fazem com que a criança perca horas com os olhos grudados na tela de uma TV ou de um computador, como se estivessem hipnotizadas. Os brinquedos muitas vezes eram produzidos com barro e tecido, como as bonecas citadas por Mariinha e Ana Lúcia.

Na infância de minhas narradoras, ouviam-se histórias contadas pelos mais velhos e os gibis eram um grande desencadeador da imaginação, como conta Telma sobre sua paixão pelos quadrinhos e Elylia sobre suas brincadeiras de Tarzan no quintal de casa. Atualmente as crianças não brincam nos quintais mais, só na frente de uma televisão com manetes e jogos de última geração. Muitos gibis viraram peças de colecionadores e raramente são lidos pelas crianças de hoje.

Na educação familiar os pais eram os responsáveis pela educação dos filhos. O pai, conforme citado por Elylia e Mariinha, era aquele que se preocupava com as primeiras letras dos filhos, antes mesmo que entrassem para a escola. Já a mãe era aquela mulher que ficava em casa cuidando dos filhos e dos afazeres domésticos. Algumas eram professoras e deixaram a profissão em nome da família, para acompanhar de perto a educação dos filhos e das boas maneiras das meninas. Em muitas famílias de Rio Novo, era comum a educação musical das meninas, como contou Elylia e Maria Pinto que desde pequena aprenderam a tocar piano, incentivadas pelos pais músicos.

Atualmente as crianças além de quase não brincarem mais na rua, a educação dada pelos pais perdeu seu espaço na vida dos filhos, para que a televisão faça parte da formação deles. As brincadeiras de rua agora existem na memória daqueles que a vivenciaram e as brincadeiras de

boneca, que antes eram feitas de papelão, agora são brincadas com bonecas vivas, que choram, andam e falam. A infância de hoje, mais voltada para a mídia, com um turbilhão de informações que influenciam o consumismo, o erotismo e a adultização precoce parece não conhecer mais aquela infância das invenções, da não industrialização dos brinquedos, das histórias contadas pelos mais velhos, como apontaram minhas narradoras que mesmo tendo idades diferentes, apresentaram elementos bem parecidos ao longo da vivência infantil.

Mesmo com quatro décadas de diferença entre a professora mais antiga e a mais nova do grupo, apreendi que aquelas vivências que influenciaram a formação das narradoras foram passadas de tempos em tempos, através de histórias e expressões registradas na memória, como narrou Maria Luíza ao rememorar a professora de seus primos, que era o exemplo que queria seguir. Telma também lembrou que sua opção pelo magistério se deu por influência da mãe professora, apaixonada pela profissão.

A partir das narrativas, muitos elementos vivenciados na infância vieram à tona e trouxeram a importância que tiveram para cada uma, como as brincadeiras de rua, de boneca, o papel dos pais no processo de formação das narradoras, os primeiros anos escolares, dentre outros tantos momentos.

Cada pedacinho a mim fornecido foi degustado como um bom prato típico, pois pude entender como era a infância em Rio Novo nos primeiros cinquenta anos dos séculos XX. Através da história das brincadeiras, pude compreender como as meninas conseguiam desenvolver o convívio social com o outro e transcender a realidade para um mundo no qual tudo podem, inclusive ser mãe.

Conhecer as singularidades de cada história de vida a mim confiada e o todo que pude construir a partir da análise das professoras sobre caminhos percorridos foi possibilitar uma realização pessoal – visto que minhas origens partiram daquele local – e acadêmica pois é uma cidade onde foram realizadas pouquíssimas pesquisas sobre a educação, principalmente com professora enquanto sujeitos de sua história.

Acredito e espero que minha pesquisa não se encerre por aqui e deixe latente a curiosidade e ansiedade para novas realizações que busquem analisar a educação brasileira e as práticas pedagógicas a partir do olhar do professor e/ou do aluno sobre suas vivência e conhecimentos prévios.

## REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. História social da infância e da família. Rio de Janeiro: Zahar, 1973

ATIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. In: Revista Estudos históricos: Arquivos pessoais. Rio de Janeiro: V. 11, n.º 21, 1998

BARROS, Myriam Moraes Lins de. **Memória e Família**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 29-42.

BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas - Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987

\_\_\_\_\_. Obras escolhidas - Rua de mão única. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995

BERGSON, Henri. **Memória e vida**. São Paulo: Martins e Fontes, 2006

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

\_\_\_\_\_. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê editorial, 2003

CASTETS, B. **O corpo e sua memória**. In: HERMANT, G. O corpo e sua memória. São Paulo, Editora Mande, 1988

COSTA, Gilmara Benevides. **A reconstrução social da memória e da história: um estudo etnográfico sobre Pedro Velho – RN**. In: Revista de Humanidades V.5, n. 12, out./nov.2004  
Disponível em <http://www.seol.com.br/mneme>

CUNHA, Maria Isabel da. Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. In Revista da Faculdade de Educação. São Paulo: V. 23, n.º 1-2, jan/dez 1997

DESOBEAU, F.. **“Lembrete” ou traços corporais da vivência**. In: HERMANT, G. O corpo e sua memória. São Paulo, Editora Mande, 1988

FRAGA, Alex Branco. Anatomias emergentes e o Bug muscular: Pedagogias do corpo no limiar do século XXI (Cap. 4). In: SOARES, Carmen (Org.). **Corpo e História**. 3.<sup>a</sup> edição. São Paulo: Autores Associados, 2006.

FRANCE, Claudine de. **Cinema e Antropologia**. Campinas, Editora da Unicamp, 1998

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 1996, coleção leitura.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção (Org.). Narrativas de professoras: pesquisando leitura e escrita numa perspectiva sócio-histórica. Rio de Janeiro: Ravel, 1998

\_\_\_\_\_. Memória de Professoras: História e Histórias. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2000

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. Imagens Entrecruzadas de Infância e de Produção Ed Conhecimento Histórico em Walter Benjamin. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; PRADO, Patrícia Dias (Org.). Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças. Campinas: Autores Associados, 2002 – coleção educação contemporânea

GONDRA, José. História, Infância e escolarização. 1.<sup>a</sup> edição. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo. Editora Revista dos tribunais Ltda, 1990

HALL, Michael M. **História oral: os riscos da inocência**. In: O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: DPH, 1992

HUYSEN, Andréas. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

KUHLMANN JUNIOR, Moysés. História da Infância: Brasil e modernidade. In: Seminário do projeto A infância e a sua educação (1820-1950): materiais, práticas e representações. São Paulo: julho de 2003.

\_\_\_\_\_. Infância e educação Infantil – uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação, 1998.

LARROSA, Jorge e LARA, Núria Pérez de (Orgs.). Imagens do outro. Petrópolis: Vozes, 1998

LALLERY, H. **A memória psicomotora – o adulto e suas inibições**. In: HERMANT, G. O corpo e sua memória. São Paulo, Editora Mande, 1988

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5.<sup>a</sup> edição. Campinas, editora da unicamp, 2003

LINS, Consuelo. **O documentário de Eduardo Coutinho – televisão, cinema e vídeo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004

NORA, Pierre. **Entre memória e história: A problemática dos lugares**. In: Revista Projeto História do Programa de Estudos de Pós-Graduados em história e do departamento de História da PUC – Sp. São Paulo, Educ. Editora da PUC – SP, 1993.

PÉREZ, Carmen Lúcia. **Sentidos emancipadores das narrações de memória**. In: Revista Presença Pedagógica, v.12, n.º 67, jan/fev 2006

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro: V. 2, n.º 3, 1989, p. 13-15

\_\_\_\_\_. Memória e Identidade Social. In Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro: V. 5, n.º 10, 1992, p. 200-212

POSTMAN, Neil. O desaparecimento da infância. Rio de Janeiro: Graphia, 1999

ROCHA, AnaLuiza Carvalho da e Eckert, Cornelia. **Imagens do tempo nos meandros da memória**. In: KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (org.). Imagem e memória: ensaios de antropologia visual. Rio de Janeiro: Garamond, 2001

PINTO, Manuel. A infância como construção social. In: SARMENTO, Manuel Jacinto e PINTO, Manuel. A infância como construção social.

SCHEIN, I. **Lembrança e impressão – inscrita no corpo, gravada na carne**. In: HERMANT, G. O corpo e sua memória. São Paulo, Editora Mande, 1988

SIQUEIRA, Renato Lopes de; BOTELHO, Maria Izabel Vieira; COELHO, France Maria Gontijo. **A velhice: algumas considerações teóricas e conceituais**. Temas Livres. Universidade federal de Viçosa, 2002

VIGOTSKI, L.S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 2008

**Monografia de Conclusão de curso**

VIEIRA, Maria Aparecida Oliveira et all. **A história do município**. Monografia de conclusão de curso pela UFOP, junho de 2002.

**Periódicos**

Jornal O SUL DA MATA. **A Colonização do Sertão do Rio Novo**. 27 de setembro de 2002

Jornal O SUL DA MATA. **Origem do povoado de Nossa Senhora da Conceição do Rio Novo**. 04 de outubro de 2002

Jornal O SUL DA MATA. **O desenvolvimento e emancipação de Rio Novo**. 11 de outubro de 2002

Jornal O SUL DA MATA. **Desenvolvimento econômico e político de Rio Novo**. 18 de outubro de 2002

## ANEXOS

### LEI N.º 024

Institui a Bandeira do Município de Rio Novo.

A Câmara Municipal de Rio Novo decretou e eu, Prefeito sanciono a seguinte lei:

Art. 1º - Fica instituída a Bandeira do Município de Rio Novo, de conformidade com o disposto no artigo 1º, § 3º da Constituição Federal, e cujo uso foi regulamentado pelo Executivo Municipal, através de decreto "*ad referendum*" do Legislativo Municipal.

Art. 2º - A Bandeira ora criada, apresenta as características do Brasão de Armas do Município, criado pela Lei Municipal n.º 12 de 1º de junho de 1967, conforme anexo e de acordo com o que se descreve abaixo:

#### DESCRITIVO:

De acordo com a tradição de heráldica portuguesa, da qual herdamos os cânones e regras, as bandeiras municipais podem ser oitavadas, esquarteladas ou terciadas, tendo por cores as mesmas constantes do campo do escudo e ostentando ao centro o Brasão do Município.

A Bandeira Municipal de Rio Novo, obedece essa regra geral, sendo esquartelada, possibilitando com essa configuração a colocação das faixas em formato de cruz, perenizando nesse símbolo a motivação histórica da fundação da cidade que se desenvolveu em torno de uma capela construída sob a égide de Nossa Senhora da Conceição, sendo uma afirmação dos Pendores religiosos de seu povo.

O Brasão aplicado ao centro da Bandeira, representa o Governo Municipal (Executivo e Legislativo) e o losango onde é aplicado simboliza a própria cidade, sede do Município.

As faixas simbolizam a irradiação do Poder Municipal a todos os quadrantes do território do Município e os quartéis assim constituídos representam as propriedades rurais existentes nesse território.

São os quartéis carregados do crescente e a flor-de-liz em branco, símbolo de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da cidade.

No sentido literário, a Bandeira Municipal de Rio Novo poderia ser interpretada: "com nobreza, lealdade e perseverança (azul) sob as bênçãos de Nossa Senhora da Conceição (crescente e flor-de-liz), o povo de Rio Novo trabalha em paz (branco), unido pelos mesmos ideais de grandeza, riqueza e esplendor (amarelo) e a esperança (verde) de um futuro grandioso para a sua cidade (brasão) e glória de nossa Pátria comum (verde e amarelo).

Art. 3º - Para ocorrer as despesas decorrentes da presente lei, poderá ser aberto o crédito especial necessário, por decreto Executivo;

Art. 4º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Mando, portanto, a todas as pessoas a quem o conhecimento e execução pertencer a presente lei, que a cumpram e façam cumprir, tão inteiramente como nela se contém.

Prefeitura Municipal de Rio Novo, 24 de novembro de 1967.

O Prefeito - Ronaldo Dutra Borges

A Secretária - Zenith Camacho Carpanez

## LEI N.º 12

Aprova o Brasão de Armas do  
Município de Rio Novo.

O Povo do Município de Rio Novo, por seus legítimos representantes e eu, Prefeito sanciono a seguinte lei:

Art. 1º - Fica aprovado e posto em execução para uso oficial o BRASÃO DE ARMAS DO MUNICÍPIO DE RIO NOVO, de acordo com a seguinte composição heráldica:

Escudo português partido em dois campos, tendo ainda, uma campanha ou contra-chefe. No primeiro campo de goles (vermelho), um gibão de bandeiras, de ouro; no segundo quartel cortado, destacam-se dois campos. No primeiro, de blau (azul), uma capela de prata e, no segundo, de ouro, a silhueta da cabeça de bovino, de blau (azul); na campanha, de sinople (verde) uma faixa ondada, de prata. Como suportes, à destra e à sinistra, respectivamente, uma haste de arroz e outra de milho, transpassando um listel de goles (vermelho), com os seguintes dizeres: 1850 – RIO NOVO – 1870, de prata, tudo encimado com a coroa mural de cinco torres, de prata, tendo sob a torre central uma elipse de blau (azul) carregada de uma flor de liz, de ouro;

Art. 2º - O Executivo deverá mandar confeccionar brasões, constando nos mesmos os elementos acima descritos;

Parágrafo Único – Para ocorrer às despesas advindas da execução da presente lei, poderá o Prefeito abrir na época própria, o crédito especial necessário, por decreto;

Art. 3º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Mando, portanto, a todas as autoridades a quem o conhecimento e execução da presente lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir, tão inteiramente como nela se contém.

Prefeitura Municipal de Rio Novo, 1º de junho de 1967.

- a) Ronaldo Dutra Borges – Prefeito.
- b) Zenith Camacho Carpanez – Secretária.

## HYMNO RIO NOVO LETRA DE CARMO GAMA

(Cantado com música da distinta professora Maria Dias)

### SÓLOS

Salve, gentil Rio Novo,  
Filha de Minas Geraes!  
Salve! No amor de teu povo!  
Salve! Em teus bellos anais!

Em teu louvor nossas vozes,  
**CÔRO** Destes peitos juvenis,  
Voem, céleres, velozes,  
Por todo o vasto paiz!

Teu seio immenso thesouro,  
Celleiro de promissão,  
Offerece pomos d'ouro,  
Do trabalho em galardão.

Do fundo valle ás collinas,  
Fez te grande a natureza,  
Gemma sem jaça de Minas,  
Berço de amor e belleza.

Por isso intensos palpitam  
Por ti mil peitos ferventes  
De todos que em tí habitam,  
Dos próprios filhos ausentes

Céres, com mão carinhosa,  
Com tanto afago te orvalha,  
Que mil por um, dadivosa,  
Pagas sempre a quem trabalha.

Flora a Pomona em teus prados  
Onde a vida prepondera  
Em flores e frutos grados  
Dão-te infinda primavera

O deus das artes, Apollo,  
Do olympto, a etherea mansão,  
Fecunda sempre teu solo  
No sol da doce instrucção

Ela, Rio Novo! caminha  
Aos galarins do porvir!  
Todo o triumpho se aninha  
Nas azas do progredir.

Sejam teus filhos titans,  
Unidos em teu amor:  
Por teu bem os seus afans,  
O seu constante labor.

Abre teu ubere seio  
A indústria; dá-lhe gasalho:  
Ella é o filão, farto veio  
Que recompensa o trabalho.

Protege as lettras; teus filhos  
Subtráe das trevas á luz,  
Do amor lhes mostra os rebrilhos  
Nas santas leis de Jesus.

Assim, nos doces cantares  
Da grata posteridade,  
Céos de paz serão teus lares  
No amor, na felicidade.

Salve, terra hospitaleira,  
Na paz e união de teu povo!  
Salve, perola, mineira,  
Salve, gentil Rio Novo!

Abril de 1915

**Hino A Rio Novo**  
**Letra: "Fusileiro Naval"**

Bandeirantes desbravando a floresta  
Despararam com um ribeiro sinuoso  
Parece "Carangueijo" eles disseram em tom de festa  
Qual surpresa, à frente o rio, era caudaloso.

Refrão

Rio Novo, assim será chamado  
Nome do rio, terá a cidade  
Povoado por desbravadores formado  
Rio Novo, Rio Novo, cidade que nos traz felicidade

Abençoada por Senhora Conceição  
Nossa Santa Aparecida da Cachoeira  
Por devoção do povo e lendária tradição  
Nós os rionovenses a consagramos Padroeira

Refrão

Terra mineira, cidade de povo culto  
De gente amiga e hospitaleira  
Cidade amada, orgulhosa de seus grandes vultos  
Rio Novo, orgulho desta Nação brasileira

**Autorização de imagem**

Eu, Ana Lúcia C. Gonçalves, identidade MG-11.107.093,  
CPF 488585366-49 abaixo assinado, concedo para livre utilização os direitos sobre a  
minha imagem e som da minha voz neste ato à Emmanuelle D. Vaccarini  
para o projeto pesquisa de mercado a qualquer tempo, autorizando,  
conseqüentemente, sua utilização, distribuição e exibição da obra audiovisual, por todo e  
qualquer veículo, processo, ou meio de comunicação e publicidade, existentes ou que venham a  
ser criados, notadamente, mas não exclusivamente, em cinema, televisão, TV por assinatura, TV  
a cabo, *pay per view*, ondas hertzianas, transmissões por satélite, vídeo, *video laser*, *home video*,  
disco, disco *laser*, CD-ROM, em exibições públicas e/ou privadas, circuitos fechados, aeronaves,  
navios, embarcações, plataformas de petróleo, e/ou quaisquer outros meios de transporte, assim  
como na divulgação e/ou publicidade em rádio, revistas, jornais, cinema e televisão, para  
exibição pública ou domiciliar, reprodução no Brasil e exterior, exibições em festivais, projeto  
universitário ou outros meios que se fizerem necessários. Informo ainda que participei de livre e  
espontânea vontade, sem receber nenhum tipo de cachê para participação em tal obra.

Juiz de Fora, 21 de agosto de 2008

Alcgonçalves

---

**Autorização de imagem**

Eu, Maria Luiza, identidade 2019561,  
CPF 488585985, abaixo assinado, concedo para livre utilização os direitos sobre a  
minha imagem e som da minha voz neste ato à Emmanuelle Dias Vaccarini,  
para o projeto Pesquisa de mercado a qualquer tempo, autorizando,  
conseqüentemente, sua utilização, distribuição e exibição da obra audiovisual, por todo e  
qualquer veículo, processo, ou meio de comunicação e publicidade, existentes ou que venham a  
ser criados, notadamente, mas não exclusivamente, em cinema, televisão, TV por assinatura, TV  
a cabo, *pay per view*, ondas hertzianas, transmissões por satélite, vídeo, *video laser*, *home video*,  
disco, disco *laser*, CD-ROM, em exposições públicas e/ou privadas, circuitos fechados, aeronaves,  
navios, embarcações, plataformas de petróleo, e/ou quaisquer outros meios de transporte, assim  
como na divulgação e/ou publicidade em rádio, revistas, jornais, cinema e televisão, para  
exibição pública ou domiciliar, reprodução no Brasil e exterior, exposições em festivais, projeto  
universitário ou outros meios que se fizerem necessários. Informo ainda que participei de livre e  
espontânea vontade, sem receber nenhum tipo de cachê para participação em tal obra.

Juiz de Fora, 21 de agosto de 2008

Maria Luiza da Silva

---

**Autorização de imagem**

Eu, Maíra Cláudia Gonçalves, identidade 288.794,  
CPF 62.92.04.996.53, abaixo assinado, concedo para livre utilização os direitos sobre a  
minha imagem e som da minha voz neste ato à Emmanuelle Dias Vaccavini,  
para o projeto Pesquisa de método a qualquer tempo, autorizando,  
conseqüentemente, sua utilização, distribuição e exibição da obra audiovisual, por todo e  
qualquer veículo, processo, ou meio de comunicação e publicidade, existentes ou que venham a  
ser criados, notadamente, mas não exclusivamente, em cinema, televisão, TV por assinatura, TV  
a cabo, *pay per view*, ondas hertzianas, transmissões por satélite, vídeo, *vídeo laser*, *home vídeo*,  
disco, disco *laser*, CD-ROM, em exibições públicas e/ou privadas, circuitos fechados, aeronaves,  
navios, embarcações, plataformas de petróleo, e/ou quaisquer outros meios de transporte, assim  
como na divulgação e/ou publicidade em rádio, revistas, jornais, cinema e televisão, para  
exibição pública ou domiciliar, reprodução no Brasil e exterior, exibições em festivais, projeto  
universitário ou outros meios que se fizerem necessários. Informo ainda que participei de livre e  
espontânea vontade, sem receber nenhum tipo de cachê para participação em tal obra.

Juiz de Fora, 21 de agosto de 2008



**Autorização de imagem**

Eu, Maria Rêgina Marques da Silva, identidade M-644052 SSP/MG  
CPF 076736126-15 abaixo assinado, concedo para livre utilização os direitos sobre a  
minha imagem e som da minha voz neste ato à Emmanuelle Dion Vazeanini,  
para o projeto Pesquisa de mercado a qualquer tempo, autorizando,  
conseqüentemente, sua utilização, distribuição e exibição da obra audiovisual, por todo e  
qualquer veículo, processo, ou meio de comunicação e publicidade, existentes ou que venham a  
ser criados, notadamente, mas não exclusivamente, em cinema, televisão, TV por assinatura, TV  
a cabo, *pay per view*, ondas hertzianas, transmissões por satélite, vídeo, *video laser*, *home video*,  
disco, disco *laser*, CD-ROM, em exibições públicas e/ou privadas, circuitos fechados, aeronaves,  
navios, embarcações, plataformas de petróleo, e/ou quaisquer outros meios de transporte, assim  
como na divulgação e/ou publicidade em rádio, revistas, jornais, cinema e televisão, para  
exibição pública ou domiciliar, reprodução no Brasil e exterior, exibições em festivais, projeto  
universitário ou outros meios que se fizerem necessários. Informo ainda que participei de livre e  
espontânea vontade, sem receber nenhum tipo de cachê para participação em tal obra.

Rio Novo, 21 de agosto de 2008

Maria Rêgina Marques da Silva

---

**Autorização de imagem**

Eu, Leila Luísa Duarte Ferreira, identidade MG 353056,  
CPF 28040384672, abaixo assinado, concedo para livre utilização os direitos sobre a  
minha imagem e som da minha voz neste ato à Emmanuelle Dias Vecearini,  
para o projeto Resquisa de método a qualquer tempo, autorizando,  
conseqüentemente, sua utilização, distribuição e exibição da obra audiovisual, por todo e  
qualquer veículo, processo, ou meio de comunicação e publicidade, existentes ou que venham a  
ser criados, notadamente, mas não exclusivamente, em cinema, televisão, TV por assinatura, TV  
a cabo, *pay per view*, ondas hertzianas, transmissões por satélite, vídeo, *video laser*, *home video*,  
disco, disco *laser*, CD-ROM, em exibições públicas e/ou privadas, circuitos fechados, aeronaves,  
navios, embarcações, plataformas de petróleo, e/ou quaisquer outros meios de transporte, assim  
como na divulgação e/ou publicidade em rádio, revistas, jornais, cinema e televisão, para  
exibição pública ou domiciliar, reprodução no Brasil e exterior, exibições em festivais, projeto  
universitário ou outros meios que se fizerem necessários. Informo ainda que participei de livre e  
espontânea vontade, sem receber nenhum tipo de cachê para participação em tal obra.

Rio Novo, 21 de agosto de 2008

Leila Luísa Duarte Ferreira

---

**Autorização de imagem**

Eu, Maria da Conceição Santos Duarte, identidade 5.409.303,  
CPF 102.661.356-68, abaixo assinado, concedo para livre utilização os direitos sobre a  
minha imagem e som da minha voz neste ato à Emmanuelle D'iss Veeemini,  
para o projeto Pesquisa de mercado a qualquer tempo, autorizando,  
conseqüentemente, sua utilização, distribuição e exibição da obra audiovisual, por todo e  
qualquer veículo, processo, ou meio de comunicação e publicidade, existentes ou que venham a  
ser criados, notadamente, mas não exclusivamente, em cinema, televisão, TV por assinatura, TV  
a cabo, *pay per view*, ondas hertzianas, transmissões por satélite, vídeo, *video laser*, *home video*,  
disco, disco *laser*, CD-ROM, em exibições públicas e/ou privadas, circuitos fechados, aeronaves,  
navios, embarcações, plataformas de petróleo, e/ou quaisquer outros meios de transporte, assim  
como na divulgação e/ou publicidade em rádio, revistas, jornais, cinema e televisão, para  
exibição pública ou domiciliar, reprodução no Brasil e exterior, exibições em festivais, projeto  
universitário ou outros meios que se fizerem necessários. Informo ainda que participei de livre e  
espontânea vontade, sem receber nenhum tipo de cachê para participação em tal obra.

Rio Novo, 02 de Setembro de 2008



**Autorização de imagem**

Eu, Elycia de Mattos, identidade M-89303,  
CPF 488 58 74963, abaixo assinado, concedo para livre utilização os direitos sobre a  
minha imagem e som da minha voz neste ato à Emmanuelle Dias Vazeerani,  
para o projeto Resquisa de meshad a qualquer tempo, autorizando,  
conseqüentemente, sua utilização, distribuição e exibição da obra audiovisual, por todo e  
qualquer veículo, processo, ou meio de comunicação e publicidade, existentes ou que venham a  
ser criados, notadamente, mas não exclusivamente, em cinema, televisão, TV por assinatura, TV  
a cabo, *pay per view*, ondas hertzianas, transmissões por satélite, vídeo, *video laser*, *home video*,  
disco, disco *laser*, CD-ROM, em exibições públicas e/ou privadas, circuitos fechados, aeronaves,  
navios, embarcações, plataformas de petróleo, e/ou quaisquer outros meios de transporte, assim  
como na divulgação e/ou publicidade em rádio, revistas, jornais, cinema e televisão, para  
exibição pública ou domiciliar, reprodução no Brasil e exterior, exibições em festivais, projeto  
universitário ou outros meios que se fizerem necessários. Informo ainda que participei de livre e  
espontânea vontade, sem receber nenhum tipo de cachê para participação em tal obra.

Rio Novo, 02 de setembro de 2008

Elycia de Mattos

---